

Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)

Ensaaios sobre o corpo observado



Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)

Ensaaios sobre o corpo observado





Ensaaios sobre o Corpo Observado

Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)

© copyright 2019 by UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA UEMA

DIVISÃO DE EDITORAÇÃO

Jeanne Ferreira de Sousa da Silva

EDITOR RESPONSÁVEL

Jeanne Ferreira de Sousa da Silva

CONSELHO EDITORIAL

Alan Kardec Gomes Pachêco Filho

Ana Lucia Abreu Silva

Ana Lúcia Cunha Duarte

Cynthia Carvalho Martins

Eduardo Aurélio Barros Aguiar

Emanoel Cesar Pires de Assis

Emanoel Gomes de Moura

Fabíola Oliveira Aguiar

Helciane de Fátima Abreu Araújo

Helidacy Maria Muniz Corrêa

Jackson Ronie Sá da Silva

José Roberto Pereira de Sousa

José Sampaio de Mattos Jr

Luiz Carlos Araújo dos Santos

Marcelo Cheche Galves

Marcos Aurélio Saquet

Maria Medianeira de Souza

Maria Claudene Barros

Rosa Elizabeth Acevedo Marin

Wilma Peres Costa

Capa e Diagramação: Fábio Soares da Costa

Todas as imagens com acesso público de: <https://pixabay.com/pt/>

E59 Ensaaios sobre o corpo observado [recurso eletrônico] / organizadores, Fábio Soares da Costa, Edvaldo César da Silva Oliveira, Regina Célia Vilanova-Campelo; prefácio de Ana Maria da Silva Rodrigues. – [S. l.]: EDUEMA, 2022.

148 p. :il. color.

Vários autores.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-8227-268-8

1.Corpo. 2.Autoestima. 3.Expressão corporal. 4.Gênero.
5.Interdisciplinaridade. I.Costa, Fábio Soares da. II.Oliveira, Edvaldo César da Silva. III.Vilanova-Campelo, Regina Célia. IV.Rodrigues, Ana Maria da Silva. V.Título.

Elaborado por Giselle Frazão Tavares - CRB 13/665





Prefácio

Corpo observado, corpo vivente

O livro “Ensaaios sobre o corpo observado”, organizado por Fábio Soares da Costa, Edvaldo César da Silva Oliveira e Regina Célia Vilanova-Campelo, é uma coletânea que reflete sobre o corpo, suas contradições e possibilidades em diferentes perspectivas, apontando-o como categoria de análise multifacetada, complexa e premente por estar em debates críticos como esse que apresentamos, visto que ter corpo é ser, viver o corpo é sentir-se, pensar o corpo é existir. “Penso logo existo”, a máxima cartesiana é aqui atualizada pois não somente por pensar existimos, mas por ser corpo somos e por sermos, existimos. Corpo é subjetividade e é coletividade; é indivíduo e é cultura; é estar e ser. Então, somos logo existimos.

“Ensaaios sobre o corpo observado” presenteia o leitor com dez textos sobre o corpo, abarcando aspectos como o corpo infantil, o corpo negro, o corpo atlético, o corpo na escola, o corpo na mídia, o corpo instagramado, o corpo na dança e nos atualiza sobre o corpo aprisionado em tempos de pandemia. Ao ler cada texto, o leitor se transporta para o lugar-comum do corpo-objeto, coisificado, apropriado pelas instancias sociais nas quais o corpo adquire status de objeto de consumo. Mas a crítica que se faz a esta vertente de reducionismo, de aprisionamento aponta para a necessidade e possibilidade de superação em um processo de reapropriação corpórea partindo do princípio da autonomia do sujeito, de sujeito com autoestima e autoconceitos elevados, de sujeito integral e único que tudo pode, inclusive ser feliz consigo.

Somos corpo, mente, espirito; somos vivente, pensante, pulsante. O corpo-sujeito que desejamos, aquele que usufrui de suas potencialidades e capacidades entende que suas necessidades e carência são existência mutua entre ser e ter e que antes de tudo é corpo-vida, é potencialidade e superação.

Diante de tantas urgências, as reflexões apresentadas neste livro repercutem as dualidades e os extremos sobre o corpo tão bem observados ao longo da história e no cotidiano dos nossos dias, tais como questões de gênero e raça. A mulher objetificada no universo do Forró Eletrônico com luzes, cores, pulsões, sensualidades e seduções se traduzem em apelo



Ensaaios sobre o Corpo Observado

erotizado presentes tanto nas letras das músicas como nas vestimentas de dançarinas e vocalistas (deixam quase tudo à mostra: bumbum, seios, barriga, coxas) e nas coreografias (movimentos rítmicos que simulam o ato sexual, o gozo, o desejo, o prazer). As análises ao mesmo tempo em que desnudam a percepção da mulher como objeto de desejo também apontam para certo movimento de superação deste reducionismo com novas possibilidades de ser mulher, outras maneiras de serem vistas pelo empoderamento de suas relações consigo e com o outro. Mas também apontam para os riscos de se cair no extremo oposto de assumir o papel daquele e daquilo se quer abolir.

A questão racial é tratada sem resvalar no vitimismo. É importante refletir sobre corpo inserindo noções afro-referenciadas de corpos negros que tem importante papel na formação de nossa cultura e sociedade. Os corpos negros sofrem preconceitos e discriminações assentados desde a colonização do Brasil, os quais foram escravizados e explorados; mais tarde se diz que foram libertados, abolidos de uma tal escravidão mas nos dias atuais ainda sofrem estigmas da pobreza, da servidão, da ausência de condições de exercer sua corporeidade em plenitude. É preciso denunciar, expor, fazer-se presente, chamar atenção. Aqui o corpo negro reivindica sua ancestralidade nas manifestações de lazer, circundando sua alegria de viver no prazer de ser o que é, com sua cultura e religião. As rodas na capoeira, as rodas nas danças circulares religiosas são força ancestral, são formas de resistência e de identidade cultural, pois o círculo é a mais elevada forma de perfeição, não tem princípio nem fim, é a eternidade.

É preciso resistir, rebelar-se diante das amarras com que o corpo contemporâneo tem sido tratado. Este corpo precisa ser libertado. Entendemos que o corpo que se expressa, que brinca, que interage, é um corpo livre. Suas potencialidades podem ser percebidas quando se apresenta o potencial artístico do corpo avaliado na Ginástica Rítmica, por exemplo. A complexidade e a perfeição de movimentos associados ao ritmo e cadência da música que sublevam o ser, o feminino (embora o masculino esteja sendo incluído), mas é a mulher, seu corpo-gracioso infiltrado na dança que a incita a enfrentar o poder estabelecido, categorizado, escrutinado, medido e avaliado. No seu bailar, o corpo dança indo além de suas forças para encantar e embevecer com força vital que subscreve seu próprio destino.

O corpo aqui observado também fala do corpo infantil, da criança que é seu corpo, que vive e aprende na interação com sua corporeidade. A criança é corpo vivo, é energia pulsante que apreende o mundo pelo palpável, palatável, vivido. Todavia, no mundo pós-tecnológico em



*Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)*

Ensaaios sobre o Corpo Observado

que o smartphone é uma extensão do ser, os corpos estão mais sedentários, vidrados na tela, com as mãos ocupadas em teclar, zapear, num buscar incessante com as mentes embaralhadas no turbilhão de informações que circulam sem tempo para serem acomodadas, no termo estrito piagetiano. As crianças, esses pequenos seres em formação, estão aprisionadas nessa miríade de estímulos. Mas o que é o corpo infantil se não movimento? Daí a importância de analisarmos o papel da escola, da educação física na e para a educação corpórea. As aulas de educação física, traduzidas na motricidade e corporeidade, implementadas por atividades físicas e esportivas são potencializadoras da consciência corporal, da sensação e percepção de que o corpo pode e é a interseção do ser com o mundo, é a concretização da nossa existência. Aprender isso desde cedo muda o mundo. Crianças que praticam atividades físicas e esportivas, serão, muito provavelmente, adultos e idosos mais ativos, conscientes de si, com autonomia em suas atividades da vida diária (AVDs). E o que dizer desses dois anos da imobilidade dos corpos devido a pandemia? Suas consequências são vistas e impõem estudos e proposições.

Não é fácil romper com o estabelecido, mas o papel do educador é permitir relações dialógicas que viabilizem o ensinar e o aprender. Quem ensina aprende e quem aprende ensina, nos revela o pensamento freireano. Refletir e conhecer sobre si, sobre o outro, sobre o mundo eleva o ser na sua inserção e intersecção do eu no contexto social permitindo a construção de um novo sujeito. O corpo ao mesmo tempo em que, pela educação busca o eu-mesmo, num processo de construção constante, esse mesmo corpo adentra numa cultura também em construção. O intenso vir-a-ser se interpenetram em contradições e dinâmicas que potencializam a dialética que vai gerar o conhecimento e as condições do sujeito ser aquilo que quiser ser, que pode ser, com autonomia e maestria.

Aos leitores indico os “Ensaaios sobre o corpo observado” com a certeza de que tanto quanto eu, irão se deleitar com a leitura. São textos diversos mas convergentes na construção de um novo eu: corpo vivido, corpo vivente! Corpos e mentes vívidos, íntegros, para viver a vida com qualidade, satisfação e longevidade. Que assim seja!

Parnaíba (PI), 22 de maio de 2022.

Profa. Dra. Ana Maria da Silva Rodrigues



Sumário

- Ensaio 1**
As mídias e a coisificação do corpo: apontamentos para uma libertação **11**
Fábio Soares da Costa
- Ensaio 2**
O corpo na pedagogia de Paulo Freire da denúncia da negação, ao anúncio da libertação **23**
Mesaque Silva Correia
Bruna Gabriela Marques
- Ensaio 3**
Corporeidade e afrodescendência: trançando ideias **32**
Francisco Elismar da Silva Junior
Artenilde Soares da Silva
Janete de Páscoa Rodrigues
- Ensaio 4**
O corpo avaliado pelo componente artístico da ginástica rítmica: interpretações de julgamento pelo código de pontuação **42**
Regina Célia Vilanova-Campelo
Marconi Pereira Lima
Edvaldo César da Silva Oliveira
- Ensaio 5**
Sentidos e representações sociais do corpo feminino midiaticizado pelo forró contemporâneo **54**
Beatriz Lima de Araújo
Fábio Soares da Costa
- Ensaio 6**
Corpografias: transversalizações contemporâneas entre corpo, saúde e qualidade de vida nas aulas de Educação Física **69**
Caroline Araújo Carvalho
Fábio Soares da Costa



Ensaaios sobre o Corpo Observado

*Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)*

Ensaio 7

A legitimação do corpo negro nos diferentes espaços de lazer

**Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Gabriela Graziane Terto e Sousa
Henrique Sandro Ibiapina Gomes
Marconi Pereira Lima**

82

Ensaio 8

Reflexões sobre o corpo infantil no desenvolvimento da psicomotricidade na escola em tempos de pandemia de Covid – 19

**Marconi Pereira Lima
Wendell Lima Lacerda
Lara Raysa Oliveira
Edvaldo César da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo**

101

Ensaio 9

A construção do corpo infantil: um ensaio sobre suas concepções históricas e aspectos do seu desenvolvimento humano

**Thanandra Priscila de Sousa Rocha Ferreira
Fábio Soares da Costa**

116

Ensaio 10

Autoimagem, autoestima e suas relações com o corpo hiperexposto no Instagram um estudo de caso do perfil “@eu.carolineac”

**João Pedro Abreu Damasceno
Fábio Soares da Costa**

131

Sobre Organizadores e Autores

142





Ensaio 1

AS MÍDIAS E A COISIFICAÇÃO DO CORPO

APONTAMENTOS PARA UMA LIBERTAÇÃO

Fábio Soares da Costa
Universidade Federal do Piauí

O corpo é objeto de estudo de várias áreas do conhecimento. Vêm sendo submetido às mais diversas reflexões e abordagens, com destaque para a biológica: anátomo-fisiológica e biomecânica, mas também a estética, cultural, sociológica e filosófica. Aqui, destacam-se os processos de coisificação e de sua possível libertação da modalização midiática tão eloquente nos dias atuais. Esse tensionamento só é possível a considerar esse corpo como orgânico, tecnológico, cultural e social.

Assim como Siqueira e Faria (2007) argumentam, os processos de construção e reconstrução de um corpo social e cultural são, também, influenciados pelas mídias, onde suas representações são construídas e reproduzidas. Neste texto, é desenvolvida uma aproximação das mídias representadas pelas revistas semanais impressas e anúncios publicitários. Todavia, algumas reflexões podem ser percebidas a partir de outros veículos midiáticos como textos jornalísticos, fotos e ilustrações na televisão e na internet, onde vozes e discursos sobre o corpo são postos em circulação.

É intensão não dicotomizar ou reduzir os processos de coisificação midiática do corpo à construção cultural ou influência da mídia, pois as relações que envolvem corpo, cultura e mídia são de retroalimentação. Assim, as representações do corpo como coisa, objeto ou modelo em circulação na sociedade não são apenas resultado de sua midiatização, mas de complexos processos sociais e biológicos.

Aparentemente reducionista, a ideia de coisificação do corpo a partir de uma perspectiva midiática não pode ser assim entendida, nem esse possível reducionismo pode ser atribuído de forma generalizada para todas as mídias, de forma indiscriminada. Todavia, como se trata de um exercício de reflexão teórica, percebe-se que as mídias mais mercadorizadas apresentam base empírica para estas considerações, sobretudo a partir das referências e pesquisas científicas apresentadas ao logo da discussão.

Nessas mídias, o corpo se relaciona socialmente numa perspectiva constitutiva natural



Ensaaios sobre o Corpo Observado

e cultural, recebendo atenção especial que promove uma gama de representações sociais produzidas e reproduzidas por produtores de conteúdos e consumidores midiáticos, dentre as quais, destacam-se as revistas impressas e os anúncios publicitários. Nestes veículos, os conteúdos são voltados quase sempre para a conquista do bem-estar.

O CORPO E AS MÍDIAS

Martín-Barbero (2006), apresenta ideias de uma relação cada vez mais estreita entre o público e o comunicável como forma de compreender que a hegemonia imagética apresentada pelas mídias promove um reconhecimento recíproco em circulação semiótica que produz uma sensação de existir socialmente, mesmo que como coisa. Assim, o bem-estar: *mix* orgânica, social, cultural e da psique, alicerçado por sistemas de referência utilizados para classificar pessoas e grupos e entender o cotidiano, é objetivo atingível e tátil, está logo ali, em revistas impressas ou anúncios publicitários.

Ao pensar corpo e mídias como objeto de reflexão, e suas relações com o comunicável, inevitavelmente, é preciso reportar-se a aparatos semióticos que apresentam um ideário – analogamente religioso – a ser seguido na busca de um corpo perfeito, que beira à objetificação deste. É o que percebemos em diversas revistas impressas e anúncios publicitários: o corpo como constituinte complexo, holístico e pluridisciplinar, sendo marginalizado em detrimento da plasticidade, da sua coisificação: pela produtividade laboral e estética (SWAIN, 2001; GARRINI, 2007).

Na contemporaneidade, observa-se que a mídia ocupa um lugar privilegiado, ativo e produtivo, sobretudo, sob o ponto de vista da produção de sentidos e na constituição de representações sociais voltadas para o público consumidor de seus produtos. Neste contexto, é inegável que as identidades de grupo, individuais, locais e globais são construídas, também, via circulação de sentidos por meios de comunicação e dispositivos midiáticos, em tela, as revistas periódicas e os anúncios publicitários.

Percebe-se nestes dispositivos midiáticos a manutenção de uma relação dominante de representações baseada nas distinções socioeconômicas, étnicas e de gênero, por exemplo. Por isso, o estabelecimento simbólico da diferença entre os sexos, as classes sociais, as raças e as ideias de corpo atravessam séculos e ofertam um conjunto representativo de discursos potentes voltados para a aceitação de um modelo de corpo, frequentemente coisificado.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

*Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)*

Neste mesmo itinerário, Santaella (2002) atenta para a iconicidade significativa de dispositivos midiáticos, justamente por uma natureza tríade: 1) Significação em si mesma; 2) Representação objetiva; e 3) Efeito de interpretação. Assim, além de diversas significâncias, as imagens de corpo são signos que representam objetos de outros signos, produzindo efeitos interpretativos cognitivos e construindo representações simbólicas, de grupo e individuais, de corpos coisificados inclusive.

A COISIFICAÇÃO DO CORPO. MAS, QUE CORPO?

José Luiz Aidar Prado (2007, p. 1) diz que “O corpo saudável é o da nação e o dos indivíduos que moram no mesmo espaço” e faz um entrecruzamento metafórico que privilegia a relação de que um povo saudável compõe uma nação saudável. Destarte, relaciona que para isso as modalidades e um mapeamento que envolve exercícios físicos, aproveitamento cerebral, cirurgias plásticas, flexibilização do corpo, uso de substâncias hiperpotentes contra a obesidade e a impotência, sempre orientados pela mídia, é o que está em voga, pois nos discursos de saúde o corpo perfeito ocupa um lugar central.

Neste contexto, o autor esclarece o papel da mídia no processo de coisificação do corpo moldável que se percebe hoje. Um corpo que é materializado nos dispositivos midiáticos que ofertam sentidos e modelos cognitivos modalizadores biopolíticos, fazendo com que os consumidores destes produtos moldem seus corpos e suas mentes, objetivando o prazer, a qualidade de vida e uma felicidade hedonista, proveniente, é claro, da poderosa tecnociência. Tecnociência esta que faz parte dos processos de ressignificação de sociabilidade que vivemos nos últimos 50 anos, onde a convergência midiática emplacou a relação direta da felicidade pelo gozo, prazer imediato e gratificação, e que para a publicidade, é um prato cheio de dividendos financeiros, pois este ideário de felicidade é líquido, efêmero e insaciável, precisa ser sempre abastecido (PRADO, 2007).

Nesta seara, de coisificação, em detrimento da humanização do corpo midiático, hoje há a:

Exigência de uma liberdade que nada mais reivindica senão o prazer, e nunca a responsabilidade. As tecnologias não são mais exclusivamente percebidas como exteriores ao corpo, mas vindas para assumir seu lugar, para transformá-lo em instrumento mais eficaz, eliminando definitivamente as funções inúteis e suprimindo as indispensáveis [...] (LE BRETON, 2012, p. 31).



Ensaaios sobre o Corpo Observado

Percebe-se hoje, que o corpo é coisificado, mas não em todas as suas nuances, não em todos os seus perímetros, circunferências e pontos enrugados, para constituir-se como núcleo da felicidade de um ser, ele tem que ser como Michel Foucault (1979, p. 147) dizia: “Fique nu [...] mas seja magro, bonito e bronzeado [...]” É uma coisificação moral e estética - ideal. Ou seja, o olhar hoje lançado sobre o enrugado e o adiposo responde a mandatos morais, rígidos e implacáveis que validam apenas o liso e o jovem, mesmo que sexagenários, mas, se aparência assim for, será validada, pois a moral da “boa forma” que proporciona a nudez e a ausência de vergonha para mostrar seu corpo, numa supervisibilidade, exige “[...] contornos planos e relevos bem sarados, como os da pele plástica da boneca Barbie ou como os desenhos bidimensionais dos quadrinhos” (SIBILA, 2012, p. 157).

O que vemos é um grande arcabouço semiótico de um corpo como coisa idealizada, que constrói o mito do corpo moldável, perfeito, magro, liso, jovem e viril, um conjunto de relações que lança um olhar seletivo, que aceita apenas um modelo por vez. E a vez agora é a do que o seu corpo é a sua identidade. Identidade esta imaginada a partir dos dispositivos midiáticos que alavancam um mercado financeiro alimentado por corpos sedentos de moldes, que buscam a perfeição e consomem as revistas e publicidades de receitas da felicidade e de corpos perfeitos, insaciavelmente, na busca por ser alguém no mundo, desde que esse alguém tenham um corpo jovem e bonito.

DA COISIFICAÇÃO À LIBERTAÇÃO DOS CORPOS NAS MÍDIAS

Ao se consumir simbolicamente revistas impressas periódicas e anúncios publicitários que tematizam corpo, saúde e qualidade de vida, pensa-se que corpo é aparência física, como de fato é, também, mas não somente, pois se assim fosse, seria totalmente coisificado. E é por isso que o corpo torna-se objeto de consumo que serve de força motriz para a circulação de representações sociais, gerando mais consumo ainda.

O conceito de corpo ideal e que simboliza o bem-estar propagado nessas mídias converge para um modelo que, ademais, apresenta-se como um corpo branco, magro, jovem, de alguma musculatura evidente e que possa ser apresentado de forma desnuda, com pernas, abdome e colo sempre à mostra. Percebe-se, nesses dispositivos midiáticos, que a reificação do corpo é incontestável, sua apresentação nuclear e a convergência dos textos à sua volta reforçam seu discurso imagético, gerando uma semiose dinâmica que desemboca num corpo



Ensaaios sobre o Corpo Observado

plástico, que é uma das principais estratégias discursivas para a publicação destas revistas (COSTA, CAMPELO e RODRIGUES, 2014).

Nos estudos de Matos (2015), Martins (2014), Silva (2014), Silva (2008) e Prado (2015) podem ser percebidas nuances da construção de corpos coisificados. Apesar da diversidade temática dos estudos, se percebe, em suas análises empíricas, processos constitutivos de corpos moldáveis, que flutuam entre uma coisificação objetual estética e as narrativas de uma libertação estética em vias de insurgência desses mesmos modelos apresentados pelas mídias eleitas para os estudos.

Nesses estudos, a reflexão acerca das representações sociais identificadas nas mídias apresenta como principais significações a busca da beleza corporal como forma ideal para atingir o bem-estar. Como estratégias discursivas utilizadas pelas mídias, percebe-se a interconexão entre os temas beleza, estética, dieta/alimentação, emagrecimento, definição muscular e sexualidade, que se relacionam numa semiose discursiva que proporciona subjetividades distintas, mas levam a um mesmo lugar: um modelo/padrão corporal para conseguir bem-estar, ou seja, a busca pelo bem-estar materializa-se na conquista de um corpo perfeito e uma aparência socialmente propagada como bela, a coisificação da beleza.

O desafio dessa proposta é apresentar uma relação possível que tangencie a coisificação do corpo humano, construída pelas mídias e o processo reverso de libertação corporal. Nesta tentativa, sempre em relação aos estudos citados anteriormente, aponta-se alguns percursos.

A ideia de um corpo coisificado e de que as mídias participam ativamente da construção desta coisificação, sobretudo pela reificação modalizada impressa a este corpo se alia à assertiva foucautiana de que o corpo é lugar de inscrição de discursos. Uma ilha de exercício das relações produtivas de poder, relacionado sempre aos tensionamentos materiais e sociais (FOUCAULT, 2006).

Esse processo de coisificação do corpo é histórico. O autor já esclarecia que o corpo surge, após o nascimento da clínica, como objeto de observação. A objetificação do corpo como prerrogativa para o que se descreve como coisificação, aqui, é o que possibilita a investigação, a classificação e a regulação para a psicanálise (Freud), a fenomenologia de Husserl (corpo é significação e encarnação da consciência) e a antropologia (cada povo possui corpos diferentes e diversas formas de pensar sobre eles), ou seja, objeto de significância cultural.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

Mas é com a estética que se percebe o caminho mais produtor para a coisificação do corpo pelas mídias. Inscrita e inerente aos dispositivos midiáticos mais diversos, a estética corporal tem no cerne a apresentação do corpo como coisa. Para Eagleton (1993, p.17), “a estética nasceu como um discurso sobre o corpo”. É a mediadora de conflitos e tensões sobre ele. Instaura o ponto nevrálgico entre a racionalidade e a subjetividade próprias da relação entre estética e corpo. E a conversão do belo em valor estético, fazendo do corpo um objeto de prazer universal e principal alvo da percepção subjetiva devotada às mídias é o fio condutor dessa coisificação do corpo pelas mídias. É o uso ideológico da estética da beleza, do molde, do padrão, para a construção de um corpo ideal, virtuoso, prazeroso.

Nessa relação que se desenvolve entre os discursos das mídias e a coisificação corporal, recorrer à Bakhtin (2004, p. 280) para entender é premente. Para o autor:

A propriedade característica do novo cânon – ressalvadas todas as suas importantes variações históricas e de gênero – é um corpo perfeitamente pronto, acabado, rigorosamente delimitado, fechado, mostrado do exterior, sem mistura, individual e expressivo. Tudo o que sai, salta do corpo, isto é, todos os lugares onde o corpo franqueia seus limites e põe em campo um outro corpo, destacam-se, eliminam-se, fecham-se, amolecem. Da mesma forma se fecham todos os orifícios que dão acesso ao fundo do corpo. Encontra-se na base da imagem a massa do corpo individual e rigorosamente delimitado: a sua fachada maciça e sem falha.

O processo constitutivo descrito por Bakhtin (2004) assenta a ideia de um corpo pronto, coisificado, em um mundo exterior acabado, onde não espaço algum para defeitos, problemas e imperfeições corporais. A ação do tempo não pode emergir nas mídias, pois a fuga dos corpos fora do padrão aceito culturalmente é parte estratégica mercadológica delas.

Nesta fronteira semiológica mercadorizada das mídias, o corpo é estetizado, moldado segundo as lógicas de consumo, construindo-se o desejo de ser o corpo modal. Isso envolve o uso de produtos que modificam o corpo (ressaltar o que é valorizado e esconder o indesejado). A prática de atividades matematicamente planejadas para o máximo rendimento e o esquema nutricional que mais rápido se faz atingir os resultados estéticos e padronizados pelas mídias e opiniões de referência da área.

As cirurgias plásticas, o *doping* químico, o mapeamento genético e tantas outras estratégias científicas (reforçadas midiaticamente e consumidas vorazmente) que objetivam a construção de um corpo ideal, coisificado midiaticamente, alicerçam essa construção pós-humana. Uma construção científico-ideológica em que o melhoramento do natural/original é



Ensaio sobre o Corpo Observado

o que qualifica este corpo-coisa, causa identificação e, via comunicação, se produz um “simulacro perfeito” (BAUDRILLARD, 2001, p. 31).

Satisfação e insatisfação sobre corpos-coisa dominam a produção e o consumo simbólico nas mídias que orientam parte da relação estabelecida entre corpo e cultura. Esse processo beira à construção de um corpo pós-humano, para além da condição natural de sua existência. É a transversalidade contida na clássica relação natureza/cultura e o nível de domínio que se tem sobre as tecnologias que formatam o corpo. O que se percebe é que após a virada cibernética, nos anos sessenta do século XX (CAMARGO e VAZ, 2012), passou-se a considerar mais um potencial corpo pós-humano (homem máquina, pós-homem, cibernético, metacorpo) um novo corpo para além dele – um artefato melhorado biogeneticamente que tem como referência discursiva o que é posto em circulação pelas mídias.

Para finalizar, recuperamos as contribuições de Foucault (1996) sobre a ordem do discurso como exercício reflexivo para tratar da coisificação do corpo e suas relações com as mídias. O autor esclarece que a disciplina imposta ao corpo para torna-lo coisa ideal relaciona-se ao campo discursivo e ao poder. Assim, percebe-se nas mídias a estruturação de disciplinas (orientações, referências, receitas, comprovações) que produzem corpos dóceis e úteis, sujeitados aos ditames discursivos midiáticos que emolduram formas e modelos de corpos.

Se fizéssemos uma história do controle social do corpo, poderíamos mostrar que, até o século XVIII inclusive, o corpo dos indivíduos é essencialmente a superfície de inscrição de suplícios e de penas; o corpo era feito para ser supliciado e castigado. Já nas instâncias de controle que surgem a partir do século XIX, o corpo adquire uma significação totalmente diferente; ele não é mais o que deve ser supliciado, mas o que deve ser formado, reformado, corrigido, o que deve adquirir aptidões, receber um certo número de qualidades, qualificar-se como corpo capaz de trabalhar (FOUCAULT, 2005, p. 119).

Os corpos-coisa não mais duram, para suplício, como na época clássica (XVII e XVIII), nem somente para trabalhar (a partir de XIX), no entanto, mesmo líquidos, temporários e efêmeros, são apresentados de maneira padronizada para seu tempo e lugar. Agora são constituídos pelo consumo tecno-científico e preparados para se apresentar. Seus modelos são mediatizados em prol de uma dinâmica econômica que requer uma disciplina progressiva para se atingir um ponto específico – a perfeição. Mas esse processo tem um custo e as formas de investimento no corpo são diversas, todavia, disciplinares e o resultado é um corpo sujeitado, coisificado.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

O reverso desse processo de coisificação do corpo pelas mídias parece ser uma utopia contraproducente, pois percebe-se cada vez mais a retroalimentação das relações de produção do imaginário, estéticas e de consumo envolvendo, aí sim, uma utopia do corpo perfeito que é cada vez mais realística. A produção desse corpo-coisa é cada vez mais frequente, é cada vez mais urgente, tátil e acessível. Progride em passos largos e paralelos entre o que se imagina, o que se midiatisa e o que se produz enquanto corpo.

A coisificação dos corpos é um engendramento complexo em que diferentes agentes estão envolvidos. As mídias participam dessa engrenagem contribuindo de maneira produtiva na veiculação de corpos moldáveis e modalizados. Apresentar padrões e formas tecno-biopolíticas de construção de corpos que consomem e são consumidos é uma de suas formas de fazer essa roda girar. Mas, outro corpo é possível?

Não se trata de meramente entender que é possível a constituição de corpos sensíveis, indisciplinados, inúteis e indóceis – corpos que não sejam coisa. Esses corpos podem ser constituídos sim, no entanto, o desordenamento da rede de sentidos (sobretudo midiáticos) é politicamente complexo, denso e macro e micro. A vida ordinária está impregnada da disciplina que coisifica os corpos para sua produtividade estética. A mídia é seu braço forte. É preciso relativizar, sem dicotomias, produção e recepção de diferentes dispositivos midiáticos nesse processo, todavia, a mercadorização das mídias não deixa muitas zonas de escape para se pensar que coisificar o corpo é produtivo.

É preciso reconhecer-se, tornar-se consciente de seu próprio corpo para uma guinada evolutiva que não seja direcionada apenas à súplica, ao trabalho e ao apresentável. É necessário um planejamento pós-evolutivo para nossos corpos, para sua diversidade e não para sua modalização e coisificação. Pensar o corpo como obsoleto pode ser ou não uma alternativa. Isso vai depender no/em que irá transformar seu corpo. De qual tipo de construção irá desenvolver. Da escolha entre a libertação e a coisificação a que ele vem sendo disciplinado. E da tomada de consciência que isso não depende exclusivamente de você, mas, que está intimamente ligado a você.



REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico nas ciências da linguagem. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. **A ilusão vital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CAMARGO, Wagner Xavier; VAZ, Alexandre Fernandez. De humanos e pós-humanos: ponderações sobre o corpo *queer* na arena esportiva. In: COUTO, Edvaldo Sousa; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.) **O triunfo do corpo**: polêmicas contemporâneas. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012, p. 119-143.

COSTA, Fábio Soares da; CAMPELO, Regina Célia Vilanova; RODRIGUES, Janete de Páscoa Rodrigues. Representações de saúde e do corpo feminino nas revistas "Boa Forma" e "Women's Health" **Anais...** V Seminário Internacional de Promoção da Saúde. UNIFOR. Fortaleza-CE, 2014.

EAGLETON, Terry. **A ideologia da estética**. (Tradução de Mauro Sá Rego Costa). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. "Poder-corpo". In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 145-152.

_____. **História da sexualidade**: a vontade de saber. v. I. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GARRINI, Selma Peleias Felerico. Do corpo desmedido ao corpo ultramedido: reflexões sobre o corpo feminino e suas significações na mídia impressa. **Anais...** V Congresso Nacional de História da Mídia. São Paulo-SP, 2007.

LE BRETON, David. Individualização do corpo e tecnologias contemporâneas. In: COUTO, Edvaldo Sousa; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.) **O triunfo do corpo**: polêmicas contemporâneas. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012, p. 15-32.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis de. **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p.51-79.

MARTINS, Viviane Lima. **O corpo transformado em Extreme Makeover e tabu América Latina: entre o mesmo e o outsider**. 251 fl. (Tese de Doutorado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

MATOS, Cynthia de Holanda Sousa. **A percepção social da imposição de um corpo ideal**. 123 fls. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Fortaleza, 2015.

PRADO. José Luiz Aidar. As narrativas do corpo saudável na era da Grande Saúde. **Contemporânea**. Revista de Comunicação e Cultura. v. 5, n. 1, 2007.

PRADO. Patrícia Stenico do. **Corpo passado e presente: construção do corpo contemporâneo na revista Vogue**. 92 fls. 2015. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo-SP, 2015.

SANTAELLA, Lucia, **Semiótica aplicada**. São Paulo. Pioneiros Thomson Learning, 2002.

SIBILA, Paula. Imagens de corpos velhos: a moral da pele lisa nos meios gráficos e audiovisuais. In: COUTO, Edvaldo Sousa; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.) **O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012, p. 145-160.

SILVA, Dayse Alvares de Moraes. **Coletivo Utopia21: um estudo a respeito das mutações dos corpos cibernéticos**. 93 fls. 2014. (Dissertação de Mestrado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2014.

SILVA, Lilian Santana. A representação do corpo feminino nas capas da revista veja: uma análise comparativa na década de 60 e 90. **Anais...** Fazendo Gênero 8: corpo, violência e poder. Florianópolis, 2008.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. FARIA, Aline Almeida de. Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo. v. 4, n. 9, p. 171-18, mar. 2007.

SWAIN, Tania Navarro. Feminismo e recortes do tempo presente: mulheres em revistas “femininas”. **Em Perspectiva**. v.15, n. 3. 2001.





Ensaio 2

O CORPO NA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE DA DENÚNCIA DA NEGAÇÃO, AO ANÚNCIO DA LIBERTAÇÃO

Mesaque Silva Correia

Universidade Federal do Piauí

Bruna Gabriela Marques

Universidade São Judas Tadeu

DESNUDANDO O TEXTO

Este não é um texto sobre Paulo Freire. Da obra do educador, este trabalho não pretende deter nenhuma verdade e nem ser depositário de nenhuma herança. Ao reportar-se aos escritos de Paulo Freire, ele não reivindica autoridade alguma, simplesmente uma familiaridade com certos aspectos do pensamento freireano. Ele tão pouco se ancora em uma legitimidade interdisciplinar, ainda que os caminhos em que o trajeto da história cruza o da antropologia articulam-se de forma mais natural. Ele é, portanto, mais sensível a certos aspectos do pensamento de Paulo Freire, que privilegiará, em relação a outros, que negligenciará, ou sobre os quais se silenciará.

Se não é, portanto, um texto sobre Paulo Freire, este trabalho busca estabelecer um diálogo com os saberes de Paulo Freire. Pensar com Paulo Freire é primeiramente reencontrar em seus escritos uma incitação que jamais nos parece ter sido desmentida: “Só, na verdade, quem pensa certo, mesmo que, às vezes, pense errado, é quem pode ensinar a pensar certo (FREIRE, 1979, p. 28)”. Convidando as educadoras e educadores a fazerem escolhas, a experimentarem, a vivenciarem, a transformarem seus espaços educativos em laboratórios de aprendizagens, a fim de que as descobertas possam se constituir em vias para pensarem certo. Parece-nos que não se pode ler Paulo Freire sem fazer em seus confrontos, aquilo que ele mesmo fez como uma constância impressionante: apostas educacionais libertadoras.

Ação propositiva que afirmamos é, portanto, a aposta de considerar que a educação do corpo se constitui uma problemática do pensamento freireano; e que, em diversas obras, o corpo ocupa o centro de seu pensamento filosófico. Talvez tanto quanto o inquietava enquanto educador. Ao problematizar a presença do corpo na escola, Freire questionou:



Ensaaios sobre o Corpo Observado

*Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)*

Não é possível que, em nome da educação, crianças e adolescentes sejam confinados em cubículos de meio metro quadrado, quatro horas por dia, cinco dias por semana, duzentos por ano, onze anos, num total de 8.800 horas de confinamento. É chocante, absurda, escandalosa essa educação sem corpo, essa deformação humana (1989, p. 157).

Denunciando a “cultura da violência da interdição do corpo” pela escola, a qual se assenta em uma racionalidade social que já surgiu rejeitando o corpo (FREIRE, 2001). Desta forma, podemos inferir que a educação do corpo se constitui em umas das preocupações centrais da genealogia freireana. Por essa razão, essa perspectiva, atribui a este trabalho o sentido de estabelecer um diálogo com Paulo Freire sobre a presença do corpo na educação e o desenvolvimento de pedagogias dos corpos. A tarefa é, portanto, simultaneamente urgente e interminável.

O investimento nessa perspectiva surge da necessidade sentida nas práticas pedagógicas na escola ao incluir e diversificar os fazeres e saberes, em prol do diálogo com as realidades sociais e culturais das alunas e alunos que dela fazem parte. A construção da escrita e proposições reflexivas fazem parte de recortes da investigação desenvolvida no doutoramento em Educação na Universidade Federal do Pará - UFPA. Concomitante a processos reflexivos, desencadeados por leituras de obras de Paulo Freire, no sentido de estabelecer diálogos com a Educação Física e vislumbrar as possibilidades de desenvolvimento de pedagogias dos corpos no ambiente escolar.

O CORPO DENUNCIADO E ANUNCIADO NA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE

Nos escritos freireanos, a temática do corpo ocupa um lugar privilegiado e nos convida a realizarmos reflexões sobre o quanto os processos educativos marcam os corpos de alunas e alunos. Desta forma, pensar com Paulo Freire sobre o lugar do corpo na educação, é uma tarefa importante a ponto de compreender em que medida no contexto educacional brasileiro, o corpo de alunas e alunos foi e é submetido a processos educativos que estavam e estão a serviço da dominação. Da mesma forma, o diálogo com Paulo Freire, nos permite repensar o corpo na educação e buscarmos novos caminhos educativos em que, alunas e alunos possam constituir-se como sujeitos de sua história, capazes de lançar para fora de si, interferindo no mundo, transformando-se (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010; CORREIA; MIRANDA; VELARDI, 2011).



Ensaaios sobre o Corpo Observado

De acordo com Freire (2001), o contexto educacional brasileiro, vivenciou a experiência da “cultura da violência da interdição do corpo”, na medida em que, por meio de inúmeros dispositivos, alunas e alunos deixaram de ser sujeitos de sua história, para tornarem-se meros objetos. Freire contextualiza que um dos maiores efeitos da interdição do corpo na escola, é que a aluna e o aluno, na medida em que tem sua subjetividade negada, deixa de ser, não se realiza como corpo que sente, apreende e se expressa e, por isso mesmo, é possuído, coisificado, instrumentalizado, dominado.

Nas esteiras das proposições de Freire (2003) a aluna e o aluno não vivem de maneira autêntica quando não estão integrados com o meio, isto é, com a sua realidade. Portanto, a educação é inoperante, quando não está em harmonia com a vida de seus educandos, quando não permite que seus corpos vivam de maneira coerente com sua realidade. Fato que leva o educando, a se sentir um estranho no espaço escolar, uma vez que está desintegrado e alienado de sua própria cultura. Consonante a essa compreensão, é possível afirmar que as alunas e os alunos sentem-se estranhos no ambiente educativo, quando são colonizados, a partir do momento em que abdicam do seu modo de ser e de agir, para viver apenas o desejo e a cultura do outro.

Com efeito, nos caminhos entrecruzados dessas ideias, “o opressor elabora a teoria de sua ação necessariamente sem o povo, pois que é contra ele” (FREIRE, 2005, p. 213). O que nos leva a inferir, que professoras e professores geralmente planejam e ministram os conteúdos escolares sem dialogar com os educandos. Conteúdos que quase sempre são organizados, também, sem os próprios educadores que estão no chão da escola, logo, aqueles que trabalham no âmbito escolar e os que idealizam de dentro de seus gabinetes os currículos escolares, não conhecem o corpo dos educandos. Entende Freire (2003) que como os currículos escolares são idealizados de forma verticalizada, não há como discutir com os educadores que estão no chão da escola à problemática nacional, regional e local.

Por outro lado, a maioria dos cursos de formação de professores oferecem aos educandos currículos apolíticos e acríticos. Fazendo com que os educadores sejam educados numa prática pedagógica que interdita os seus corpos, formando educadores não politizados que acabam apenas mantendo o *status quo* e, portanto, não ouvem e não compreendem o corpo de suas alunas e alunos. Já que, nem eles no seu processo educacional foram entendidos como corpo na sua totalidade.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

Na ótica de Freire (2003, p. 101): “vem faltando a esses estudantes, amanhã professores primários, a experiência do debate, a discussão em grupo, das soluções cooperativas, substituída pela ênfase da posição dogmática do professor, que os atua passivamente”. O que nos leva a compreensão de que nesse processo de domesticação e não criticidade, o educando é excluído do seu processo educativo, sendo essa uma das implicações da interdição pedagógica do corpo. Portanto, a universidade na atualidade brasileira, precisa oferecer às futuras professoras e professores, uma educação problematizadora e não perpetuar um esquema de autoritarismo. Precisa preocupar-se com o agir e a experiência do processo educativo, e atribuir menos importância às exigências acadêmicas. Precisa livrar-se da cultura do “palavresca” e assentar-se em uma prática educativa orientada pela palavra, reflexão e ação.

Ao refletir sobre as implicações da educação do educador, Freire (1991) sinaliza que quem fala de corpo fala de história de vida. Das marcas que cada um traz consigo. Por essa razão, é de extrema importância o resgate da história de vida do educador no seu processo de formação. Freire argumenta, que, aqueles que trabalham com a educação deveriam ter como desafio principal educar sua ação, seu corpo, na direção da vida. Educação deveria ser sempre vida e nunca morte. Mas, ao ser vida e não morte, a educadora e o educador devem acreditar que são capazes de aprender, de criar, de amar, de sonhar, de desejar, como também de odiar e de se rebelar. Tudo isso tem haver com a forma como o corpo de cada um foi marcado, com sua história de vida que deve ser resgatada para poder ser entendida, transformada e enriquecida.

Isto porque, o corpo, é construído por inter-relações. É o texto mais concreto, a mensagem mais primordial do ser humano, a escritura de argila do que somos. É um templo, onde outros corpos mais sutis se abrigam (LELOUP, 2015). Logo, é importante realizar uma “leitura” do corpo com os educandos em direção às dicotomias existentes. Para tanto, é necessário que os educadores possuam um conhecimento de si mesmos, pois assim irão se fazendo e refazendo a história, que implica numa “leitura” do corpo e do espaço. Espaço capaz de acolher os sonhos dos corpos “oprimidos” de educandos e educadores, suas ilusões, seus desejos, seus medos e seus receios. E tudo isso é possível de ser verificado não apenas dentro da sala de aula, mas na quadra de aula, no pátio da escola e em seu entorno.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

Comungando com essa ideia, Freire (1991, p. 92), enfatiza que a educação deve ser compreendida como possibilidade histórica que possui seus limites e propõe que o corpo assim seja compreendido:

[...] o que eu faço, ou melhor, o que eu faço faz meu corpo. O que acho fantástico nisso tudo é que meu corpo consciente esta sendo porque faço coisas, porque atuo, porque penso já. A importância do corpo é indiscutível; o corpo move-se, age, rememora a luta de sua libertação, o corpo afinal deseja, aponta, anuncia, protesta, se curva, se ergue, desenha e refaz o mundo. Nenhum de nós, nem tu, estamos aqui dizendo que a transformação se faz através de um corpo individual. Não, porque o corpo se constrói socialmente.

Consoante a essa compreensão, é possível inferir que, toda a prática social, inclusive as estabelecidas no ambiente escolar, exige o corpo. Que os corpos são construídos mediados pela história e, por isso, estão carregados dos valores da sociedade a qual estão inseridos. Desta forma, é de fundamental importância que os processos educativos não deleguem tarefas, mas sim geste no corpo da aluna e do aluno a necessidade de realizá-las. Que a educação oferecida seja capaz de exercitar a relação dialética do estar presente/ausente. Nunca demasiado presente, para não retirar o espaço do outro; porém nunca demasiado ausente, que não consiga marcar o corpo do outro. Que tenha como ponto de partida a realidade das alunas e alunos, das professoras e professores, mas que não se limite apenas a ela. Que seja capaz de considerar a importância de transformar o corpo sujeito em corpo consciente. O corpo consciente não pode pensar sem ser, não pode ser sem seu corpo, ele é fronteira ao mesmo tempo em que é atravessador, através dele o sujeito se apresenta a si próprio e ao mundo, se identifica, inclui e exclui (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010; CORREIA, 2020).

Em prol de tornarem corpos conscientes, é preciso que mude de posição, que se libertem das amarras opressoras que historicamente são implantadas em nossa sociedade sobre diferentes corpos a partir de grupos hegemônicos detentores do poder, só assim deixará de ser “[...] enfileirado, empacotado, bancariamente, para ser um corpo visibilizado” (GADOTTI, 2008, p. 110).

O CORPO CONSCIENTE EM PAULO FREIRE: *pressupostos para desenvolvimento de pedagogias dos corpos*

Pensar o corpo com Freire é dialogar conseqüentemente com suas compreensões de cultura, de sociedade, de educação, política, entre outros. Freire (2001) compreende corpo



Ensaaios sobre o Corpo Observado

para além dos aspectos físicos, adentra a concepção de corpo como unidade, como conjunto atuante, falante, leitor e escritor. Ao significar o corpo como unidade, compreende o corpo como consciente. “O corpo consciente é a consciência intencionada ao mundo” (FREIRE, 1969, p. 51). Ele afirma:

Como presença no mundo, os seres humanos são corpos conscientes que o transformam, agindo e pensando, o que os permite conhecer ao nível reflexivo. Precisamente por causa disto podemos tomar nossa própria presença no mundo como objeto de análise crítica. [...] Se estes fossem corpos inconscientes, incapazes de perceber, de conhecer que conhecem, de recriar; se fossem inconscientes de si mesmos e do mundo, a ideia de conscientização não teria sentido, mas, neste caso, tampouco teria sentido a ideia de revolução (FREIRE, 1976, p. 86-86).

A perspectiva freireana pressupõe que o corpo consciente é aquele capaz de ver e compreender a realidade, expressar a realidade, expressar-se, descobrir e assumir a responsabilidade de ser elemento de mudança na realidade. Isto porque, “enquanto corpos conscientes, em relação dialética com a realidade objetiva sobre que atuam, os seres humanos estão envolvidos em um permanente processo de conscientização” (FREIRE, 1981, p.20).

Em suas palavras, Freire (1976-1981) admite que a existência de corpos conscientes implica o reconhecimento dos seres humanos enquanto expressões plurais da vida, com diferentes níveis de conhecimento. Ao mesmo tempo em que implica respeito aos saberes dos grupos populares, e a compreensão de que numa perspectiva libertadora, o corpo consciente é o próprio método de ensino. Desta forma, os educandos precisam estar absolutamente convencidos de que, em primeiro lugar, enquanto corpos conscientes, nós já somos um método.

Por esse motivo, o desenvolvimento de Pedagogias dos corpos, requer o corpo como educador, que seja capaz de fazer com que o corpo-sujeitado se torne corpo-sujeito em igualdade de condições em diferentes espaços e contextos sociais. Neste, o corpo passa a ocupar outro lugar, ele deixa de ser ignorado, interdito, negado, padronizado, desprovido de gestos, sons, códigos, a fim de ser um corpo visibilizado e provedor de comunicação e cultura.

Para Freire (1993, p. 45), “quando se fala de oprimido, o corpo é o oprimido”. Daí a necessidade de concebermos o corpo como educador, já que o corpo deve “corporificar a palavra pelo exemplo” (p. 38), que é exigência a todo educador. Por esse motivo, o que fazemos faz o nosso corpo. Daí, não podemos pensar sem ser, nem ser sem nosso corpo. Isso corresponde a dizer que, o corpo é hospedeiro do diálogo, que é próprio do corpo e se amplia e se ressignifica no encontro com o corpo do outro. De acordo com Freire: “o outro que me vê,



Ensaio sobre o Corpo Observado

sou eu no outro. Essa relação não é só racional. Ela é, sobretudo, a extensão do próprio corpo” (56).

Podemos dizer, então, que o corpo consciente é diálogo. Já que, o diálogo supõe sempre a presença do outro em igualdade de condições e na reciprocidade. Faz-se oportuno mencionar, que no pensamento de Freire o diálogo entre corpos não acontece somente numa perspectiva física, pode ser estabelecido à distância (CORREIA; MARQUES; MIRANDA, 2019). O que não inviabiliza a presencialidade, porque a presencialidade não encontra-se no distanciar dos braços. Ela pode acontecer à distância de milhares de quilômetros. Não há limites para o estabelecimento de diálogos entre corpos. Depende somente da identificação entre corpos. O que significa dizer que, corpos conscientes estabelecem diálogos coletivos. “Não há um ‘penso’, mas ‘pensamos’. É o ‘pensamos’ que estabelece o ‘penso’ e não o contrário”.

Considerando o olhar desenvolvido por Freire sobre o corpo consciente e a importância da estruturação de pedagogias dos corpos, cabe-nos então a pergunta: *Estaríamos em tempo de maior sensibilidade educacional para com os corpos?*

Orientados por este questionamento, partimos da seguinte constatação: Que a escola, enquanto palco onde todas as contradições sociais se encontram, não pode ignorar mais os corpos dos educandos. De sua presença se apresentam indagações que nos interrogam. Ignorá-los tem sido uma forma de tentar inutilmente, inviabilizar seus questionamentos, os se apresentam como desestabilizadores do pensamento social e pedagógico.

É significativo pensarmos que a socialização de nossa condição humana corpórea não pode mais ficar por nossa conta. Que fica cada dia mais difícil silenciar, controlar, ou ignorar as reações corpóreas das alunas e alunos quanto de professoras e professores. Torna-se urgente escutar suas falas, sejam em forma de indisciplinas, de desatenção ou de condutas “desviantes”. Com essas falas corpóreas estão obrigando-nos a mirá-los com novos olhares. Obrigando-nos a repensar nossos tratos antipedagógicos e avançar na construção de pedagogias dos corpos.

Ao pensarmos com Freire o corpo na educação, estamos convencidos de que a estruturação de pedagogias dos corpos exige uma atitude sistemática de investigação, crítica e documentação da ação educativa. O educador ao tomar seu corpo e o corpo de seus alunos como matéria prima de sua intervenção pedagógica, compreende as questões que as corporeidades trazem para sua ação pedagógica. Assim como reconhece e incorpora essas



Ensaaios sobre o Corpo Observado

outras leituras e linguagens corpóreas no currículo escolar, e as coloca como instrumento enriquecedor do processo educativo. Deixando de perceber o corpo como problema-bloqueio das aprendizagens escolares, mas como diversidade de leituras do real e de si mesmo, diversidade de linguagens a serem incorporadas e significadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diálogo estabelecido com Paulo Freire neste texto, sobre a presença do corpo na educação e o desenvolvimento de pedagogias dos corpos, evidencia a denúncia e o anúncio materializado por Freire sobre o lugar do corpo no contexto da educação brasileira. Ao denunciar a experiência da *“Cultura da violência da interdição do corpo”*, vivenciada pelos processos educativos, apresenta um nítido manifesto pedagógico em favor da estruturação de pedagogias dos corpos.

O diálogo revelou que enquanto instituição social, a escola constitui-se em uma máquina de interdição e negação de corpos. Nela os corpos são interditados e negados com antipedagogias. Que o corpo, na medida em que é interditado e negado, o sujeito deixa de ser, não se realiza como corpo que sente, apreende e se expressa. Torna-se apenas um corpo possuído, coisificado, instrumentalizado, dominado.

O diálogo revelou ainda, que a mudança de posição do corpo na escola, implica na estruturação de pedagogias dos corpos – as quais devem compreender o corpo como educador, que sejam capazes de fazer com que o corpo-sujeitado se torne em corpo-sujeito em igualdade de condições em diferentes espaços e contextos sociais.

No intervalo deste diálogo, estamos convencidos de que o desenvolvimento de pedagogias dos corpos é possível, mediante a estruturação de processos educativos agregativos e engajadores que tomam os corpos dos sujeitos envolvidos no processo educativo como método.

Portanto, empenhar-se no desenvolvimento de pedagogias dos corpos é transitar por outra ética docente, por outra epistemologia e outra ética dos corpos. É abraçar o desafio educacional e social de transformação dos espaços educativos em espaços inclusivos, democráticos e diversos. Ao fazer isso, a Educação efetivará nas escolas o diálogo com o mundo dos educandos e com os saberes que deles emergem.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

REFERÊNCIAS

- CORREIA, Mesaque Silva. A pedagogia do corpo oprimido como via para alfabetização corporal da criança. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n. 3, p. 1559-1572, set./dez. 2020.
- CORREIA, Mesaque Silva; MIRANDA, Maria Luiza de Jesus; VELARDI, Marília. A prática da educação física para idosos ancorada na pedagogia freireana: reflexões sobre uma experiência dialógica problematizadora. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 4, p. 281-297, 2011.
- CORREIA, Mesaque Silva Correia; MARQUES, Bruna Gabriela; MIRANDA, Maria Luiza de Jesus. A educação física escolar ancorada na gênese ideológica de Paulo Freire: um caminho para conscientização dos esfarrapados e esfarrapadas do mundo. In: SOUSA, Cláudio Aparecido; FREIRE, Ana Maria A. **Analfabetismo no Brasil**: da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista, ou de como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas (Paraguaçu), Filipas, Madalenas, Anas, Genebras, Apolônias e Grácias até os Severinos. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 23.ed. São Paulo. Autores associados: Cortez, 1989.
- _____. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- _____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- _____. **Educação e atualidade brasileira**. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2003.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- _____. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olha d' água, 2001.
- GADOTTI, Moacir. "A Voz do Biógrafo Brasileiro: A Prática à Altura do Sonho". In. GADOTTI, M. (Org.). **Paulo Freire**: Uma Bibliografia. São Paulo: Cortez, 2008, p. 69-116.
- LELOUP, Jean-Yves. **O corpo e seus símbolos**: uma antropologia essencial. 23ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- NOGUEIRA, Valdilene Aline; MALDONADO, Daniel Texeira. (Org.). **Educação física escolar e Paulo Freire**: ações e reflexões em tempos de chumbo. Curitiba,PR: Editora CRV, 2019.p. 33-50.
- STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.





Ensaio 3

CORPOREIDADE E AFRODESCENDÊNCIA

TRANÇANDO IDEIAS

Francisco Elismar da Silva Junior

Universidade Estadual do Piauí

Artenilde Soares da Silva

Universidade Federal do Piauí

Janete de Páscoa Rodrigues

Universidade Federal do Piauí

Iniciamos este ensaio pedindo licença e a benção às (aos) mais velhas (os), às (aos) nossas (os) iguais e saudando as (os) mais novas (os). Este texto se dá com base no compartilhamento das experiências, vivências e estudos acerca das temáticas relacionadas à afrodescendência e corporeidade, proposto nas reuniões quinzenais, no primeiro semestre de 2021, do Observatório do Corpo (OBCORPO-UFPI).

Neste processo vamos refletindo, descobrindo as cores, sabores, sons e cheiros que esta escrita pode assumir. Deste modo, convidamos você a participar desta partilha sobre o tema Corporeidade e Afrodescendência. Objetivamos compartilhar as reflexões do encontro - Corporeidade e Afrodescendência- acontecido, de forma remota, no OBCORPO em 23 de março, das 15h às 17h.

A proposta do encontro surge a partir do convite a Elismar Junior, pessoa negra que se lança nos estudos sobre dança afro-brasileira, imagem corporal e corporeidade negra, a refletir sobre o texto - Sentidos de corporeidade e afrodescendência entre alunos do ensino médio na cidade de Teresina/PI - e suas experiências profissionais na Educação Física e na dança. Este trabalho inaugura os estudos do mesmo na primeira turma do Mestrado Interdisciplinar em Sociedade e Cultura da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

Escrever sobre esta temática é pensar sobre as relações socioculturais e práticas corporais afro-brasileiras, em especial a dança. E com esse exercício nos aproximamos cada vez mais das influências e referências das pesquisas acerca da corporeidade negra. É importante ressaltar que por referências entendemos, além das pesquisas acadêmicas, os textos e narrativas que ultrapassam os limites dos debates acadêmicos da universidade.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

Este texto é sobre os cruzamentos de coisas que lemos, ouvimos, dançamos e compartilhamos através de textos acadêmicos, conversas com amigas (os) e memórias afetivas. E é neste sentido que Martins (2003, p. 69) nos lembra que “o tecido cultural brasileiro, por exemplo, deriva-se dos cruzamentos de diferentes culturas e sistemas simbólicos, africanos, europeus, indígenas e, mais recentemente, orientais”. Assim, nos achegaremos no que nos atravessa, contamina e deixa vestígios no nosso corpo quando pensamos sobre corporeidade negra.

Seremos guiados, nesta construção textual, por uma perspectiva da ação de trançar cabelos. Ato este tão importante para as culturas de matrizes africanas, símbolo de resistência, oralidade, ancestralidade e corporeidade. Trançaremos ideias, fazendo relações e adicionando fios a esta trama, o conhecimento. E assim, vamos entendendo esse nosso lugar como circularidade e percebendo que existem coisas que só se resolvem no e com o corpo.

Para estruturação deste texto, tomaremos como ponto de referência o encontro do dia 23 de março. Não se trata de uma narrativa literal, mas de uma reverberação em texto daquele momento. Uma construção. Deste modo, convidamos você a participar desta prática a seguir.

PULSANDO

Sente-se confortavelmente, coloque os pés no chão (paralelos, na mesma direção das cristas ilíacas) e leve sua atenção para este contato como o chão em que você está neste momento. Vamos pensar que “os pés apresentam uma íntima relação com o solo. Penetram a terra como se adquirissem raízes, sugam-na como se recolhesse a seiva; amassam o barro; levantam a poeira; mastigam, devolvem e revolvem a terra através de seus múltiplos apoios” (RODRIGUES, 1997, p.46).

Mentalize essa energia que penetra o solo. Leve a atenção para sua coluna e respire profundamente. Vamos buscar a conexão com o pulso, energia que é resultado do enraizamento dos pés, passando pelos joelhos, circulando pelos quadris, através de uma respiração natural, porém consciente. Essa energia vem em espirais pelas fibras musculares dos membros inferiores, torne-se consciente e perceba as virilhas; assoalho pélvico; região genital; órgãos e ossos. Respire, traga para o presente as mãos, cada articulação. “Somado a isso, e ao mesmo tempo, o pulso presente na garganta, na boca, na testa, nuca, olhos, orelhas,



Ensaio sobre o Corpo Observado

nos sete buracos da cabeça. Respire. Pense na energia que sobe pelos pés e que sai pelos sete buracos da cabeça” (PETRONÍLIO, 2020, p.48). Esteja presente.

Esta atividade foi adaptada de um fragmento do texto Exu: um corpo e um fazer em dança, possível pela diáspora de João Paulo Petronílio (2020). Este é o primeiro fio da nossa trança de vários filamentos que se entrecruzaram. O corpo.

TRANÇANDO

Para refletirmos sobre o que foi exposto no encontro traremos perspectivas e conceitos importantes para o entendimento de uma corporeidade afro-brasileira. Faremos aqui uma explanação baseada nas colaborações do encontro e leituras outras. Nesta construção epistemológica falaremos sobre a circularidade, pois este conceito e prática nos impulsiona a pensar de forma não estacionária, mas acumulativa e espiralada.

Martins (2002, p. 84) traz a noção de tempo espiralar mexendo com a ideia de linearidade, onde a ancestralidade é fonte de inspiração e “matiza as curvas de uma temporalidade espiralada, na qual os eventos, desvestidos de uma cronologia linear, estão em processo de uma perene transformação”. Para Ramos (2019) o tempo espiralar é um tempo cósmico imbuído de ancestralidade que a cada ciclo ocorrem novas combinações e as novas gerações têm o papel de atualizar e contribuir na construção da memória coletiva. Com base nisso, a trança como elemento metodológico passa a fazer sentido, pois imaginemos as espirais que compõem este fazer simbólico.

A circularidade é força, dinâmica, movimento e espaço, é um modo de ser e estar nas culturas de matriz africana no Brasil. Para Dantas (2020, p. 58) a circularidade torna-se condição de resistência e dinâmica de forças dos povos afro-religiosos, nestas comunidades o círculo é eixo de movimento e faz com que as (os) participantes assumam posições equidistantes umas (uns) das (os) outras (os) e em relação às divindades.

Não obstante, entendemos o círculo de um modo amplo, como uma filosofia. Ou seja, não como unicamente sinônimo de roda, mas um círculo como modo operativo, como ancestralidade, como um fazer, como uma forma de entendimento dos fenômenos históricos/culturais. A circularidade nos impregna e nos guia neste trançar.

Ao pensar em circularidade evocamos a imagem da saia. Uma representação simbólica com a finalidade de tornar este processo sensível, pois, a saia se move a partir da força do corpo



Ensaaios sobre o Corpo Observado

e toma corpo com o corpo, assim como o texto. Este elemento surge, nesta construção, através do encantamento presente nas danças e performances negras, onde são diversas em cores e modelos, mas todas armam maravilhosos círculos e ondulações ao se empregar força e dinâmica a elas. E neste texto a trazemos como imagem e sensação desta circularidade.

Ao fio da circularidade adicionamos a encruzilhada, esta, é uma categoria que faz parte da compreensão da cosmo percepção afro-brasileira, pois “a cultura negra também é, epistemologicamente, o lugar das encruzilhadas” (MARTINS, 2003, p. 69). Exú é a energia que conduz estes percursos e com base nisso conseguimos entender de forma mais nítida os percursos práticos e teóricos dos fazeres.

Para melhor dialogar trago a noção de Rodrigues Junior (2018, p.73) onde este traz a Pedagogia da Encruzilhada que trata-se de um projeto poético/político/ético arrebatado por Exu.

Nessa mirada o orixá emerge como loci de enunciação para riscar uma pedagogia antirracista/decolonial assente em seus princípios e potências. Exu, enquanto princípio explicativo de mundo transladado na diáspora que versa acerca dos acontecimentos, dos movimentos, da ambivalência, do inacabamento e dos caminhos enquanto possibilidades, é o elemento que assenta e substancia as ações de fronteira, resiliência e transgressão, codificadas em forma de pedagogia (RODRIGUES JUNIOR, 2018, p. 73).

Neste sentido, entendemos essa pedagogia como possibilidade de reinterpretação dos seres, situações, fatos e conceitos a partir de um sistema amplo e complexo de relações, “reposicionamento das memórias e a justiça cognitiva diante do trauma e das ações de violência produzidas pelo colonialismo” (RODRIGUES JUNIOR, 2018, p.74).

Diante disto, torna-se mais evidente que a ideia da encruzilhada, “utilizada como operador conceitual oferece-nos a possibilidade de reinterpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e entrecruzam” (MARTINS, 2003, p. 69), no entanto estes cruzamentos entre práticas corporais, concepções, epistemológicas, entre outros, não são sempre amigáveis.

Dentro desta perspectiva trazemos a importância das narrativas dos corpos afrodescendentes, pois estas se entrelaçam e dão sustentação para a produção de conhecimento. Por narrativa a entendemos como um método de interpretação da história (GALVÃO, 2005), assim, o modo como interpretamos fenômenos pode se apresentar de diversas formas, ou seja, através da oralidade, da escrita, do desenho, da música e da dança,



Ensaaios sobre o Corpo Observado

por exemplo. E partindo deste entendimento as memórias da população negra brasileira são importantes fios delineadores de possibilidades e interpretações da sociedade e cultura brasileira.

Assim, entendemos a memória como um processo de “construção da identidade, da consciência do indivíduo e dos grupos sociais” (MOTTA, 2003, p.119), e também como experiências vividas, não obstante, torna-se necessário explorar fatos e situações para que se vislumbre contextos em que uma determinada população está inserida.

No contexto afro-brasileiro a memória e a identidade tem a religiosidade como lugar de preservação, a qual é imbuída de um senso matricial. Temos percebido essa potência geradora em outras instâncias como, por exemplo, nas orientações e contribuições em trabalhos acadêmicos e artísticos.

Para Silva (2021, p. 2847) o matriarcado “trata-se de um sistema filosófico e prático em que a mulher, por sua capacidade de gerar e nutrir uma vida, também fornece essas características a outros aspectos da vida social, tais como a arte, os negócios e à convivência em comunidade”.

Matriarcas não são apenas aquelas que possuem filhos biológicos ou adotivos, mas as que geram e nutrem uma comunidade, local, nacional ou mesmo internacional. Nesse sentido, a senioridade, ou seja, o respeito às pessoas mais velhas, é uma característica fundamental do matriarcado, valorizando a experiência e sabedoria de quem viveu mais tempo, algo que permeia muitas práticas culturais de origem africana (SILVA, 2021, p. 2847).

Neste sentido, a ideia do feminino que nos atravessa não está ligada somente ao corpo biológico. Ainda, para Silva (2021, p. 2847) “nem o gênero tampouco o sexo biológico são conceitos adotados de forma rígida dentro do matriarcado”. O feminino é toda uma energia que comanda, que perpassa, que impregna o aprendizado nas culturas afro-brasileiras.

Diante disto, somos afetados pelas discussões acerca do corpo. Para Silva (2014) o corpo é a parte biológica que manifesta nossa presença no mundo, sendo assim, onde nossos desejos, necessidades, impulsos e memórias se manifestam e por este motivo também é formado pela sociedade e cultura.

É importante percebermos as possibilidades, questionar e refletir sobre as noções de corpo ocidentais para também discutirmos as noções afrorreferenciadas de corpo. Oyěwùmí (2021, p. 27) usa o termo corpo de duas maneiras:



Ensaaios sobre o Corpo Observado

Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)

...primeiro, como uma metonímia para a biologia e, segundo, para chamar a atenção para a fisicalidade pura que parece estar presente na cultura ocidental. Refiro-me tanto ao corpo físico como às metáforas do corpo. Ao corpo é dada uma lógica própria. Acredita-se que, ao olhar para ele, podem-se inferir as crenças e a posição social de uma pessoa ou a falta delas.

Para pensar o corpo negro, corroboramos com Oliveira (2005):

Corpo Ancestral

O corpo é chão! Esta é uma definição provisória e definitiva do corpo.

O corpo é terra.

O corpo é solo.

O corpo é território.

O corpo é território da beleza, condição da ética e solo da ontologia. Não há leveza sem corpo, pois leveza e densidade se diz a respeito de corpos. Não há ética sem corpo, pois é o corpo que interpela para a liberdade. Não há ontologia sem corpo, pois a ontologia é a terra do ser. O corpo é o ser (OLIVEIRA, 2005, p. 124).

Esses diálogos levam-nos a refletir sobre como os seres tornam-se narrativas passíveis de serem interpretadas. E aqui percebemos diversidade, um corpo que é masculino, feminino, trans, cis, são corpos compostos por memórias que tem uma ligação com a natureza, com o chão, com a terra, com as árvores, é um corpo circular, telúrico, ancestral. Para Martins (2003, p. 75);

A concepção ancestral africana inclui, no mesmo circuito fenomenológico, as divindades, a natureza cósmica, a fauna, a flora, os elementos físicos, os mortos, os vivos e os que ainda vão nascer, concebidos como anéis, de uma complementaridade necessária, em contínuo processo de transformação e de devir.

Esta ancestralidade também é entendida como um modo operativo, ou seja, como um fazer. Para Oliveira (2005, p. 125) “ancestralidade é tradição, e não se pode entender o corpo sem tradição uma vez que esta é um baluarte de signos e, dessa forma, a produtora da semiótica que significa os corpos”. No entanto, percebemos algumas fragmentações que, por vezes, caem em estereótipos, onde se trata a ancestralidade apenas como um produto, sinônimo de antepassado e até mesmo, como somente, culto aos mortos. É importante salientar que é isso tudo também, mas é um conjunto de princípios, concepções e práticas que se cruzam numa cosmovisão afro-brasileira.

Os corpos nas culturas negras podem ser entendidos com base em três princípios fundamentais: diversidade, integração e ancestralidade, deste modo, é diverso tanto em sua composição biológica quanto culturalmente, é integração, haja vista, sua capacidade e necessidade relacional e, contudo, é uma anterioridade (OLIVEIRA, 2005). Posto isto, o movimento corporal, como alicerce das muitas práticas afrodescendentes, manifesta-se na



Ensaaios sobre o Corpo Observado

corporeidade negra por um entendimento rico e capaz de gerar caminhos e possibilidades. Uma encruzilhada.

Neste Trançar refletimos sobre as práticas corporais. Silva e Damiani (2005, p. 188) nos dizem que “a polissemia corporal aponta para a importância das linguagens como constituintes da experiência e da expressão humana, indicando as práticas corporais como necessárias no processo de formação”. Assim, as práticas corporais afrodescendentes, em especial a dança, envolvem uma diversidade de técnicas, métodos, vivências e experiências. Entendemos essas práticas corporais como produtoras de conhecimento, onde o corpo é o principal agente de desenvolvimento desse processo a partir da sua cultura.

Deste modo entendemos, assim como Silva (2014, p. 270), que a corporeidade é “o próprio agir no mundo, a complexidade do entendimento do ser/estar, temos na corporeidade a expressão do EU”. Todos estes fios já citados formam uma trama que compõem os nossos fazeres e as nossas relações com o mundo. A isso chamamos corporeidade.

Neste exercício de escrita e do ato de lembrar e reinterpretar o encontro no OBCORPO no dia 23 de março, foi apresentado o trabalho de conclusão de Especialização em Educação Física escolar - Sentidos de corporeidade e afrodescendência entre alunos do ensino médio na cidade de Teresina/PI-. O qual teve como objetivo compreender e analisar sentidos de corporeidade enunciados por adolescentes afrodescendentes, alunos do ensino médio de uma escola pública de Teresina-PI, no qual concluiu-se que:

[...] avanços significativos já ocorreram e continuam acontecendo no cenário das relações e das discussões raciais, uma vez que sentidos com focos em temáticas positivas sobre o corpo afrodescendente foram identificados entre os participantes do estudo. O bom tratamento dos alunos durante as aulas de educação física e no contexto escolar se fizeram presentes nas falas dos entrevistados, no entanto, ainda constatamos discursos que evidenciam práticas depreciativas acerca da população afrodescendente. Contudo, tais constatações deverão servir de alerta aos professores em suas práxis educacionais, atentando para um fazer pedagógico capaz de contribuir na construção de uma sociedade mais justa e igualitária pautada no convívio respeitoso para com as diferenças (SILVA JUNIOR; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2020, p. 152).

Com base no exposto, verifica-se a necessidade de se discutir os contextos acadêmicos e suas responsabilidades formativas e sociais, pois a formação dos profissionais que trabalharão diretamente com a educação escolar, ou seja, com a formação intelectual e cidadã da sociedade brasileira, deve estar comprometida com as relações étnico-raciais. Então, devemos



Ensaaios sobre o Corpo Observado

olhar para o nosso interior, olhar a academia, identificar e reconhecer suas estruturas duras pautadas em culturas hegemônicas, eurocêntricas e coloniais (GUALTER; et al., 2020).

Contudo, é necessário compreender as práticas corporais e a corporeidade negra como produção de conhecimento na constituição da (o) pesquisadora (or). Para isso é preciso refletir com criticidade os processos de adição de elementos e propostas estéticas que apontam para a presença de um lugar-comum que correspondam a expectativas acadêmicas esperadas pelo corpo negro.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Retornando às noções espiralar e da trança, este ensaio foi fruto do cruzamento de conceitos e perspectivas formulados com base em vivências e estudos acerca da corporeidade negra durante a formação acadêmica e artística. O texto foi construído a partir da reverberação dos encontros do Observatório do Corpo (OBCORPO-UFPI). Estas reuniões coletivas nos proporcionaram debates sobre as temáticas relacionadas ao corpo, à mídia e à educação.

Assim a circularidade, a encruzilhada e a ancestralidade impregnam este fazer teórico e metodológico. Portanto, concluímos que a corporeidade negra é um conjunto amplo de princípios, narrativas, conceitos e perspectivas que compõem uma cosmovisão afro-brasileira que deve ser levada em consideração na formação acadêmica. Contudo, é importante se reconhecer as práticas corporais como produtoras de conhecimento e com isso perceber a importância deste debate para a Educação Física e para a dança.

REFERÊNCIAS

DANTAS, Luís Thiago Freire. Acontecimento-Exú: a circularidade como trânsito contra colonialista. **Revista Calundu**, v. 4, n. 2, p. 20-20, 2020.

GALVÃO, Cecília. Narrativas em educação. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005.

GUALTER, Katya Souza; et. al. Corporeidades pretas em trânsito: expandindo e firmando territórios. In: **Dança e diáspora negra: poéticas políticas, modos de saber e epistemes outras**. CONRADO, Amélia Vitória de Souza; et. al. (org.). Salvador/BA; ANDA, 2020. – 674. : il. – (Coleção Quais danças estão por vir? Trânsitos, poéticas e políticas do corpo).

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, n. 26, p. 63-81, 2003.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)

_____. Performances do tempo espiralar. In: **Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e texturas**. RAVETTI, Gracieli; ARBEX, Maria (Org.). Departamento de Letras românticas, Faculdade de letras, UFMG, Belo horizonte, Poslit, 2002. 320p.

MOTTA, Diomar das Graças. **As mulheres professoras na política educacional no Maranhão**. São Luís: Imprensa Universitária/UFMA, 2003.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira**. Tese de doutorado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, 2005.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2021.

PETRONÍLIO, João Paulo. Exu: um corpo e um fazer em dança, possível pela diáspora. In: CONRADO, Amélia Vitória de Souza, *et al.* (orgs). **Dança e diáspora negra: poéticas políticas, modos de saber e epistemes outras**. Salvador; ANDA, 2020. – 674. : il. – (Coleção Quais danças estão por vir? Trânsitos, poéticas e políticas do corpo, 6).

RODRIGUES, Graziela Estela Fonseca. **Bailarino- pesquisador - intérprete: processo de formação**. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.

RAMOS, Jarbas Siqueira. Desvelando o corpo-encruzilhada: reflexões sobre a encruzilhada como espaço de interseção. **Anais ABRACE**, v. 20, n. 1, 2019.

RODRIGUES JUNIOR, Luiz Rufino. Pedagogia das encruzilhadas. **Periferia**, v. 10, n. 1, p. 71-88, 2018.

SILVA JUNIOR, Francisco Elismar da; OLIVEIRA, Thiago Páscoa; RODRIGUES, Janete Páscoa. Sentidos de corporeidade e afrodescendência entre alunos do ensino médio na cidade de Teresina/PI. In: **III Encontro nacional discurso, identidade e subjetividade**, 2020, Teresina. Anais Volume 2- III Encontro nacional discurso, identidade e subjetividade. Teresina: EDUFPI- Editora da Universidade Federal do Piauí, 2020. v. 2. p. 1-325.

SILVA, Joceline Gomes. Matriarcado e oralidade nas danças afro-brasileiras. In: **Anais do VI congresso da ANDA**, 2021, Salvador. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2021.

SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Lara Regina. As práticas corporais em foco: a análise da experiência em questão. **Práticas corporais**, p. 187, 2005.

SILVA, Joyce Gonçalves da. Corporeidade e identidade, o corpo negro como espaço de significação. In: **Congresso internacional interdisciplinar em sociais e humanidades**. 2014. p. 263-275.





Ensaio 4

O CORPO AVALIADO PELO COMPONENTE ARTÍSTICO DA GINÁSTICA RÍTMICA

INTERPRETAÇÕES DE JULGAMENTO PELO CÓDIGO DE PONTUAÇÃO

Regina Célia Vilanova-Campelo

Universidade Estadual do Maranhão

Marconi Pereira Lima

Secretaria Estadual de Educação do Piauí

Edvaldo César da Silva Oliveira

Instituto Federal de Educação do Piauí

Modalidades esportivas marcam corpos de formas distintas por estabelecerem padrões específicos conforme a execução técnica e estética exigidas (BOAVENTURA; VAZ, 2020). Isso é alcançado, via de regra, pelo treinamento e avaliada por um código de regras de cada esporte.

A ginástica rítmica (GR) é uma modalidade esportiva que exige grande complexidade de movimentos técnicos que relaciona de forma fluente o corpo, a música e os aparelhos (CORTZ; LOURENÇO, 2019). Apresenta grande complexidade de movimentos e se configura tecnicamente por meio de elementos da dança, da ginástica e a arte de manusear os aparelhos oficiais, e no caso da iniciação no ambiente escolar, os aparelhos alternativos (CAMPELO; SANTOS, 2021).

É um esporte sobre o qual o discurso nativo costuma dizer que estão aliados a arte do movimento expressivo do corpo com a utilização ou não de aparelhos oficiais (corda, bola, arco, maçãs e fitas) e a interpretação de uma música, supondo-se formar uma síntese harmoniosa de elementos corporais técnicos e estéticos (BOAVENTURA, 2016).

Possui um lado artístico e outro desportivo, nos quais a expressão e os elementos corporais formam uma unidade entre a(o) ginasta e o aparelho, exigindo a execução perfeita em sintonia e harmonia com a música (LAFFRANCHI; AMARANTE; MINELLI, 2008). Neste sentido, a GR é caracterizada por ser um espaço no interior do qual leveza, beleza, graça e sensibilidade se apresentam como critérios indispensáveis para um elevado desempenho do(a) praticante.

A GR consegue mesclar toda a empolgação de uma demonstração e/ou competição esportiva com a arte dos movimentos fluentes e precisos do corpo utilizando aparelhos que



Ensaaios sobre o Corpo Observado

embelezam ainda mais os movimentos. Durante a execução de uma série de GR são exigidos movimentos do ballet e elementos gímnicos que tornam esse esporte cada vez mais admirado, como por exemplo as dificuldades corporais que englobam os saltos, equilíbrios e rotações; as ondas corporais; os elementos dinâmicos com rotação e as dificuldades de aparelho (grupos técnicos fundamentais e não fundamentais de cada aparelho).

Por outro lado, segundo Souza; Mantovani; Lenardt (2001) o corpo, o maior bem que o ser humano possui, tem o seu próprio universo, é único e ao mesmo tempo repleto de particularidades, significados, anseios, percepções, esperanças e incertezas. O corpo é um meio de comunicação direta com o mundo e com o outro.

Por meio do movimento, o corpo nos situa no mundo, nos posiciona em relação às coisas, permite que as conheçamos por diferentes ângulos e revela que a visão se dá por perspectivas (REIS, 2011). Para Merleau-Ponty (2006) o corpo é sempre um espaço expressivo. O corpo não é uma capa exterior do ser, mas sua própria expressão, pois “a cada momento o corpo exprime as modalidades da existência” (MERLEAU-PONTY, 2006, p.223).

Neste ínterim, durante o julgamento artístico da GR o corpo é julgado instigando ao avaliador repensar a subjetividade como um processo aberto que se concretiza no corpo, a partir das vivências, movimentos, percepções, expressões, criações e interpretações da(o) ginasta. Neste sentido, ao avaliar uma série de GR os juízes que julgam o componente artístico necessitam interpretar as subjetividades do corpo e suas interpretações. Portanto, temos como objetivo analisar o componente artístico da ginástica rítmica de acordo com o código de pontuação vigente; realizar uma releitura para professores de educação física escolar.

O COMPONENTE ARTÍSTICO DA GINÁSTICA RÍTMICA

Definir o termo “componente artístico” no campo desportivo é difícil, devido à dicotomia que se carrega historicamente entre os termos técnica e arte. Nossa análise foca na GR, que parece ser um exemplo emblemático acerca dessa divisão entre técnica e arte, porque de um lado possui técnicas rígidas, prescrições detalhadas e regras; e por outro lado, possui a graciosidade, a criatividade e a expressão própria da(o) ginasta.

Neste esporte o corpo recebe pontuações que são julgadas com base, também, na subjetividade do corpo observado sob o prisma de uma banca avaliadora com base em um código de pontuação que regulamenta a sua prática.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

Apesar do código de pontuação ditar regras, o mesmo possibilita condições para criação do estilo próprio da ginasta, com elementos executados de forma estética e com perfeição técnica. Neste sentido, o corpo é capaz de produzir saber, ser belo e criar novos sentidos para sensibilizar o público e os avaliadores. E é justamente durante a criação coreográfica que o(a) professor(a)/técnico(a) e ginastas devem elaborar/montar uma série que contemplem tais aspectos.

Coreografar é construir uma obra de arte onde música, corpo, aparelho, deslocamento, expressão corporal e facial se encaixam perfeitamente. Entretanto, muitos detalhes precisam ser respeitados ao coreografar uma série de GR, visando a participação em competições. Alguns critérios são determinantes para avaliação do componente artístico, a saber:

AVALIAÇÃO PELOS JUÍZES DO PAINEL ARTÍSTICO

Os juízes do painel artístico avaliam a composição e o desempenho artístico a partir do padrão de perfeição estética. O componente artístico da GR é avaliado pela banca de execução de faltas artísticas. Ao analisar as exigências do Código de Pontuação 2022-2024 (FIG, 2022), a soma das penalidades do artístico é subtraída de 10.00 pontos.

Os juízes do artístico devem permanecer atualizados com a GR contemporânea, devem saber a expectativa de desempenho mais atual para a composição, compreender que os padrões estão mudando à medida que o esporte evolui. Uma novidade no atual código de pontuação 2022-2024 está relacionada a inclusão do gênero, até o ciclo passado o código fazia referência apenas ao sexo feminino. Neste, é entendido como incluído todos os gêneros.

ESTRUTURA ARTÍSTICA E DESEMPENHO: OBJETIVOS DA COMPOSIÇÃO

A GR é definida por uma composição única construída em torno de uma escolha específica de música. A música específica guia as escolhas de todos os movimentos e todos os componentes da composição são criados em uma relação harmoniosa uns com os outros.

A música não deve ser utilizada como fundo para os elementos do corpo e aparelho, precisa estabelecer o andamento, tema dos movimentos e estrutura da composição. Para isso, quanto a(o) técnico(a) e ginasta selecionam a música devem ser considerados a idade, nível técnico e a qualidade artística da(o) ginasta, além das normas éticas. A excelência artística é alcançada quando a estrutura da composição e o desempenho artístico desenvolvem, de forma



Ensaaios sobre o Corpo Observado

clara e completa. A composição deve ser desenvolvida para criar uma ideia guia, ou seja, a história do exercício, do início ao fim do exercício.

A criação configura-se como fator condicionante para o progresso da prática da GR. É impreterível observar o caráter do estilo do movimento encontrado nos passos de dança e também nos movimentos de conexão entre dificuldades ou as próprias dificuldades e a expressividade dos movimentos.

O corpo deve refletir o contraste da música através da intensidade dos movimentos corporais com os aparelhos. Os movimentos do corpo, bem como do aparelho devem se correlacionar precisamente com os acentos musicais e as frases musicais; ambos os movimentos do corpo e do aparelho devem enfatizar o tempo/ritmo da música para criar um impacto ou efeito, ou seja, um momento que a intenção é criar um momento memorável na performance.

A composição coreográfica deve ser desenvolvida através dos elementos técnicos, estéticos e dos enlances, onde o movimento passa suavemente e de maneira lógica para o próximo de maneira fluida, sem movimentos desnecessários ou movimentos de preparação prolongada. O uso de diferentes níveis e direções dos movimentos do corpo e das direções e planos do aparelho devem estar ligados em conjunto, com um claro propósito.

A música é o meio precioso pelo qual o praticante da GR desenvolve a expressão do movimento. A melodia delinea e dá mais vida a tudo aquilo que o corpo deseja alcançar. Portanto, a melodia deve ser rica para agir na(o) ginasta, a fim de que esta execute tecnicamente e interprete sua série. O ritmo ajuda a dar harmonia aos movimentos, equilibra a relação corpo e mente. As faltas na relação entre movimento e ritmo ou conexões ilógicas serão penalizadas a cada vez que surgir na apresentação da série.

CARÁTER DO MOVIMENTO

Os movimentos executados durante a série devem apresentar um estilo claramente definido, enfatizando a interpretação única do(a) ginasta sobre o caráter da música. Além de serem refletidas por mudanças no caráter dos movimentos, essas mudanças devem ser harmoniosamente combinadas e desenvolvidas do início ao fim do exercício.

O caráter identificável é reconhecido pelos movimentos do corpo e do aparelho ao longo de todo exercício. De certo, todos os movimentos que não são passos de dança devem



Ensaaios sobre o Corpo Observado

apresentar um caráter no início e saída das dificuldades, durante os elementos de rotação, ondas corporais, riscos, mudanças de nível e/ou na maioria das conexões, podendo ser despontuado de 0,30 até 1,0 ponto.

COMBINAÇÃO DE PASSOS DE DANÇA

Uma combinação de passos de dança é uma sequência específica de movimentos com o corpo e com o aparelho dedicada a expressar a interpretação estilizada da música. Os passos de dança são coreografados de acordo com o caráter, ritmo, tempo e acentos da música, sendo definida pelo caráter do movimento.

A construção dos movimentos deve incluir todos os segmentos corporais, de acordo com a música específica, incluindo a cabeça, ombros, mãos, braços, quadril, pernas, pés, etc. Cada composição deve ter no mínimo duas combinações de passos de dança, com duração mínima de oito segundos com o aparelho em movimento, entretanto, grandes lançamentos e elementos pré-acrobáticos não podem ser realizados.

A combinação de passos de dança deve incluir uma variedade de movimentos especificamente utilizados para os fins coreográficos de caráter e efeito. Os movimentos devem ser realizados em harmonia com o ritmo. Ademais, durante a execução dos passos de dança o modo como a(o) ginasta se desloca pela área oficial devem ser variadas e diversas, em harmonia com o estilo específico e o caráter dos movimentos, e não movimentos genéricos pela área (como andar, pisar, correr) com manejo do aparelho.

EXPRESSÃO CORPORAL

No julgamento do componente artístico a expressão corporal da(o) ginasta é julgada com base na síntese de força, potência com beleza e elegância nos movimentos. Ampla participação dos movimentos corporais (cabeça, ombros, tronco, caixa torácica, mãos, braços, pernas, assim como a face) que crie movimentos flexíveis, plásticos e/ou sutis que transmitam o caráter; comuniquem sentimentos ou respostas à música com expressão facial. Independentemente do tamanho físico ou altura da(o) ginasta, os movimentos dos segmentos corporais são executados com máximo alcance, largura e extensão. Em uma conexão expressiva e energética com a música, que envolve o público em sua apresentação.



Ensaios sobre o Corpo Observado

MUDANÇAS DINÂMICAS: CRIANDO CONTRASTES

Um dos aspectos mais notáveis na GR é que movimentos como saltos, equilíbrios e rotações podem ser construídos pouco a pouco, até chegarem às mais complicadas combinações. Portanto, a energia, força, velocidade e intensidade dos movimentos devem corresponder às mudanças dinâmicas.

Na elaboração da série de GR o professor de educação física escolar deve sugerir e observar se a ginasta mostra mudança no dinamismo (mudança na velocidade, estilo ou intensidade) através do contraste na energia, força, velocidade e intensidades dos movimentos do seu corpo e do aparelho com as mudanças na música (mudança no volume, tempo e/ou estilo). Composições com menos de 2 mudanças dinâmicas e/ou sem nenhuma mudança dinâmica executada serão penalizadas em 0,30 e 0,50, respectivamente.

EFEITOS DO CORPO E DO APARELHO

Nosso corpo possui a função da criatividade através da sensibilidade, vivência e conscientização. A atitude de criar dá a capacidade de transformar movimentos corporais, possibilitando ao ginasta transformar seus próprios meios corporais e com os aparelhos.

Cada aparelho de GR possui sua própria característica e, portanto, para cada um deles é necessário determinar um tipo de movimento e associar a esta sua velocidade, variantes e seu tempo de execução. Deve ser criado uma relação ou movimento com o aparelho que seja inesperada, chamado de “efeito surpresa” em contraste com o que é previsível. A união de elementos específicos com acentos específicos cria um efeito que é reconhecível pelos espectadores, o propósito de tais efeitos é contribuir com a relação original entre a música específica e os movimentos específicos desenvolvidos pela(o) ginasta.

UTILIZAÇÃO DO ESPAÇO

A ginasta deve utilizar uma variedade de direções e trajetórias (para frente, para trás, em círculos, etc) durante a apresentação da série. Além disto, deve criar diferentes padrões para usar toda a área oficial (tablado 13x13 e/ou espaço) de forma variada e completa. A exploração de níveis e modalidades de deslocamento, ou seja, ginasta em voo, de pé, solo, correndo, saltitando, pulando, etc. são observados e avaliados durante a sua apresentação. Os elementos técnicos do aparelho devem ser executados com diferentes técnicas, em variados



Ensaios sobre o Corpo Observado

planos, em diferentes direções e em diferentes partes do corpo. A ginasta, além de seus aparelhos, tem também sua dimensão espacial, que a faz sentir, perceber e explorar seus novos movimentos sem limitação. Através do seu espaço interior de expressão seu sentimento desenvolve-se em múltiplas formas técnicas.

UNIDADE

O objetivo de criar uma relação harmoniosa de todos os componentes artísticos juntos é criar uma ideia unificada. A continuidade dos movimentos com a expressão corporal do início ao final estabelece a harmonia e unidade. Uma ou várias faltas técnicas, que quebrem a unidade de composição obrigando a(o) ginasta a interromper a execução da composição ou a deixar de retratar uma imagem artística por vários segundos, é penalizado uma vez como uma penalidade geral ao final do exercício. Em vários momentos da série a falta de unidade pode acontecer, como por exemplo quando a(o) ginasta perde o aparelho e devem realizar a substituição do mesmo.

CONEXÕES

Uma conexão é uma ligação entre dois movimentos ou dificuldades. Todos os movimentos devem ter uma relação lógica e intencional entre eles para que um movimento/elementos passe para o próximo por uma razão identificável.

Adicionalmente, essa ligação entre movimentos também oferece oportunidade para reforçar o caráter da composição. Ao elaborar uma série de GR para criar harmonia e fluidez os elementos devem apresentar um proposto, unidos suavemente e logicamente sem preparações prolongadas ou paradas desnecessárias que não apoiam o caráter da composição ou que não criam efeitos. As conexões ilógicas serão penalizadas em 0,10 a cada vez até 2,00 pontos.

RITMO

Os movimentos do corpo assim como os do aparelho devem corresponder precisamente com os acentos musicais e as frases musicais, ambos os movimentos do corpo e do aparelho devem enfatizar o tempo/andamento da música.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

Movimentos que são executados separadamente dos acentos ou desconectados do tempo estabelecido pela música são penalizados 0,10 cada vez, até 2,00 pontos. O final da composição deve corresponder precisamente com o final da música. Quando o(a) ginasta completa o seu exercício e assume sua pose final antes da final da música ou depois do término da música, essa falta de harmonia entre música e movimento ao final do exercício é penalizada.

A banca julgadora espera que a ginasta realize um movimento perfeito. Um movimento perfeito apresenta, em seu desenrolar, totalidade e fluência rítmica. O corpo inteiro é solicitado constantemente, apresentando continuidade do movimento que ondula e se irradia por ele todo. Quanto melhor for o movimento, mais simples, mais fácil e menos forçado parece, permitindo-nos a expressão “parece natural”. Para tanto, as faltas artísticas são julgadas conforme o quadro 1 e 2 (em anexo).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nós compreendemos o Código de Pontuação de GR como a materialização das relações de poder que adequam os corpos. Nessa perspectiva, é possível promover o ensino da GR no ambiente escolar em unidades contextualizadas e com significados que representem os aspectos do componente artístico.

Sob o mesmo ponto de vista, a fascinação que este esporte exerce sobre todos que a ele estão ligados provem o desenvolvimento da sensibilidade em apreciar a beleza de sua execução e todos os aspectos julgados na avaliação do componente artístico podem serem compreendidos pelos profissionais de educação física e também desenvolvidos durante as aulas de educação física escolar.

Portanto, a GR, organizada de acordo com as possibilidades do praticante durante a sua permanência na escola, logra cooperar e conscientizar o aluno de suas capacidades e dando-lhe segurança física, psíquica e social, pela prática de movimentos em todas as suas possibilidades de variações no tempo, espaço, dinâmica, ritmo e expressão. Neste contexto, é essencial que o professor de educação física compreenda os critérios avaliativos do júri artístico descritos no código de pontuação.

O componente artístico permite a(ao) ginasta utilizar-se do corpo e da sua consciência corporal e espaço-temporal mediante tudo que o cerca, a partir da desinibição, da expressão,



Ensaaios sobre o Corpo Observado

do ritmo, da concentração e da sensibilização; a percepção e atenção; a espontaneidade e naturalidade e aspectos físicos, motores, cognitivos e socioafetivos.

REFERÊNCIAS

BOAVENTURA, Patrícia Luiza Bremer; VAZ, Alexandre Fernandez. Corpos femininos em debate: ser mulher na ginástica rítmica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 26, e26005, 2020.

BOAVENTURA, Patrícia. **Técnica, estética, educação**: os usos do corpo na ginástica rítmica. 2016. 445 p. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

CAMPELO, Regina Célia Vilanova; SANTOS, Ana Lourdes de Freitas. Aparelhos Alternativos: possibilidades de uso na Ginástica Rítmica. In: **Educação Física e Cotidiano Escolar**: reflexões e pesquisas contemporâneas. Parnaíba, PI: Acadêmica Editorial, 2021.

CORTZ, Roberta Vieira; LOURENÇO, Marcia Regina Aversani. O mundo da ginástica rítmica. In: **Exercícios compensatórios na Ginástica Rítmica**: possibilidades de reduções de lesões. 1. ed. Várzea Paulista (SP): Foutora, 2019.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE. 2022 – 2024 CODE OF POINTS, Lausanne, Suíça, 2022. Disponível em: https://www.gymnastics.sport/publicdir/rules/files/es_2022-2024%20RG%20Code%20of%20Points%20with%20changes.pdf Acesso em dezembro 2021

LAFFRANCHI, Bárbara; AMARANTE, Camila Ferezin do; MINELLI, Daniela Schwabe. Treinamento de alto nível em Ginástica Rítmica. In: **Ginástica rítmica**: da iniciação ao alto nível. Jundiaí: Fontoura; 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

REIS, Alice Casanova dos. A Subjetividade Como Corporeidade: o corpo na fenomenologia de Merleau-Ponty. **Vivência**. n.37, p. 37-48, 2011.

SOUZA, Rosa Helena Silva; MANTOVANI, Maria de Fátima; LENARD, Maria Helena. Significados do corpo: reflexão teórica. **Cogitare Enferm**. Curitiba, v.6, n.2, p.25-30, jul./dez. 2001



Ensaio sobre o Corpo Observado

Fábio Soares da Costa
 Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
 Regina Célia Vilanova-Campelo
 (Organizadores)

ANEXOS

Quadro 1. Faltas Artísticas Individuais

Penalizaciones	0.30	0.50	1.00								
CARÁCTER DEL MOVIMIENTO	Mayoría del ejercicio: <ul style="list-style-type: none"> Presente en gran parte, pero no en todas las conexiones. Falta en algunos, pero no en todos los elementos D. 	Algunas partes del ejercicio: <ul style="list-style-type: none"> Presente en algunas conexiones. Ausente durante los elementos D. 	Presente solo en los Pasos de Danza (no en las conexiones ni en los elementos D).								
PASOS DE DANZA		Ausencia de 1 combinación de pasos de danza con ritmo y carácter.	Ausencia de 2 combinaciones de pasos de danza con ritmo y carácter.								
EXPRESIÓN CORPORAL Y FACIAL	No desarrollado en el ejercicio: <ul style="list-style-type: none"> Una expresión facial fija sin adaptarse a la intensidad o carácter, y/o participación parcial de los segmentos corporales en los movimientos. 	No desarrollado en el ejercicio: <ul style="list-style-type: none"> no hay expresión facial, y/o insuficiente participación de los segmentos corporales. 									
CAMBIOS DINÁMICOS	Menos de 2 cambios dinámicos realizados.	No se realizan cambios dinámicos.									
EFFECTOS CORPORALES/APARATOS CON LA MÚSICA	No hay elemento/s corporales/aparatos específicos coordinados con frases/acentos específicos, que crean un impacto visual.										
VARIEDAD: LANZAMIENTOS Y RECUPERACIONES	Más de tres lanzamientos idénticos y/o recuperaciones.										
USO DEL PRACTICABLE	Uso insuficiente de todo el practicable.										
UNIDAD	Se rompe la unidad/armonía/continuidad de la composición por una interrupción técnica severa.										
CONEXIONES	Penalizaciones										
	0.10	0.20	0.30	0.40	0.50	0.60	0.70	0.80	0.90	1.00	
	1.10	1.20	1.30	1.40	1.50	1.60	1.70	1.80	1.90	2.00	
RITMO	Penalizaciones										
	0.10	0.20	0.30	0.40	0.50	0.60	0.70	0.80	0.90	1.00	
	1.10	1.20	1.30	1.40	1.50	1.60	1.70	1.80	1.90	2.00	
Penalizaciones	0.30	0.50	0.70	1.00							
MUSICA Música-movimiento al final del ejercicio.		Falta de armonía entre música y movimiento al final del ejercicio.									
Normas musicales.	Música no conforme a las normas.										
	Una introducción musical de más de 4 segundos.										



Ensaio sobre o Corpo Observado

Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)

Quadro 2. Faltas Artísticas Conjunto

Penalizaciones	0.30	0.50	1.00
CARÁCTER DEL MOVIMIENTO	Mayoría del ejercicio: <ul style="list-style-type: none"> Presente en gran parte, pero no en todas las conexiones. Falta en algunos, pero no en todos los elementos D. 	Algunas partes del ejercicio: <ul style="list-style-type: none"> Presente en algunas conexiones. Ausente durante los elementos D. 	Presente solo en los Pasos de Danza (no en las conexiones ni en los elementos D).
PASOS DE DANZA		Ausencia de 1 combinación de pasos de danza con ritmo y carácter.	Ausencia de 2 combinaciones de pasos de danza con ritmo y carácter.
EXPRESIÓN CORPORAL	Poco desarrollado en el ejercicio: <ul style="list-style-type: none"> Participación parcial de los segmentos corporales en el movimiento y/o Desequilibrio de la intensidad y la energía entre las cinco gimnastas como unidad expresiva. 	No desarrollado en el ejercicio: <ul style="list-style-type: none"> Insuficiente participación de los segmentos corporales y/o Falta de intensidad en la energía entre las cinco gimnastas como una unidad expresiva. 	
CAMBIOS DINÁMICOS	2 Cambios Dinámicos realizados.	1 Cambio Dinámico realizado.	Cambios Dinámicos no realizados.
EFFECTOS CORPORALES/APARATOS	Menos de 2 elementos específicos coordinados con acentos/frases de la música que crean un impacto visual logrado a partir de: <ul style="list-style-type: none"> Construcción con el cuerpo y/o aparatos de imágenes visuales en armonía con las señales musicales. Trabajo colectivo. Relaciones creadas en subgrupos. Conexiones coreográficas entre Dificultades. 	No hay elementos específicos coordinados con frases/acentos específicos de la música que crean un impacto visual, logrado a través de: <ul style="list-style-type: none"> Construcción con el cuerpo y/o aparatos. Trabajo colectivo. Relaciones creadas en subgrupos. Conexiones coreográficas entre Dificultades. 	
TRABAJO COLECTIVO	Falta de 1 de cada tipo de las 4 estructuras organizativas de trabajo colectivo (penalización por cada uno que falte): 1. Sincronización, 2. Canon, 3. Contraste, 4. Coral		
FORMACIONES	<ul style="list-style-type: none"> Insuficiente variedad en el diseño y/o amplitud de las formaciones (desequilibrio entre las formaciones abiertas y cerradas) y/o. La misma formación se mantiene en el mismo sitio durante más de 2 dificultades seguidas. 		
COLABORACIONES	Menos de 4 tipos de Colaboración: mínimo 2 de cada.		
UNIDAD	Unidad/ armonía/ continuidad de la composición se rompe debido a una interrupción técnica severa.		

CONEXIONES	Penalizaciones										
	0.10	0.20	0.30	0.40	0.50	0.60	0.70	0.80	0.90	1.00	
RITMO	Penalizaciones										
	0.10	0.20	0.30	0.40	0.50	0.60	0.70	0.80	0.90	1.00	
	1.10	1.20	1.30	1.40	1.50	1.60	1.70	1.80	1.90	2.00	

Penalizaciones	0.30	0.50	0.70	1.00
MÚSICA Música – movimiento al final del ejercicio		Ausencia de armonía entre la música y el movimiento al final del ejercicio.		
NORMAS MUSICALES	Música no conforme a las normas. Una introducción musical de más de 4 segundos.			
CONSTRUCCIONES CORPORALES/ POSICIONES ELEVADAS		Más de 4 segundos en una construcción elevada y/o construcción no autorizada.		
CONTACTO CON GIMNASTAS Y APARATOS	Una o varias gimnastas se encuentran sin aparato durante más de 4 segundos (falta de composición).	Si uno o más aparatos no están en contacto con la gimnasta en el principio o en la posición final.		





Ensaio 5

SENTIDOS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CORPO FEMININO MIDIATIZADO PELO FORRÓ CONTEMPORÂNEO

Beatriz Lima de Araújo

Universidade Federal do Piauí

Fábio Soares da Costa

Universidade Federal do Piauí

Este ensaio procura refletir sobre o processo de produção (enunciação) de sentidos midiáticos da mulher e do seu corpo na cultura do forró contemporâneo através de observações não sistemáticas, mas curiosas, de coreografias das bandas de forró, dos shows e dos discursos das letras de bandas de forró eletrônico, que constroem e ofertam sentidos sobre o corpo feminino e o seu gênero. Assim, surgiu uma questão para reflexão: ao observarmos as letras e as músicas de forró eletrônico, os figurinos de seus atores, o perfil corporal e os movimentos dançantes de vocalistas e bailarinas dessas bandas, o que podemos concluir quanto aos sentidos ofertados nessas tessituras? Que corpo feminino e que representações simbólicas são apresentados nesta cultura contemporânea do forró eletrônico midiatizado?

Inicialmente, precisamos delimitar o que pretendemos ao ensaiar estas reflexões. Trataremos aqui de representações sociais circulantes em uma cultura midiaticizada, hedonista e construída pela indústria cultural do entretenimento que é o forró eletrônico midiatizado e, ainda, das representações da mulher, do gênero e do seu corpo como parte instituída nuclear nessa cultura contemporânea.

Para compreender de que representações nos alinhamos, aqui, recorreremos à Moscovici (1976) que defende que as representações sociais podem ser entendidas como forma de conhecer, conceber e entender a realidade, umbilicalmente ligadas às sociedades industriais e, diferente do que seja representação mental (respostas mentais aos estímulos do meio social), é uma construção do significado do meio social, numa semiose interativa e concomitante entre estímulo e resposta. Para o autor, é em um jogo integrativo e preparativo para o devir, construindo e ressignificando o ambiente em que o comportamento ocorrerá. Por isso, na representação social, o sujeito reage à realidade ao tempo em que constrói sua própria realidade.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

Este ensaio usa o conceito de representações simbólicas - aquelas que são socialmente construídas e válidas como categoria de análise, assim como considera Doise (1990) que as considera princípios organizadores dos processos simbólicos, derivados de posicionamentos específicos dos seres sociais, análogos às dimensões de oposição e hierarquização de Bourdieu (1977) com sua teoria do campo.

Para Doise (1990), os princípios organizadores dos processos simbólicos são derivados dos posicionamentos específicos dos indivíduos, mas sempre imbrincados em relações sociais, podendo ser de três níveis, o sociológico, o psicológico e o psicossociológico, que estão em busca de uma explicação da natureza dos grupos sociais, pois os disparadores cognitivos estão na interação social.

Assim, o autor trata a significação de uma representação social sempre amparada em significações mais gerais que intervêm nas relações simbólicas próprias de um determinado campo social. Isso remete também às relações intergrupais e sua mútua determinação com outros fenômenos, como também trata Bourdieu (1998), com seu espectro de *habitus* que é importante por marcar o sujeito como um agente social e temporal.

As lógicas de retenção, mediação e classificação que transitam entre a subjetividade individual e a objetividade social nos remetem às interações simbólicas que desembocam na constituição de um campo e na estruturação de estilos de vida ou de demarcações culturais como o que chamamos de cultura do forró eletrônico.

GÊNERO E CORPOREIDADE EM DISCUSSÃO

Compreendida nossa aproximação teórico-metodológica para o desenvolvimento de nossas reflexões, agora precisamos entender como as mídias, gênero e corporeidade foram inseridos neste debate. Martín-Barbero (2001) e Orozco Gómez (1991) consideram mídia como uma instância mediadora do processo de produção cultural e da recepção como procedimento ativo e complexo, dependente de diversas estruturas e instituições sociais. Assim, os significados que os sujeitos atribuem às mensagens midiáticas são resultados da intermediação expressa pelo próprio contexto cultural dos receptores.

Rodrigues (2006, p. 84) defende que:

As mídias podem ser identificadas como matéria propulsora do fenômeno da globalização e, portanto, agenciadas dessas fusões culturais. Assim, as mídias produzem hibridações culturais, tanto entre o tradicional e o moderno, como entre o



Ensaaios sobre o Corpo Observado

local e global. Ou seja, os processos midiáticos participam ativamente na construção de identidades culturais cada vez mais mistas no sentido das multitemporalidades, das multiespacialidades e das multiétnias. Portanto, toda cultura hoje, por mais que lute em sentido contrário, é multicultural.

Quanto às relações entre mídia e mulher, Antunes (2002) diz que as imagens de feminilidade que apareceram nos anúncios publicitários, nos almanaques, nas telas de cinema e nas revistas, com bastante ênfase na década de 30 do século XX, com uma significação de procriação, não mais assumem papel de destaque hoje, pois o papel da mulher na mídia é mais mercadológico, propulsionado pelo culto ao corpo, de formas perfeitas e na exposição banalizada do corpo feminino, cada vez mais descoberto, desnudo.

O papel das mídias na sociedade pode ser pensado a partir do seu poder de propor definições da realidade via agendamentos e tematizações. Nestas definições da realidade, além de um trabalho de reprodução de elementos da cultura e da sociedade que a constitui e da qual participa ativamente, pode ser percebido também esse trabalho discursivo concomitante de produção e instituição de sentidos. O conjunto de discursos da mídia (revistas, jornais, televisão, rádio, cinema etc.) traz uma multiplicidade de ‘vozes’ propondo diferentes definições do que seja “certo”, “bom” ou “bonito”.

Frente ao fato da sexualidade na música popular ser um campo de pesquisas gigantesco e complexo, que dada sua importância simbólica no processamento de comportamentos coletivos e pensamentos compartilhados na sociedade, carecer de investigações mais frequentes e profundas, este ensaio considera o processo de produção (enunciação) de sentidos midiáticos do corpo feminino no forró contemporâneo, a partir de observações não sistemáticas que realizamos em nosso cotidiano. Por diversos canais de informação e comunicação somos expostos à cultura do forró contemporâneo: nas propagandas de TV, rádio e de internet; nas plataformas de streaming; nos outdoors; nos programas de TV; em jornais, revistas e portais de notícias. Enfim, não é difícil ter a atenção acionada por algum destes canais que apresentam músicas, letras e vídeos relacionados ao tema.

Segundo Silva (2003), o forró eletrônico, também chamado de forró pós-moderno, inseriu em seu *corpus* um elemento semiótico importante: a exposição de mulheres atraentes, de corpos esculturais, anatomicamente ressaltados e quase sempre à mostra. Daí, possamos entender porque, para Trota (2009), as características eróticas observadas nas letras do forró eletrônico reforçam as características tradicionais de nossa sociedade, onde o poder do



Ensaaios sobre o Corpo Observado

homem sobre a mulher é um fato social, real, atual e relativamente dominante, sobretudo nos discursos masculinos. Todavia, apesar de observarmos que, nessas letras, a sujeição exclusiva ao poder patriarcal é presente e se configura como a base para o comportamento submisso da mulher, também observamos o reverso, o inverso, o controverso, que são as letras que trazem um empoderamento feminino, de valorização do seu corpo, sua moral, sua individualidade e apego à sua vida privada, que pode desenvolver-se com um outro parceiro, ou até mesmo sem eles – homens.

No contexto da mídia, a imagem do corpo feminino passa por um processo de mercantilização. Evidenciamos cada vez mais um corpo descoberto na busca do atingimento de objetivos capitalistas. E essa evidência dá-se, sobretudo, por processos midiáticos, orientados por lógicas de mercado, onde empresas produzem mercadorias, informação, entretenimento e publicidade, que, integrados, formam suas bases de interesses. E assim é a indústria cultural do forró eletrônico.

Observamos que o corpo feminino está mais desprovido de subjetividade, alvo apenas da lógica capitalista, que o coloca na infeliz condição de bem de consumo. Paralelamente, a aparição crescente dessa problemática de mercantilização do corpo feminino através dos apelos midiáticos faz emergir a discussão sobre a necessidade de se reverter essa situação, que reflete a ideia de que o corpo da mulher, ao mesmo tempo que é seu, não lhe pertence (GOELLNER, 2001).

Como nosso objeto de análise é o corpo e a imagem feminina, trazemos algumas oportunas contribuições de Judith Butler (2000) sobre a diferença dos sexos, defendendo que a categoria do sexo é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Michael Foucault chamou de ideal regulatório. Segundo a autora, é nesse ponto que, ao perceber que o sexo é materializado como prática regulatória que gerencia, produz e transforma os corpos, a autora também nota que existem sinais de que a materialização não é nunca totalmente completa, e que os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta. Assim, essa instabilidade transforma-se em possibilidades de rematerialização, abertas por esse processo, que marca um domínio no qual a força da lei regulatória pode se voltar contra ela mesma para gerar rearticulações que colocam em questão a força hegemônica daquela mesma lei regulatória.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

A importância desse discernimento neste ensaio dá-se porque a concepção de gênero que defendemos é aquela que procura ressignificar/reposicionar as distinções entre os sexos, remodelando conceitos biologicamente postos (macho e fêmea) em homens e mulheres como seres sociais, que têm suas desigualdades marcadas por fatores sociais e não por conta de sua origem biológica. Todavia, fatores socioculturais ainda se encontram incrustados em nossa sociedade e demandam de um percurso temporal de lutas e mudanças ainda por vir, sem prospecção infalível. Vemos esse contexto no que diz Torrão Filho (2004, p. 139):

Mas a diferenciação entre os sexos pressupõe a definição do que são as características que formam a identidade do masculino e do feminino. Não apenas as mulheres aprendem a ser femininas e submissas, e são controladas nisto, mas também os homens são vigiados na manutenção de sua masculinidade. [...] Este discurso não só cria uma essência do que é ser homem e mulher, uma identidade à qual mulheres e homens não são convidados a interferir, mas mantém intactos todos os preconceitos que diz eliminar. Assim, mulheres não devem ser homens porque elas não têm capacidade para isso, porque isso vai contra sua natureza, como dizia Sêneca, uma mulher que se faz passar por homem é um 'mundo às avessas'. E o homem não deve se rebaixar à condição de uma mulher, por isso ele não deve se preocupar em chorar ou demonstrar seus afetos, pois isto faz parte de seu lado feminino que pode ser expresso, porque é apenas um lado, não uma totalidade, e porque não coloca em risco sua heterossexualidade.

Tal pensamento parece representar boa parte da bibliografia de referência sobre a questão do gênero, e nos reforça as prerrogativas abordadas quando do trato sobre o forró eletrônico e o papel da mulher, assim como as funções assumidas por seus corpos nas letras e no contexto das indústrias culturais envolvidas no processo de mercantilização da música, do corpo e da mulher que nela é representada. Falo do que diz a psicóloga social Lígia Amâncio (1993, p. 138) quando trata de gênero, suas representações e identidades:

A configuração das representações, socialmente partilhadas e difundidas, do masculino e feminino é marcada por uma assimetria que se revela na dominância simbólica do masculino, objetivação do ser homem, mas também do ser indivíduo, em relação ao feminino, que define exclusivamente o ser mulher. Mesmo reconhecendo o papel do sexo biológico enquanto fator estruturante destas concepções, a sua organização sócio cognitiva só integra a natureza no feminino, reservando, assim para as mulheres, uma permanente marca de diferença, enquanto que a dominância simbólica do masculino se traduz ainda na extensão dos seus significados para além do grupo concreto dos homens. Ao conferir autonomia analítica à especificidade do feminino, como fizeram algumas correntes da psicologia e da sociologia feministas, corre-se o risco de se confundir a aparência com a realidade reproduzindo, no plano científico, a materialização do ser mulher (e do ser homem) que existe ao nível do senso comum e que integra estes seres nos indivíduos dos respectivos sexos, deslocando-os da sua origem social. Embora se possa conceber que, pelo facto do sexo biológico impor às mulheres uma forte marca de diferença, elas tomem mais facilmente consciência de sua condição social do que os homens,



Ensaaios sobre o Corpo Observado

cuja identidade coletiva se confunde com a individualidade, não podemos esquecer a formação das representações sociais também se ancora na naturalização dos modos de ser.

O corpo e as representações femininas no forró eletrônico são constituintes de um complexo cultural que compõem rotinas culturais, mercado de trabalho, imaginário profissional e um contexto social marcadamente específico dessa cultura. Nele, através de diferentes dispositivos midiáticos, podemos inferir sobre várias lógicas de consumo e de representações simbólicas.

Um dos principais produtos consumidos nesta cultura são os shows de forró, produzidos com grande investimento e estrutura física e tecnológicas de grande monta. Quanto aos figurinos, observamos que vocalistas mulheres usam roupas brilhantes, que valorizam a silhueta de seus corpos, contudo são vestimentas que recobrem um percentual maior do corpo, quando relacionadas ao figurino das dançarinas. Esses atores do espetáculo esbanjam vitalidade física e possuem um condicionamento físico exemplar, pois a dinâmica coreográfica dos shows é extenuante. Suas roupas são marcadas por privilegiar partes do corpo humano consideradas mais sensuais, como pernas, glúteos e seios nas mulheres, abdome e peitorais nos homens. O figurino de vocalistas e dançarinas é substituído algumas vezes durante o show.

Quanto à corporeidade das vocalistas, observamos que essas dançam com desenvoltura e participam ativamente de momentos cênicos com os outros vocalistas e dançarinos, inclusive realizando movimentos de média amplitude, utilizando grande parte do palco. As dançarinas possuem um biotipo que privilegia pernas grossas, bumbum grande e arredondado, abdome bem definido anatomicamente e baixos níveis de gordura abdominal. Quanto ao modo de dançar, o fazem em solo ou em duplas, ladeadas, à frente e atrás dos dançarinos, também realizando movimentos em conjunto com estes, com uma ou as duas mãos unidas, tronco e membros superiores e inferiores próximos e muitas vezes colados um ao outro. Movimentos em pares característicos do forró, bem como saltos, saltitos, giros, volteios e outros.

A dança analisada tem como características e sentidos o social, o cênico, o romântico e o erótico. A dança em dupla é executada com mais malícia e sensualidade, demonstrando cumplicidade da dupla, que em determinados momentos da apresentação são o foco das atenções. Os principais movimentos observados são a levantada de perna, giros, a elevação dos braços e o jogar do cabelo (pelas dançarinas), bem como as aberturas laterais de pernas, elevação de braços e giros (pelos dançarinos). Também observamos cabelos soltos; pernas



Ensaaios sobre o Corpo Observado

fortes e torneadas, tipo “sarada”, sempre à mostra; danças em pares e movimentos de rebolado e requebrado.

SENTIDOS E REPRESENTAÇÕES DE CORPO E DE MULHER NO FORRÓ ELETRÔNICO

Um sentido recorrente nas músicas de forró eletrônico é o de romance. Juntamente com os sentidos de decepção, solidão, sofrimento feminino, sacrifício masculino, arrependimento masculino/feminino, ilusão amorosa, mudança de hábitos masculinos, aceitação do sentimento, declaração masculina, tristeza, amor futuro, perdão, paixão, ciúmes, conflitos sentimentais, recomeço de relação e saudosismo, ocupam a maior parte das representações nas músicas de forró (COSTA; CARDOSO; RODRIGUES, 2014).

Trotta (2009b) já anunciava que as bandas de forró eletrônico no Nordeste optaram por repertórios recheados de um romantismo pudico, que apresenta a temática sexual de forma bastante sutil. Contudo, apesar de o autor também afirmar que essa oferta de sentidos foi se tornando cada vez mais rara após o final da década de 90 do século XX, ainda observamos demasiado presentes nas letras das músicas de forró eletrônicos, atualmente. Não obstante, quando recortamos os sentidos para as relações que as músicas de forró eletrônico mantêm com o corpo feminino, outros sentidos se evidenciam, como os de erotismo e do relativo empoderamento feminino.

Os sentidos de sexo, erotismo, sensualidade feminina, sedução, desejo, excitação masculina e de mulher safada são, frequentemente, relacionados às representações simbólicas da mulher no forró eletrônico midiaticizado. São os sentidos de maior conexão simbólica entre as letras das músicas e as coreografias realizadas por dançarinas em solo ou com seus pares durante os shows de forró.

Os sentidos eróticos na cultura do forró eletrônico são potentes. O seu poder simbólico frente ao conjunto discursivo dos produtos midiáticos em circulação no mercado é evidente. Em diversas músicas de forró eletrônico, percebemos que homem e mulher seduzem, conquistam e dominam um ao outro, contudo isso acontece a partir de representações simbólicas diferentes. O homem é o macho, viril e irresistível, que nunca está indisposto para o ato sexual. Já a mulher é representada como fácil, dominada e objeto de prazer e consumo, que, ao lado do homem, transforma-se em máquina de fazer sexo. Diz-se isso, pois o que na



Ensaaios sobre o Corpo Observado

letra é tratado como dança, percebe-se um duplo sentido, que pode ser substituído pelo de sexo (COSTA; RODRIGUES, 2015).

Sentidos como os de erotismo, sensualidade feminina, sedução, desejo, excitação masculina e de mulher safada são percebidos em inúmeras músicas de forró eletrônico. A disponibilidade para o sexo, a heterossexualidade, a insinuação sexual, a dança sensual e as práticas eróticas nessas canções já se naturalizaram, afinal de contas, percebemos significativa correlação dessa teia de sentidos ao sentido de ser brasileiro, estruturando nossa formação cultural. Em se tratando de forró, desde sua assunção em 1940 até os dias atuais, esse contexto malicioso desenvolve-se exponencialmente, conformando um estágio de coisificação da mulher, que é representada como objeto, disposta a dar prazer (TROTТА, 2012).

Na semiose formada pelo conjunto de músicas que traduzem esses sentidos eróticos, é perceptível que a mulher ocupa um lugar secundário, com explícitas evidências de subordinação, o que para nós é o resultado da universalidade do gênero como estrutura de dominação masculina. Essas músicas reforçam desigualdades e o aparente empoderamento sobre seu corpo, fazendo dele o que bem entende, não chega a ser suficientemente simbólico para desarticular a relação assimétrica entre homens e mulheres, para trazer-lhe a liberdade devida, para ser insurgente ao homem, para tirar o acento da distinção tradicional de papéis entre homem e mulher. Os novos comportamentos femininos, sua modernização e emancipação social perdem força com a cultura do forró eletrônico, na medida em que a estigmatização do papel da mulher como safada, mas aceitável e reproduzida nas músicas. Assim, Lima e Freire (2010, p. 10) esclarecem. O forró eletrônico:

Apropria-se de características e estereótipos femininos pertencentes à cultura nordestina e dá a eles uma nova roupagem, com o aproveitamento de signos antigos e criação de novos, que explicitam conduta e representação, não publicando a fala feminina, ou seja, em como a mulher se vê e se percebe nesse cenário, cuja temática é geralmente ela, com forte apelo erótico.

Não obstante a este contexto de representações simbólicas da mulher e do seu corpo, outros horizontes podem ser percebidos. No forró eletrônico, os sentidos de contemplação e empoderamento feminino representam um conjunto discursivo que se traduz no empoderamento feminino e do seu corpo. Em algumas músicas de forró eletrônico, a mulher é apresentada como detentora do poder de decisão e reconfigura as cenas enunciativas do forró eletrônico apresentadas até agora (COSTA; RODRIGUES, 2015).



Ensaaios sobre o Corpo Observado

Nas duas primeiras décadas do século XXI, sobretudo na última, observamos uma diversidade de pesquisas em forma de teses, dissertações, artigos e monografias que procuram localizar o papel da mulher e suas representações sociais relacionadas ao forró eletrônico. Todavia, em sua maioria, essas pesquisas apresentam uma mulher subordinada ao homem, objeto de desejo sexual deste, que é protagonista nas narrativas das músicas que constroem esse elemento cultural nordestino. A mulher e sua feminilidade são apresentadas de maneira pejorativa e depreciativa, observada a partir de um olhar binário que considera quase sempre a diferença entre os sexos para emoldurar padrões e relacionar os gêneros a partir de comportamentos aceitos socialmente a partir dessa binaridade.

As bandas de forró eletrônico apresentam modalmente características de formação, ritmo, cenografia, coreografias, figurinos e dança que privilegiam um imaginário patriarcalista a partir de letras de músicas que falam de relações amorosas, sexo e festa, formando um tripé discursivo em que a mulher é cantada nas músicas e apresentada nos shows como um dos principais elementos agregadores de público, audiência e venda de produtos relacionados.

O forró eletrônico é um elemento híbrido, ressignificado rapidamente e continuamente, haja vista seus reposicionamentos ao longo dos seus poucos anos de existência. Hoje, com características urbanas, voltado ao consumo simbólico, mas também de diversos produtos relacionados e dos shows, é consumido majoritariamente pelo público jovem que adota roupas, repete danças e relaciona-se afetivamente a partir de suas narrativas que influenciam seus consumidores numa perspectiva hedonista e patriarcal.

Contudo, algumas músicas apontam em um sentido oposto, para outro horizonte, que é o de perceber a existência de outras feminilidades que não sejam as do modo patriarcal, que não sejam as voltadas ao sexo e erotismo onde o corpo da mulher é elemento de consumo do homem. Ao contrário, procuraremos localizar que outras feminilidades podem ser identificadas, e se estas promovem algum empoderamento que não seja o masculino, ou seja, que tipo de poder, se houver, a mulher passa a exercer nas narrativas do forró eletrônico quando cantadas pelas bandas do gênero.

Destarte, percebemos surgir nas músicas de forró eletrônico outras representações de feminilidade, de corpo, outras representações de gênero, evidenciando que, apesar da dominação masculina, ainda há negociações e disputas nesse campo onde o sujeito da



Ensaaios sobre o Corpo Observado

enunciação é a mulher, supervalorizando-a e com autoestima elevada, coloca o homem em segundo plano na sua vida.

Não obstante, é preciso olhar com cautela para essa construção simbólica, pois, nessas músicas, percebemos que a tentativa de superação do modelo de empoderamento masculino é pautado na inversão de papéis, sem que haja uma resignificação do molde hierarquizado e vertical das relações entre os gêneros. Pensamos que tornar-se beberrona, trair, divertir-se em festas de maneira reiterada e submeter o homem a seu domínio não subverte a lógica da dominação afetiva e sexual, apenas potencializa um discurso de negação do sistema patriarcal ainda vivido hoje.

Não há indícios de um ativismo em prol desse empoderamento feminino, pois a lógica de consumo dos produtos midiáticos e dos shows não o aceitaria, pelo menos, nesse tempo fronteiriço. É como evidencia Louro (1997, p. 119):

[...] as relações sociais são sempre relações de poder, e que o poder se exerce mais na forma de rede do que em um movimento indirecional, então não será possível compreender as práticas como isentas desses processos. A construção de uma prática educativa-não sexista necessariamente terá de se fazer a partir de dentro desses jogos de poder.

É preciso atentar para o que Bourdieu (2003) diz sobre a desconstrução do papel de submissão feminina que se houver a reprodução da lógica de dominação masculina pelas mulheres, na luta pela desigualdade, nada adiantará, pois não produzirão conhecimento, apenas serão reconhecidas pelo seu *status quo*, não havendo resistência, disputa cognitiva, apenas inversão de lugares.

Todavia, pensamos positivamente quanto à identificação desses sentidos de empoderamento feminino nas músicas de forró eletrônico, pois percebemos um contexto de negociação de sentidos, uma disputa que envolve o enfrentamento da figura sacralizada do homem viril e detentor do poder, e de um lugar onde os papéis bem definidos de homem e mulher não estão dispostos horizontalmente. Como observamos, nas letras de músicas de forró eletrônico constituídas de sentido de empoderamento feminino, seja na autoafirmação de si, na crítica da desvalorização da mulher ou no exercício de práticas sociais similares às masculinas, as mulheres já estão sendo contadas e cantadas de uma outra forma, não tão eloquente o quanto se deveria, mas já se ouve uma voz.



Ensaio sobre o Corpo Observado

Ao evidenciar aqui os sentidos identificados nas músicas, no figurino, coreografias, gestualidades e danças, apresentados em produtos midiáticos que o tematizam, percebemos que, hoje, a oferta de produtos midiáticos de forró eletrônico (TV, rádio, jornais, outdoors, cartazes, cd, dvd e internet) proporciona um consumo simbólico intenso, líquido, corrente e continuado, ao mesmo tempo em que desloca comportamentos e atitudes, sociais e culturais.

Esses produtos constroem representações simbólicas, bem como novas identidades, recriadas com bases no forró tradicional, em diferentes ritmos não nacionais, entre outros elementos da cultura global e local, do atual e do antigo, que reconfiguram concepções de sexo, de sensualidade e de relação homem-mulher, capazes de revelar as subjetividades da mídia nesses processos de construção de identidades na contemporaneidade, especialmente em sociedades periféricas como no Piauí, onde os habitantes convivem com jogos de sentidos ofertados pelas diversas culturas externas midiáticas e com seus próprios constituintes culturais.

A identificação do forró (estilo musical, ritmo e dança) com o Nordeste, ou aquilo que dele faria parte, é determinada pela descrição e enaltecimento dos personagens e componentes espaço-temporais do Nordeste, composto por um repertório de constituintes representativos. Já o forró eletrônico, considerado por alguns como elemento cultural depreciativo e pejorativo da figura feminina, serve, nesta pesquisa, como elemento de análise quanto às questões de gênero, mediação e cultura.

Assim como esclarecem Costa (2014), Cunha (2011) e Feitosa (2011), a sociedade patriarcal colonial, que fazia do silêncio e da reclusão feminina seu carimbo, trouxe, também, influências responsáveis pela organização social e familiar de hoje. Nesse breve prisma histórico-social, asseveramos que o papel atribuído à mulher nas famílias brasileiras, de algumas poucas décadas atrás, pautado no marido autoritário, cercado de concubinas escravas, que dominava os filhos e sua mulher submissa, continua presente nos dias atuais, de forma ressignificada, mas perpetuada.

Rodrigues (2012), ao investigar aspectos relacionados à produção de sentidos midiáticos do corpo feminino no forró contemporâneo, diz que as representações simbólicas empregadas pela mídia hoje remetem a questões culturais, de herança social e historicidade relevante do forró. Para a autora, diante de um quadro de segregação nas funções públicas e com uma educação concentrada na preparação para o seu destino de esposa e mãe, era de se



Ensaaios sobre o Corpo Observado

esperar que a figura feminina fosse quase invisível, e suas manifestações pessoais ficassem reservadas ao âmbito doméstico e sem destaque histórico, influenciando, sobremaneira, sua atual significação no âmbito doméstico, pois, quanto às perspectivas sexuais, vê-la como objeto de desejo, propriedade sexual é inegável na atual conjuntura social. Isso, desencadeado pelo corpo feminino que evoca inquietude e saciedade, mas que, apesar de suas ressignificações ao longo do tempo, o olhar sobre o corpo feminino continua definido para e pelo seu maior público alvo: o homem.

Assim, como piauienses, entrincheirados pela paleta de ofertas midiáticas oferecidas como cultura regional a ser consumida, ouvimos e vemos cotidianamente o conteúdo do forró eletrônico no trabalho, em casa e quando a diversão envolve festa, percebendo, dessa forma, que o conteúdo fonográfico desse estilo musical, majoritariamente, traz textos que falam sobre mulheres, e as pintam com o pincel do machismo mais patriarcal, dando ênfase a corpos sensuais que levam a um desejo sexual iminente, analogamente a períodos anteriores, mas de forma mais pejorativa e agressiva, pois o duplo sentido é carregado de conteúdo explicitamente sexual.

A representação do corpo e da imagem feminina, a partir das letras, música e dança do forró eletrônico, traz fortes sentidos de uma mulher passiva e indolente, que vive para a satisfação sexual masculina. Diferenciando-se da mulher do século XX, prendada, presa, obediente e ignorante quanto à sua escolaridade, hoje, a mulher do século XXI é solta, safada, cachorra, foga, independente, operando política e economicamente com maior destaque.

As novas práticas sociais orientadas e proporcionadas pela cultura do forró eletrônico midiático também forjam uma mulher já empoderada, que contrapõe ditames patriarcais com discursividade de resistência, bem como de exercício de práticas similares às dos homens, colocando-se ao lado deste, gozando, bebendo, traindo, não perdendo e, com destaque, valorizando suas práticas, prioritariamente, às dos homens.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, Lígia. Gênero - Representações e Identidades. **Sociologia – problemas e práticas**. n. 14, 1993.

ANTUNES, Priscilla de Cesaro. As imagens do corpo feminino refletidas nos espelhos das mídias. **Motrivivência**. Ano XIII, n. 18, p. 131-142. mar. 2002.



Ensaio sobre o Corpo Observado

Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003.

_____. Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe. In: MICELI, Sérgio (Org.) **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. p. 183-202.

_____. La production de la croyance. **Actes de la Recherche em Sciences Sociales**, 13, p. 3-43, 1977.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**. Pedagogia da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica: 2000.

COSTA, Fábio Soares da; CARDOSO, Francisca Islândia; RODRIGUES, Janete de Páscoa. Forró de XXI, mulher de XVII: a cultura do forró eletrônico midiaticizado na construção de sentidos e da imagem da mulher neste início de década. **Revista Extraprensa-USP**. v. 1, n. 14 (8). p. 85-90, jun. 2014.

COSTA, Fábio Soares; RODRIGUES, Janete de Páscoa.
Erotização dos corpos no forró eletrônico: um estudo da recepção juvenil em Caxias-MA. **Cambiassu: Estudos em Comunicação (Online)**, v. 15, p. 126-141, 2015.

COSTA, Jean Henrique. Interpretando temáticas hegemônicas no forró eletrônico. **Acta Scientiarum**. Language and Culture, Maringá, v. 36, n. 1, p. 93-102, jan.-mar. 2014.

CUNHA, Marlécio Maknamara da Silva. **Currículo, gênero e nordestinidade: o que ensina o forró eletrônico?** 2011. 151 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

DOISE, Willem. Les représentations sociales. In: GHIGLIONE, R.; BONNET, C.; RICHARD, J. F. (Org.). **Traité de psychologie cognitive 3: Cognition, représentation, communication**. Paris: Dunod, 1990. p. 111-174.

FEITOSA, Sônia de Melo. **“Mulher não vale nem um real”**: patriarcado nas letras das músicas de forró. 2011. 173 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal-RN.

GOELLNER, Silvana Vilodre, A Educação Física e a construção do corpo da mulher: imagens de feminilidade. **Motrivivência**, Ano XII, n. 16, mar. 2001.

LIMA, Maria Érica de Oliveira; FREIRE, Libny Silva. Os discursos no forró eletrônico: comportamento masculino x feminino. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 8, n. 16, p. 1-12, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1997.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2. ed. Rio de Janeiro. Editora UFRJ. 2001.

MOSCOVICI, Serge. **La psychanalyse, son image et son public**. Paris: PUF, 1976.

OROZCO GÓMEZ, Guilherme. La audiencia frente a la pantalla: una exploración del proceso de redepción televisiva. **Dialogos de la Comunicación**, n. 30, p. 54-63, jun. 1991.

RODRIGUES, Cláudia Caminha Lopes. **“Se quiser é assim”**: uma análise léxico-gramatical da representação feminina em letras de forró eletrônico. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. 175p.

RODRIGUES, Janete de Páscoa. **Mídias e identidades culturais**: um estudo de recepção midiática do Balé Folclórico de Teresina no Piauí. 2006. 315 f. Tese (Doutorado). Universidade do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo – RS.

_____. **Produção de sentidos midiáticos do corpo feminino no forró contemporâneo**. Relatório Final ICV 2011/2012. UFPI/CGP, 2012.

SILVA, Expedito Leandro. **Forró no asfalto**: mercado e identidade sócio-cultural. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu**. n. 24, p.127-152, jan.-jun. 2005.

TROTTA, Felipe. O forró eletrônico no nordeste: um estudo de caso. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 20, p. 102-116, jan.-jun. 2009a.

_____. Música popular, moral e sexualidade: reflexões sobre forró contemporâneo. **Revista Contracampo**. n. 20. Niterói, RJ: UFF, 2009b.

_____. **Música popular, valor e identidade no forró eletrônico do Nordeste do Brasil**. (2012a). Disponível em: https://www.academia.edu/4590652/M%C3%BAsica_popular_valor_e_identidade_no_forr%C3%B3_eletr%C3%B4nico_do_Nordeste_do_Brasil. Acesso em: 04 abr. 2021.





Ensaio 6

CORPOGRAFIAS

TRANSVERSALIZAÇÕES CONTEMPORÂNEAS ENTRE CORPO, SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Caroline Araújo Carvalho

Universidade Federal do Piauí

Fábio Soares da Costa

Universidade Federal do Piauí

Para realizar um exercício reflexivo e estudar as relações que transversalisam corpo, saúde e Qualidade de Vida (QV) na contemporaneidade é preciso que nos questionemos sobre que corpo é esse que vemos, vivemos e sentimos nestes tempos. O que entendemos como saúde e QV? Como podemos entender a relação entre essas três instituições na perspectiva de valorizar o corpo, a saúde e a QV em tempos iguais?

Ao propor essa reflexão, pretendemos desajustar o entendimento/senso comum que temos sobre o corpo. E para isso nos questionamos: Quando pensamos em corpo, o que pensamos? Pensamos somente em um corpo material, biológico? Será que pensamos em um estado em que temos o silêncio dos órgãos, sem a manifestação de turbulências e sempre em busca da homogeneidade que se busca atingir pelo que todos representam como estado saudável de vida?

Apresentamos esses questionamentos porque se as respostas forem consensuais e afirmativas às indagações, estaremos evocando uma homogeneidade que se torna conceito importantíssimo nesta nossa reflexão, pois ela é quem tornará possível a busca por uma diferenciação que nos faz perceber nossa singularidade, mas também nos conformar com modelos produzidos através da construção sócio histórica forjada pelos setores mais conservadores e de concentração política e de capital econômico da nossa sociedade.

Neste contexto, apresentamos corpografias. Este termo possui como sentido prevalente atravessamentos possibilitados por cartografias dos corpos, dos desenhos, estéticas, sentidos e sentimentos que os corpos humanos possuem em circulação. O conceito de corpografia para nós está imerso no entendimento de que mapas do corpo são construídos em nós, por nós e a partir de nós, por outros e a partir de uma alteridade que flutua desde a compreensão à imitação, ao desejo de ter e ser, em uma multiplicidade de possibilidades de inscrições e mapeamentos em nossos corpos.

Para tensionar nossos questionamentos trazemos algumas contribuições de Michel Foucault (1993) ao tratar dos processos de subjetivação. O filósofo francês em sua obra *Microfísica do Poder* apresenta uma genealogia de abordagem dos processos de subjetivação que nos constitui e nos torna



Ensaio sobre o Corpo Observado

*Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)*

sujeitos. Foucault diz que nos tornamos sujeito a partir das relações que mantemos como o ambiente em que vivemos. São as condições socioeconômicas, políticas e culturais que vão ditando as formas, os modos como devemos nos movimentar ou nos paralisar no mundo. Desta forma, o autor apresenta o percurso do ocidente ao longo dos processos civilizatórios e que vai construindo um corpo dominado, explorado, aproveitado no sentido de produzir sujeitos que sustentam o propósito do Estado.

Atualizando as proposições do pensador, percebemos hoje o hipercapitalismo que vai além de uma prática de disciplina, como acontecia no século XX, mercantilizado, onde os corpos eram treinados para se ajustar no conceito hegemônico de família, em que os indivíduos deveriam organizar seus corpos para o atingimento de uma meta produzida, como percebemos nas formas predeterminadas de sexualização. Este hipercapitalismo é composto por uma diversidade de movimentos, iniciativas, grupos, estudos que trabalham numa perspectiva de construir certa resistência a esse modelo predefinido de corpo.

A resistência a que nos referimos passa pela estimulação de um corpo sensível, sobretudo pelas práticas corporais dentro e fora da escola. É uma tentativa de apresentar corpografias para além das formas, estéticas ou convenções sociais que as relacionam, produzindo corpos modulados e construídos por representações que ignoram a singularidade dos indivíduos. Assim, dá-se nossa pretensa contribuição: por um corpo sensível, singular, vibrátil, afetado e saudável.

BIOPOLÍTICAS DO CORPO TRANSITÓRIO: MODERNIDADE E CONTEMPORANEIDADE

O corpo, central nas reflexões desse ensaio e nuclear nas relações sociais, econômica e políticas de nosso tempo, possui importantes relações com as discussões das práticas pedagógicas da Educação Física escolar e sobre as temáticas que envolvem saúde. Com o movimento humano, objeto da Educação Física na escola, percebemos essa conexão a partir do que diz Foucault (1993, p.146): “[...] o domínio e a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo”. Já José Luiz Aidar Prado (2007, p. 1) diz que “O corpo saudável é o da nação e o dos indivíduos que moram no mesmo espaço” e faz um entrecruzamento metafórico que privilegia a relação de que um povo saudável compõe uma nação saudável. Destarte, relaciona que para isso as modalidades e o mapeamento que envolve exercícios físicos, aproveitamento cerebral, cirurgias plásticas, flexibilização do corpo, uso de substâncias hiperpotentes contra a obesidade e a impotência, sempre orientados pela mídia, é o que está em voga, pois nos discursos de saúde o corpo perfeito ocupa um lugar central.

O autor esclarece que o papel da mídia nesse processo de reificação do corpo moldável que percebemos na contemporaneidade, é materializado nos dispositivos midiáticos que ofertam sentidos



Ensaaios sobre o Corpo Observado

e modelos cognitivos modalizadores biopolíticos, fazendo com que os consumidores desses produtos moldem seus corpos e suas mentes, objetivando o prazer, a qualidade de vida e a felicidade, proveniente, é claro, da poderosa tecnociência. Tecnociência essa que faz parte dos processos de resignificação de sociabilidade que vivemos nos últimos 50 anos, onde a convergência midiática emplacou a relação direta da felicidade pelo gozo, prazer imediato e gratificação, e que, para a publicidade, é um prato cheio de dividendos financeiros, pois esse ideário de felicidade é líquido, efêmero e insaciável, precisa ser sempre abastecido (PRADO, 2007).

Este é um posicionamento análogo ao de David Le Breton (2012, p. 24) quando trata da individualização do corpo e as tecnologias contemporâneas. O autor trata dos corpos pós-modernos e afirma que:

[...] os imaginários sociais que afetam hoje o corpo são múltiplos. Nossas sociedades igualmente conhecem uma forte corrente que denigre o corpo. A sensação é aquela do corpo insuficiente, imperfeito, leia-se mesmo desprezível ou supranumerário, fósil de uma humanidade fadada ao desaparecimento iminente, sob a égide notadamente das ciências da informação, das quais conhecemos o poderio.

E ao abordar a cyborgização do corpo, acredita que:

As tecnologias da informação culminam finalmente na invenção de uma humanidade modificada. A fronteira desaparece entre o sujeito o objeto, o humano e a máquina, o vivente e o inerte, o natural e o artificial, o biológico e o protético. Na esteira da cibernética, muitos autores reconhecem hoje sem cerimônia uma continuidade ontológica entre as tecnologias da informação e o humano. Com o triunfo do paradigma informacional. (Le Breton, 2012, p. 26)

Hoje há uma:

Exigência de uma liberdade que nada mais reivindica senão o prazer, e nunca a responsabilidade. As tecnologias não são mais exclusivamente percebidas como exteriores ao corpo, mas vindas para assumir seu lugar, para transformá-lo em instrumento mais eficaz, eliminando definitivamente as funções inúteis e suprimindo as indispensáveis [...] (Le Breton, 2012, p. 31)

Percebemos que o corpo é reificado, mas não em todas as suas nuances, não em todos os seus perímetros, circunferências e pontos enrugados, para constituir-se como núcleo da felicidade de um ser, ele tem que ser como Michel Foucault (1979, p. 147) dizia: “Fique nu [...] mas seja magro, bonito e bronzeado [...]”. Ou seja, o olhar hoje lançado sobre o enrugado e o adiposo responde a mandatos morais, rígidos e implacáveis que validam apenas o liso e o jovem, mesmo que sexagenários, mas, se aparência assim for, será validada, pois a moral da “boa forma” que proporciona a nudez e a ausência de vergonha para mostrar seu corpo, numa supervisibilidade, exige “[...] contornos planos e relevos bem sarados, como os da pele plástica da boneca Barbie ou como os desenhos bidimensionais dos quadrinhos” (SIBILA, 2012, p. 157).



Ensaaios sobre o Corpo Observado

Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)

O que vemos é um grande arcabouço semiótico que constrói um mito do corpo moldável, perfeito, magro, liso, jovem e viril, um conjunto de relações que lança um olhar seletivo, que aceita apenas um modelo por vez. E a vez agora é a do que o seu corpo é a sua identidade. Identidade essa imaginada a partir dos dispositivos midiáticos que alavancam um mercado financeiro alimentado por corpos sedentos de moldes, que buscam a perfeição e consomem as revistas de receitas de corpos perfeitos, ou seja, de “felicidade”, e buscando, insaciavelmente, ser alguém no mundo. Alguém de corpo jovem em bonito.

Estas relações entre corpo e saúde são negociadas dentro da escola e nas aulas de Educação Física Escolar (EFE), que é uma disciplina com inúmeras possibilidades de práticas pedagógicas e operações a partir de distintas concepções sobre o corpo, o movimento e o sujeito. A Educação Física é área do conhecimento interdisciplinar que aborda, sobretudo, um viés historicista sobre as manifestações corporais do homem na busca da consciência corporal, contudo, com um forte caráter biomédico e que ainda desenvolve suas atividades em meio à conflituosa relação entre os vieses biológico, fisiológico e motor em contraposição aos de cunho pedagógico e de *self* corporal que, por vezes, pode reforçar um panorama de intensa inteligibilidade corporal em detrimento de um corpo que, em nosso pensar, precisa sentir, criar e se reorganizar.

Estas discussões que tencionam corpo, poder, saúde, educação e as aulas de EFE são necessárias e urgentes, sobretudo pela assertiva de que nas últimas décadas os discursos que narram as atividades corporais da Educação Física e os esportes, como campo eminentemente dos mais fortes fisicamente, vem sofrendo cisões, e a emergência/legitimação de um novo paradigma que envolve a discussão sobre inclusão e igualdade vem ganhando espaço (BRASIL, 1998).

Para localizar esses tensionamentos em meio às aulas de EFE, e em quaisquer momentos que envolvam experiências educacionais corporais, sejam formais ou não formais, consideremos os esportes como principal atividade corporal dentro das escolas, assim percebemos o que Linda Fuller (2006) esclarece quanto aos fatores como a competitividade e o rendimento esportivos, que representam os valores culturais do esporte e que este é ordenado e regulado por tradições e tabus, sobretudo, relacionados às questões de gênero. Contudo, reconhece que o esporte é uma construção social que exclui, distingue status e poder, principalmente em relação às minorias, como os obesos e os inaptos esportivamente.

A autora utiliza o conceito de hegemonia de Gramsci para fundamentar a dominação masculina no planisfério global e nos esportes, legitimada pela *maculine-powered society*, reforçando sua defesa principal, a de que o esporte, enquanto fenômeno cultural é perpassado por discursos e atravessado pelo complexo campo dos gêneros e da linguagem. Para nós, este fundamento é importante, pois as aulas de Educação Física na escola são altamente esportivizadas, os conteúdos abordados e as práticas,



Ensaaios sobre o Corpo Observado

principalmente, nos últimos anos do ensino fundamental e em todo o ensino médio, são esportivizadas, sem qualquer perspectiva crítica, emancipadora ou superadora, sem qualquer estímulo ao *self* corporal. Daí a importância de uma intervenção pedagógica que privilegie a inclusão dos alunos obesos e com sobrepeso, assim como sua otimização quanto à busca de uma qualidade de vida mais saudável e com bem-estar.

Por isso das relações que tratamos aqui com as aulas de Educação Física. Ao explorar estudos sobre juventudes e corpo, um em particular chamou atenção singular, *Juventudes e lazer: interações e movimento*, de Celecina Maria de Vera Sales (2013) que trata de corpos em movimento, da produção de vida coletiva e de lazer por parte de jovens pobres de um assentamento rural de Choroziho-CE e de jovens da cidade de uma escola estadual de educação profissional da periferia de Fortaleza-CE.

Consideramos demasiado importante os resultados desse estudo, porque ao tematizar o lazer e as juventudes, a pesquisadora traz o espaço e as aulas de Educação Física como *locus* onde o corpo produz linguagens, gestos, percepções e rompem fronteiras identitárias. Para a autora: “o lazer pode acontecer em um meio de transporte, na escola, em uma quadra, em casa, em espaço virtual” (SALES, 2013, p. 418).

Os resultados do estudo de Sales (2013, p. 419) revelam que “o esporte e a dança são as atividades de lazer mais citadas pelos/as jovens do campo e da cidade, e não necessariamente são times ou grupos formalizados, mas são momentos de encontro, de exercitar o corpo”. Assim, percebemos a importância do espaço e das práticas de Educação Física na escola, pois elas apresentam a relevância do corpo sobre o lazer e a sociabilidade juvenil, que desemboca em nossas pretensões de investigação. A autora percebe que os jovens:

[...] sentem-se sobrecarregados pelas exigências e regras impostas pela escola; por isso, ressignificam os espaços e movimentos de sociabilidade no horário do almoço, nos intervalos, nas aulas de educação física. Isso nos faz refletir e questionar sobre o papel da escola na vida dos jovens do campo e da cidade e também como a escola vê os/as jovens.

Percebemos, a partir da autora, que práticas de prevenção, alicerçadas por políticas punitivas da escola, pela disciplina dos corpos, pela normatização do tempo e do espaço, materializada nas regras que diferem corpos, por suas formas, constroem uma educação disciplinadora, com regras do vigiar e punir, como Foucault (1987) desenvolve. Contudo, como o corpo produz cultura e é significado pela cultura, sofre influência das mudanças de hábitos, de estilo de vida, da tecnologia, proporcionando ressignificações de corpo, isso é percebido pela preferência dos alunos por algumas atividades como o recreio e as aulas de educação física.

Investigar transversalidades entre corpo, educação e as aulas de Educação Física na escola é importante por conta da perceptível dualidade entre as formas dos corpos e as práticas corporais. A



Ensaaios sobre o Corpo Observado

ditadura dos corpos moldáveis, padronizados e perfeitos é construída na sociedade, na escola, nas aulas de educação física. E nessa construção o corpo é um vetor importantíssimo, por isso, esta pesquisa é um desafio. Um desafio de problematizar o espaço, o tempo, os lugares, o corpo e as gestualidades, explorar saberes, poderes e conhecimentos dentro de um instituto social que é a escola.

Neste contexto, “Sob a iluminação da vida cotidiana, o relevo do corpo é mitigado e o sujeito se vê em uma relação de transparência consigo mesmo” (LE BRETON, 2013, p. 153). Por isso, as relações entre Educação Física escolar, corpo, saúde e qualidade de vida devem ser cada vez mais exploradas.

Continuamos nossa jornada de pensamento por meio das ideias de Foucault (1993) ao tratar de um percurso histórico que contribui para entendermos que corpo foi construído até os dias atuais. Apropriando-se de um pensamento spinozista, o autor recupera uma ideia antiga e grega sobre “o cuidado de si”, o “governo de si”. Estas expressões provocam um problema em nós, materializado no questionamento: O que faz o meu corpo expandir? E contrair? Estamos nos referindo às biopolíticas de dominação que temos hoje, onde os conhecimentos e os saberes se posicionam numa forma de captura que vai para além do desejo. Ou seja, uma obturação do desejo como forma de domínio dos corpos que tem modos fascistas de funcionar, onde há um desejo de se anular diante do poder do outro. Eu não posso ser quem sou, tenho que ser como o outro é!

Esse desejo de ser o outro não é mais o desejo puro, é além do desejo, é o desejo que temos de nos destruir, pois não queremos essa forma de ser, queremos destruí-la e nos transformar em uma forma corporal que não faz parte da nossa singularidade, é a forma do outro. Isso pressupõe não se ouvir nem aceitar a sua própria existência, não buscar aquilo que te constitui, aquilo que constitui o indivíduo enquanto ser singular único, pois a forma como o nosso corpo se organiza no tempo em que permanecemos vivos está desaparecendo. Estamos recorrendo a uma forma de pensamento onde há um desajuste desse canal em que o corpo está implicado com o pensamento. Por esse caminho, pensar significa existir e o corpo é relegado a um lugar secundário.

Esse modo fascista de tratar o corpo nos faz perceber que este corpo vem sendo colonizado desde a modernidade até este capitalismo contemporâneo de maneiras distintas, mas sempre colonizado. A modernidade ofertou como paradigma a lógica de Platão, reforçada pelo pensamento cartesiano condensado na célebre frase: “Penso, logo existo”. Este enunciado apresenta um discurso em que o pensamento, por si só, dá conta da existência. Ao corpo e às sensações foram destinados o lugar da obscuridade, da contra-racionalidade.

Todavia, é problemático percebermos que a todo momento insistimos em resgatar essa tradição racionalista cartesiana que dissocia corpo e mente, sempre na busca por justificar nossas decisões. Por isso, mais uma vez, corroboramos com Foucault (1993) quando este diz que devemos



Ensaio sobre o Corpo Observado

Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)

travar uma guerrilha contra nós mesmos, pois essa tradição somos nós, todavia podemos ressignificá-la.

Pensamos, em consonância com Foucault (1993), que esses movimentos de exercício reflexivo para entender o corpo encontram um processo de hiperexcitação proporcionada, sobretudo pela fluidez que os avanços tecnológicos possibilitam, bem como a perda da fixidez da singularidade humana, que anestesia o corpo, esvaziando-o da sua potência de composição, criação e sensação. Configuração inversa à do que chamamos de corpo intenso de devir: aquele que é biológico, mas está para além da biologia. Um corpo de potência de vida, de saúde, que está sempre expandido no mundo, relacionando-se com ele numa fricção que vibra. Pensamos que existir é algo que prescinde corpo e pensamento ajustados.

Esse ajustamento modular pode ser percebido quando Foucault (1996), em sua obra *A ordem do discurso*, explica que estamos habituados a um pensamento que está fundamentado em discursos, assim, contrariando este percurso, diz que o que produz a vitalidade do pensamento não está na representação, mas sim na força que atravessa a representação. E é justamente aí que se insere a arte, pois a linguagem (inclusive corporal) ultrapassa o discurso. O campo vibracional fricciona tudo o que a gente tem no contado com o novo.

Borges (2013a) defende que é necessário desajustar essa lógica perceptiva para que possamos enxergar novos mundos, enxergar novos horizontes, e isso só é possível através das experiências sensíveis. A autora faz uma analogia ao que Daniel Stern (1992) denomina de “senso de eu”. Ao observar bebês, destacou o “senso de eu emergente” em que recém-nascidos, são fortemente atravessados pela luz, pelos sons, pela aproximação das pessoas e outras tantas sensibilidades e intensidades que recebem do mundo. Isso acontece porque o corpo do bebê é tão aberto que tem a capacidade de perceber as coisas muito mais que os adultos. Seu corpo é totalmente sensibilizado, aberto, deisciente, de recepção plena das sensações. E é disto que estamos tratando, de uma deiscência que podemos fazer emergir de nosso corpo, pois esse estado emergente não se perde, ele permanece em nós.

Defendemos que o corpo deve ser colocado em cena. E quando o corpo entra em cena, torna-se um corpo vivo, vibrátil e sensível, que resiste à dominação, que atravessa as representações simbólicas. E isso é o que importa. A repressão e a insurgência às representações de corpo têm o poder de dismantelar a tradição impositiva, conservadora e sectária dos modelos de corpo colonizados pelo capital.

CORPO-MENTE, SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA: POR UM PENSAMENTO NÃO FRAGMENTADO

A análise de Hélia Borges (2013b) volta sistematicamente à restauração da fragmentação dissociadora entre corpo e mente. O corpo vivo que está sendo tocado pelas impossibilidades



Ensaaios sobre o Corpo Observado

existenciais. A autora percebe essas impossibilidades na linha temporal que passa pela dança moderna até a dança contemporânea, onde não se procura mais o sentido, o início, o meio e o fim, cartesianamente. Ao inverso, a dança considera o gesto como uma potência de deslocamento que em algum momento afeta o outro produzindo uma nova estética. Isso é importante, porque percebemos que na medida em que codificamos, assimilamos e reproduzimos modelos estéticos (de dança, de corpo, de aparência) esvaziamos o corpo de força. Esse coletivo de pensamento contemporâneo recai sobre uma impotência generalizada do corpo, um esvaziamento das sensações do nosso corpo que prejudica nossa existência dentro deste contexto simbólico contemporâneo, sensível e violento.

Frente a esse contexto, propomos um tensionamento quanto às estéticas de corpo que temos hoje. Um modelo perfeito de corpo saudável e belo, o esquema nutricional imprescindível para mantê-lo sempre magro, liso e jovem, os suplementos vitamínicos, as séries de movimentos que devemos cumprir para chegar nesse padrão anatômico que representa saúde. Isso provoca um fechamento num modelo de funcionamento de tal forma generalizado, que perguntamos: Esse modelo é para nós? Esse modelo constrói um sentido para a nossa existência? A partir desse modelo, conseguimos nos expandir enquanto ser sensível? Esse modelo produz um corpo vibrátil?

Para Hélia Borges (2011), nosso corpo é uma caixa complexa de sensações e que precisa ser afetado para produzir pensamento. Ele precisa ser capaz de perceber alguma coisa que ele nunca viu antes. Ele precisa estranhar, pois esse estranhamento é que dá sentido à vida. Sentido de ir descobrindo novos caminhos a cada acaso da vida, novas possibilidades de ser e de existir. Para a autora, quando cerceamos o devir das possibilidades do corpo, certamente deixamos de criar, de produzir conhecimento, de ampliar as possibilidades, inclusive de educar, pois a educação ainda está fechada nesta ideia e modelo codificados. Devemos pensar que quando se retira a possibilidade de movimento de um corpo, retira-se também a possibilidade de criação, retira-se saúde, necessariamente. Um corpo que se movimenta, que está em contato com as sensações mais íntimas, invade a consciência, produzindo movimento do pensamento. Um pensamento criativo e em movimento, caso contrário, apenas reproduzirá modelos antigos e já dados, não criará nada de novo.

A reflexão que propomos é a da necessidade de produzirmos resistência a essa modelização. É a de e criar novas possibilidades existenciais. Pensamos demasiado importante a busca, no corpo, de movimentos mais sutis, de uma experiência sensível que não seja a do corpo que significamos nesse mundo (limpo, belo, saudável), é um novo corpo. Esse novo corpo não é ajustado com as representações do corpo belo e saudável, é um corpo que contempla todas as experiências sensíveis (digestão, amor, libido, ódio, medo). Mas, esse corpo existe?

Esse novo corpo sempre existirá, contudo precisa ser descoberto, precisa sair do seu lugar cômodo que é o do ajustamento às representações de corpo perfeito, onde a vida é preestabelecida



Ensaaios sobre o Corpo Observado

por padrões estéticos de corpo e saúde. Exercer a vida não é repetir modelos, não é se ajustar num olhar pré-moldado, ao contrário, é se constituir a partir daquilo que nos provoca, que nos tensiona, que nos estranha.

POR UM CORPO SENSÍVEL – NÃO DISCIPLINADO

A contemporaneidade tem se destacado simbolicamente por cada vez mais disciplinar o corpo, organiza-lo e adestra-lo para um determinado fim, identificado com os ditames mercadológicos do hipercapitalismo pós-moderno. Percebemos, neste início de século XXI, a intensa codificação dos corpos que propaga o caminho para a felicidade por meio das visualidades e dizibilidades dos meios de comunicação, redes e encontros sociais. Contudo, será que esse caminho é o mesmo como se é apresentado?

Pensamos diverso. Enxergamos uma forte onda de submissão modular, uma fixidez corporal que leva somente ao atingimento de metas, que está distante e que é apresentada como melhor do que o que você é. Esse contexto provoca um aniquilamento de sua existência singular, pois há uma busca incessante de ser apropriado pela aceitação do outro, não a sua. É o que anteriormente denominamos como a metáfora do fascismo. Um fascismo estético que necessita da autodestruição para a construção de um modelo constituído pelo outro. Analogamente a uma massa sedenta de servidão estética.

Daí, indagamos: Por que isso?

Dezenas de explicações podem vir à tona para responder a esse questionamento, todavia pesamos numa lógica do capitalismo social selvagem que ajusta a necessidade de pertencer a um modelo para que possa ser aceito socialmente. É um processo de colonização do interior do corpo que se materializa para a estética modular. Por isso, precisamos empreender resistências, radicais ou tímidas como as micropolíticas de poder, com diz Foucault (1993) que ao tempo que identificam forças hegemônicas de colonização do corpo, também podem produzir a aceitação de sua própria existência singular, possibilitando a libertação do olhar constrangedor, que humilha e inferioriza aqueles que não fazem parte do modelo eleito pela maioria.

Para estimular os processos de reflexão que desenvolvemos nesta Tese, defendemos uma política de reconhecimento do corpo e do seu estado de saúde que não se distancie da experiência sensível, não poderíamos deixar de recorrer à Deleuze (1974) e Deleuze e Guattari (1996). Em suas contribuições literárias procuram sempre afetar, fazem-nos sentir por vias da complexidade e da ampliação de nossas percepções.

Percebemos em Deleuze (1974) quando trata da lógica do sentido, que nossas percepções somente serão ampliadas se nos destituirmos das lógicas do senso comum, se conseguirmos praticar a



Ensaio sobre o Corpo Observado

loucura, a monstruosidade e o estranhamento, pois o novo acontece nesse momento. Momento em que novos conceitos são criados a partir dessas experiências. Assim, a desterritorialização do conceito de saúde do corpo vai acontecer com as experiências do corpo. Pensamos aqui um conceito de saúde que não se coaduna com os processos de tratamento curativos, preventivos e que nos protegem do medo, da dor e da ansiedade. Ao contrário, a saúde do corpo tratada por nós é aquela que possibilita sustentar uma existência que é contraditória, paradoxal, sofrida, sutil, minuciosa.

Deste contexto, tentamos capturar as relações dessas possibilidades às diversas manifestações da Educação Física e encontramos um coletivo de pensamento em que a ciência contemporânea trata as atividades físicas como a redenção para a aquisição e manutenção da saúde. A falta do movimento, o sedentarismo da vida moderna e contemporânea nos faz tão mal que isso se transformou em um movimento cultural mundial de combate à inatividade física. As orientações para uma vida mais saudável estão em muitos programas de TV, vários grupos se reúnem para praticar exercícios físicos de todas as naturezas, as academias e clubes estão lotados. Mas essa prática significa aumento de potência corporal? Torna o indivíduo mais sensível?

Pensando nesta conjuntura educacional, de saúde e QV que a Educação Física se insere, propomos neste ensaio uma contribuição epistemológica que absorva, também, possibilidades de uma filosofia crítica da corporeidade. Por isso, propomos um olhar diverso. Um olhar que percebe diversas práticas de exercícios físicos ajustadas a um processo de colonização, que orienta e determina como o seu corpo tem que funcionar, isso, na melhor das hipóteses, trará prevenção de doenças e/ou manutenção do estado de saúde física que o seu corpo precisa para longevizar. Todavia, irá adequar-se a uma estética pós-moderna que já olha para Narciso.

A corporeidade que defendemos, sobretudo com as aulas de EFE acontece a partir das afetações corporais, das experiências sensíveis, que possibilitam transformações dos significados das práticas físicas voltadas para o sentido da existência. A prática de atividades físicas que afetam o corpo são processos para o melhoramento de sua singularidade e não para dar conta de um funcionamento social em que todos devem fazer isso ou aquilo, estar aqui ou ali, comer isso ou aquilo e praticar esse ou aquele esporte. O que não valoriza a singularidade do corpo, termina por dificultar o acesso àquilo que o constitui.

A apresentação dessas corpografias tem o intento de nos aproximar dos problemas apresentados nesse texto, especialmente àqueles que conectam corpo, saúde, QV e a Educação Física. Por isso concluímos demasiada crítica a perspectiva de práticas que procuram se adequar a uma certa forma de estar no mundo que faz sucesso, que traz aceitação social, que produz possibilidades de reverberação do estar naquele espaço, que interessa apenas às forças sociais, políticas e econômicas que são sustentadas por essas mesmas práticas. Contrariamos essa forma de ser, pois privilegiamos a



Ensaio sobre o Corpo Observado

*Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)*

saúde sensível, o conhecimento e a experiência criadora, pois essa prática se coaduna a um conjunto diverso de atividades físicas que se caracterizam por serem intimistas, pessoais. Essas práticas tem o poder de libertar, de proporcionar a sensibilidade das capacidades singulares do corpo.

Um corpo disciplinado, conforme Foucault apresenta, é um corpo esvaziado da condição de se poder entrar em contato com aquilo que é o próprio constituinte do corpo, aquilo que nos faz sentir o próprio corpo. Paradoxalmente, se não nos sentirmos, acabamos por perder a capacidade de enxergar ou outro como ente coletivo, mas apenas como alguém que nos reconheça por nossas práticas conformadas e forjadas numa coletividade modulada. Assim, entendemos que o importante é que o movimento tenha a função de resgatar no corpo a experiência da sensação, que transforma o pensamento, enriquecendo-o, engravidando-o, fazendo com que ele ultrapasse os limites do corpo, que vão além da pele, pois vai ser um corpo atravessado.

Cultuar o corpo, priorizando o físico em detrimento do intelecto é um risco, todavia, não podemos retroceder ao modernismo cartesiano que tudo apostava no intelecto e ignorava a sensibilidade corporal. Pensamos que é preciso travar um conjunto de resistências, de micro resistências, contra os processos de colonização do corpo, ao adestramento, às impossibilidades sensíveis da singularidade. É preciso desconstruir os modelos para poder libertar para a sensibilidade do corpo. Pensamos que a cultura corporal oferece duas opções não dicotômicas que são geradas no momento em que valorizamos o corpo, mas, que corpo valorizamos? O corpo do outro (ideal – uma ideia de corpo) ou o nosso corpo sensível, vívido?

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1998b.

BORGES, Hélia. A arte pensa? a metodologia e o campo encarnado do imprevisível. **Revista do Lume**. n. 4. 2013a.

_____. A poética do corpo: uma leitura do trabalho de Angel Vianna. **Performartus**. ano 2, n. 7, nov. 2013b.

_____. Entre a palavra e o movimento. **Caderno de Psicanálise**. Rio de Janeiro, v. 33, n. 24, p. 92-104, 2011.

DELEUZE, Gilles. **A Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**. São Paulo: Editora 34, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1996.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

*Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)*

_____. **Microfísica do poder**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. "Poder-corpo". In: _____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 145-152.

_____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FULLER, Linda K. (Org). **Sport, rhetoric, and gender: historical perspectives and media representations**. New York: Palgrave MacMillan, 2006.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. Individualização do corpo e tecnologias contemporâneas. In: COUTO, Edvaldo Sousa; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.) **O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012, p. 15-32.

PRADO, José Luiz Aidar. As narrativas do corpo saudável na era da Grande Saúde. Contemporânea. **Revista de Comunicação e Cultura**. vol. 5, n. 1, 2007.

SALES, Celecina de Maria Vera. Juventudes e lazer: interações e movimento. **LES**. ano 18. ed. especial. Teresina: EDUFPI, 2013.

SIBILA, Paula. Imagens de corpos velhos: a moral da pele lisa nos meios gráficos e audiovisuais. In: COUTO, Edvaldo Sousa; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.) **O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012, p. 145-160.

STERN, Daniel. **O Mundo interpessoal do bebê**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.





Ensaio 7

A LEGITIMAÇÃO DO CORPO NEGRO NOS DIFERENTES ESPAÇOS DE LAZER

Edvaldo Cesar da Silva Oliveira

Instituto Federal de Educação do Piauí

Gabriela Graziane Terto e Sousa

Colégio CEV

Henrique Sandro Ibiapina Gomes

Colégio CEV

Marconi Pereira Lima

Secretaria de Educação do Estado do Piauí

RELEMBRANDO O PASSADO HISTÓRICO

O Brasil possui suas origens históricas baseadas num processo de mistura racial extremamente complexa, a chegada de europeus brancos num território indígena brasileiro trouxe um choque cultural para ambas as raças (brancos e índios).

Com a introdução do negro escravizado, por conta da exploração econômica, acrescenta - se um componente a mais, a esse processo de construção social já bem complexo. Os negros que foram trazidos da África como objeto de trabalho e produto de venda, figuravam nos contratos de terras como bens acessórios dos imóveis, foram desumanizados, priorizando a necessidade do sistema econômico, político e social em fazer a retirada da condição de indivíduo humano, do significado de ser pessoa humana, ser gente que possui sentimentos e possibilidades. O negro foi objeto útil de compra e venda, sujeito à hipoteca. Conforme classificação de Teixeira de Freitas, Consolidação das Leis Civis (1858).

Esse processo de escravização e exploração perdurou no Brasil e foi cada dia mais incentivado pelos governantes e justificado pela sociedade proeminente brasileira. Escravos, com a morte do proprietário, entravam para o acervo hereditário e junto com os demais bens eram partilhados entre os herdeiros. Os filhos dos escravos eram legalmente denominados "fructos" ou "crias". "Lei Nº 1.237/1864, art. 4-, item n, se refere aos nascituros escravos, como "acessões naturais"(MALHEIRO,1866)

Houve no país a construção de um pensamento bem consolidado sobre o papel do negro dentro do processo de formação social, econômica, cultural e religiosa do povo



Ensaio sobre o Corpo Observado

*Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)*

brasileiro. É importante entender que esse pensamento de associação do negro a coisas se faz de maneira bem sólida. O negro se configura sinônimo de algo degradante, sem importância, sem valor social e por conseguinte sem direitos e com muitos deveres, principalmente de servir sem contestar, com espaços sociais bem definidos para legitimação do seu corpo.

De todas os Países do mundo, o Brasil foi o último a declarar extinta a escravidão depois de uma série de leis que foram criadas. Segundo Moraes, 1924, p. 17 (Lei do Ventre Livre, Lei n- 2.040, de 28 de setembro de 1871; lei dos Sexagenários, Lei n- 3.270, de 28 de setembro de 1885, libertava os proprietários dos velhos improdutivos). colocando os corpos negros em espaços sociais legitimados pelo Estado. Ambas com sentido de ação duvidoso para proteção da comunidade negra contra os abusos decorrentes da escravização.

O Brasil em 1808 já se configurava um país de maioria negra algo que era inconcebível para uma sociedade que possuía sentido e importância do “ser negro” como condição pejorativo e degradante, levando a quase todos os espaços sociais dessa sociedade a presença do corpo negro, as vezes legitimado quando executava trabalhos “menos digno” e/ou as vezes contestado por estar em espaços sociais não próprios ao corpo negro, na visão da sociedade escravocrata brasileira, fato esse, que desencadeia um processo de branqueamento da população brasileira com uma série de decretos tornando atrativo a vinda e moradia de imigrantes brancos para o Brasil.

Em 1808, o “Decreto de 25 de novembro inicia a política imigratória para o Brasil, “de gentes brancas livres”. Observe que esses decretos possuíam especificidades bem definidas, exigindo dos imigrantes características da raça branca, com pessoas loiras de olhos claros (azuis ou verde) podendo ser entendido como algo racista. “Carta Régia de 23 de setembro de 1811, colonos irlandeses para São Pedro (RS); Decreto de 6 de maio de 1828, colonos suíços para Nova Friburgo (RJ); Decisão n- 80, de 31 de março de 1824, colonos alemães para São Leopoldo (RS)”(DEMORO, 1960, p. 32)

Somente em 1874, o Brasil facilita imigrações sem direcionamento de locais ou tipologias físico/racial. E com a Lei Nº 3.353 de 13 de maio de 1888 denominada de Lei Áurea, o negro brasileiro é cidadão, titular de direitos e obrigações. Porém antes da declarada liberdade da mão de obra escrava houve por parte do governo leis que visava promover uma estruturação de políticas racistas e discriminatórias com intuito de manter a população negra que é maioria na população brasileira sob uma condição de inferiorização. O Decreto de nº



Ensaaios sobre o Corpo Observado

7.031 – A, de 6 de setembro de 1878, estabelecia que os negros só podiam estudar no período noturno e diversas estratégias foram montadas no sentido de impedir o acesso pleno dessa população aos bancos escolares.

Observe que o Estado organiza políticas de segregação de espaços sociais para garantir que a população negra não tenha acesso a esses espaços, ou pelo menos cria dificuldades de inserção desses corpos negros em espaços legitimados para pessoas brancas como escolas, teatros, restaurantes, bibliotecas, faculdades, dentre outros.

Apesar da libertação formal, o que houve na prática foi a retirada das fazendas de uma massa de pessoas sem formação e sem qualificação profissional que de fato engrossaram a base da pirâmide social brasileira e aumentou ainda mais o abismo social existente entre brancos e negros, pois os empregos formais e bem pagos, os espaços sociais importantes e legítimos para toda a sociedade eram preferivelmente preenchidos pelos imigrantes brancos, ficando os negros livres com o que sobrava, quase sempre com pouca ou nenhuma remuneração.

O Estado nada fez para tentar corrigir essa situação e conseguir dar condições a uma enormidade da população brasileira que estava no mercado de trabalho livre, porém não possuía condições de trabalho por falta de qualificações técnicas. Somando -se a isso o grande sentimento racista discriminatório herdado do passado escravista fez da população brasileira um grande dínamo de produção e reprodução de comportamentos racista, discriminatórios e segregativos apesar da maioria numérica populacional do Brasil ainda hoje é formada de pessoas negras. Esse passado preconceituoso reflete até hoje com a associação da palavra negra a algo ruim ou perigosa, “Lista negra”; “Coisa preta”; “Mercado Negro”; “Buraco Negro”; “Magia Negra”, “Peste Negra”, “Passado Negro”. Tudo isso força a necessidade de se fazer um conjunto de leis para tentar proteger essa comunidade explorada, discriminada, segregada e injustiçada.

A falta de legitimação do corpo negro em diferentes espaços sociais que foi construída no período colonial, foi transferido até os dias atuais para todos os espaços de interação social, inclusive os de lazer, pois mesmo sendo direito garantido na constituição, as vezes não é posto em prática, principalmente relacionado a comunidade negra.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

O MARCO LEGAL DO LAZER E SEUS DESDOBRAMENTOS

Desta forma, as práticas de lazer, são direitos inalienáveis que promove a dignidade humana e o desenvolvimento pessoal e social. Assim o lazer está presente no teatro, no turismo, na festa, nas relações sociais e etc., atividades estas que permitem a possibilidade de escolha das atividades e o caráter “desinteressado” de sua prática são características básicas do lazer.

A questão central a ser entendida é que o lazer possui uma ampla oferta de possibilidade com diferentes espaços para serem desenvolvidas. Os conteúdos do lazer recebem as mais variadas classificações, mas, segundo Camargo (2003), a classificação mais aceita é a do sociólogo Joffre Dumazedier, que os classifica em físicos, manuais, intelectuais, artísticos e sociais. Para Camargo (2003, p.18), “a realidade é sempre mais complexa do que a capacidade de análise dos cientistas”. Por isso, esse autor acrescenta mais uma área de interesse cultural no lazer, que é o turístico.

Entender o lazer como algo importante para sociedade é muito facilmente percebido, tendo em vista suas garantias estarem em diferentes marcos legais de nossa legislação a todos os seguimentos populacionais. O Art. 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, **o lazer** é um direito de todos os cidadãos independente do seu credo, raça, sexo, idade, classe social e econômica. Tal documento, em seu artigo 24, também institucionaliza **o lazer** como um direito de todos. O Artigo 6º do Capítulo II – Dos Direitos Sociais – da Constituição Federal do Brasil (1988), com a redação dada pela Emenda Constitucional nº 26, de 14/02/2000, dispõe: “São direitos sociais: a saúde, o trabalho, a moradia, **o lazer**, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”.

No Artigo 217, da mesma Carta Constitucional, que trata do desporto, no parágrafo 3º, consta que “O poder público incentivará **o lazer**, como forma de promoção social”.

O Art. 227 do Título VIII, Capítulo VII, da atual Constituição Federal diz que

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, **ao lazer**, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)

A Constituição do Piauí (1989), em seu artigo 191, Inciso V, discorre sobre “a criação ou a preservação de áreas **de lazer** e de atividades de caráter comunitário”. Já no artigo 203, parágrafo único, inciso I, enfatiza que o direito à saúde pressupõe condições dignas **ao lazer**; no artigo 231, **o lazer** é tido como direito de todos e dever do Estado; o artigo 233 dispõe que “o poder público incentivará **o lazer** como forma de promoção social”. O artigo 248 estabelece como “dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito **ao lazer**” entre outros direitos.

A Lei Orgânica do Município de Teresina (2011), no seu Artigo 231, reza que “o município incentivará **o lazer** como forma de promoção social. A Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que discorre sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no Artigo 4º, diz que

é dever da família, da [comunidade](#), da sociedade em geral e do poder público assegurar com absoluta prioridade, a efetivação **dos direitos** referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, **ao lazer**, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao [respeito](#), à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

A mesma lei, em seu Artigo 71, também estabelece que “a criança e o adolescente têm direito a informação, cultura, **lazer**, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento”.

A Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, que trata do Sistema Único de Saúde (SUS), no Artigo 3º, salienta que o lazer é um dos fatores determinantes e condicionantes da saúde da população.

Com relação ao Idoso, a Lei nº. 10.741, datada de 1º de outubro de 2003, no capítulo V, que trata da Educação, Cultura, Esporte e Lazer, assegura no Artigo 20 que o direito ao lazer deve ser oferecido de forma que se respeite a sua peculiar condição de idade.

A Lei nº 10.216, de 06 de abril de 2001, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais, Artigo 4º, parágrafo 2º, tem o lazer como um dos serviços obrigatórios no tratamento dessas pessoas, em regime de internação.

Por conta de suas amplas demarcações legais, porém ainda tímida oferta prática, é necessário ter sempre políticas assertivas sobre a oferta de locais para as diferentes formas de lazer existentes. O lazer possui um leque de possibilidades e com elas o benefício primário de tal prática configurado na sensação de bem-estar, alegria, relaxamento e melhoria na qualidade de vida.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

As atividades de lazer podem ser as mais variadas possíveis, dependendo do interesse cultural de quem as pratica e, principalmente, da oferta/disponibilidade. A escolha dessas práticas deve ser subjetiva, por isso manifesta uma das características das atividades de lazer, que é a opção (MARCELLINO, 2006).

SILVA e SILVA (2010) enfatizam que, dependendo do gosto cultural, do credo, da classe social e do poder aquisitivo, entre outros fatores, a percepção de lazer pode variar muito. Para alguns, lazer é ir ao estádio de futebol, ao ginásio poliesportivo; já para outros, é ler um romance, uma revista. O que para algumas pessoas pode ser lazer, para outras, pode ser trabalho, como a pesca, a pintura, a jardinagem, o tiro ao alvo, a prática do ciclismo, o andar de patins etc. São essas diferentes possibilidades do lazer que promovem a legitimação dos corpos nesses espaços de lazer, alguns espaços ou práticas de lazer não são vistas como legítimas para comunidade negra, pois a presença do corpo negro em alguns espaços sociais pode configurar uma verdadeira agressão a lógica social vigente.

ESPAÇOS DE LAZER: DEFINIÇÕES E IMPORTÂNCIA

É essa multiplicidade de escolhas em suas complexidades que provoca dificuldades para alguns em entender o tão importante é desenvolver atividades de lazer, independente de qual seja ou em qual lugar esteja. O que apresenta outra importante reflexão decorrente do espaço. Muitas vezes, os espaços de lazer não estão apropriados ou foram construídos com essa finalidade, acarretando processos de apropriação ou utilização indevida. Na maioria das vezes os espaços de lazer específicos, construídos para essa tarefa, estão alocados em regiões das comunidades financeiramente abastardas, configurando a minoria da comunidade negra.

Além disso, ainda existe o problema nessa questão do espaço “as pessoas acabam impossibilitadas de vivenciar o tempo livre para o lazer, por falta de condições, ou de espaços direcionados à prática do mesmo, em função da falta de investimento adequado pela esfera pública, por exemplo”(CASTRO E CASTRO,2015, p.144).

A denominação de espaço público na assertiva da palavra deveria ser tarefa do Estado pois o mesmo, em tese, garante práticas de lazer a toda sociedade. Nessa proposta as ruas, parques, praças, espaços verdes passam a ter um novo sentido criando novas perspectivas no modo de vida das cidades modernas do mundo ocidental. Esses espaços passaram a ser



Ensaaios sobre o Corpo Observado

*Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)*

planejados de modo que ganhassem mais áreas para circulação de pessoas e de transporte urbano.

Desse modo, para Figueiredo (2008, p. 81),

o espaço público, visto como uma área de sociabilidade e lazer indispensável à vida nas cidades, e muitas vezes, agregando valores da natureza, está em oposição ao restante do urbano, com o concreto em demasia, sistemas econômicos de produção etc. Assim, os espaços públicos caracterizados pela circulação, comunicação, lazer e sociabilidade têm sido alvos de intervenções do planejamento urbano, do lazer e do turismo das cidades, geralmente com a premissa de proporcionar qualidade de vida à população.

Com o crescente desenvolvimento urbano e tecnológico, o espaço urbano tem se tornado mais complexo na sua administração. Em diversas sociedades, rico em contradições de diferentes ordens, apresentando uma realidade muitas vezes dicotômica ficando o desconforto para muitos e conforto para poucos no tocante aos espaços e equipamentos de lazer. Ficando as comunidades periféricas, que na maioria são de negros, sem ter acesso a esses espaços de lazer, pois as barreiras sociais, financeiras, estruturais impostas são limitantes do acesso a esses espaços e suas práticas (FERREIRA, 2003).

Quando a comunidade periférica negra consegue ter acesso a esses espaços de lazer mais localizados em bairros elitizados das cidades, sua presença não recebe a legitimação social do direito de estar usando tais espaços, os corpos negros perdem seu legítimo direito de usufruir desses espaços e dessas práticas. Essa falta de legitimação ainda é fruto de um passado escravocrata brasileiro e uma sociedade racista proeminente já tratado anteriormente.

Os espaços foram sendo planejados de acordo com os interesses do Estado, enquanto esfera social necessária à ampliação e acumulação capitalista, com o discurso de melhoria de vida da sociedade, o que acarretou uma vertiginosa expansão de espaços privados ou mistos (parte públicos, parte privados) para práticas de lazer, exemplo disso são os *shopping centers*, que muitas vezes se configuram locais inacessíveis para grande parcela da população como apresenta o estudo de Meguis e Castro (2015) ou, ainda, para a função turística desses espaços, geralmente construídos em regiões mais ricas do espaço urbano ou valorizando o mesmo, criando verdadeiros bolsões da elite social local, como demonstram Castro e Figueiredo (2013).

Confirmando esse pensamento, Faleiros (2006) enfatiza que os espaços urbanos de consumo coletivo, como as áreas destinadas ao lazer, são implantados em relação ao confronto de forças, favorecendo os bairros onde moram os mais ricos e atendendo secundariamente às



Ensaaios sobre o Corpo Observado

pressões da classe popular, podendo ocasionar a deslegitimação de alguns corpos nesses espaços.

A RELAÇÃO ENTRE A COMUNIDADE NEGRA E O LAZER

A presença do corpo negro desfrutando de práticas de lazer em alguns espaços destinados a esse fim, muitas vezes, é algo visto como exótico ou “perigoso”, mesmo o Brasil ser um país de maioria negra segundo o IPEA, para alguns indivíduos da sociedade brasileira, o corpo negro em espaços de lazer deveria estar resumido ao trabalho, ao ato de proporcionar essa prática para comunidade branca.

A valorização da negritude e conseqüentemente do “ser negro” é um ponto principal para legitimar esses corpos em diferentes espaços da sociedade, o ato de valorização do negro em todos os espaços sociais deveria ser normatizado e com isso legitimado em toda sociedade.

Era necessário se criar um movimento para ofertar diferentes opções de lazer buscando a valorização da cultura negra dentro de diferentes espaços, pois as atividades de lazer direcionadas a essa população trazem um peso maior a essa ação. Outros autores’ (MAGNANI, 2003; FERREIRA, 2003; MARCELLINO 2006; FALEIROS, 2006; MASCARENHAS, 2010) já se pronunciaram sobre essa democratização dos espaços e equipamentos de lazer por parte do poder público para todos, independentemente do local da cidade, condição social, política, raça/etnia ou gênero.

Ter locais/espaços de lazer que valorizam e legitimam a negritude, em última análise, é defender formas menos destoantes de acessar bens nos campos materiais e simbólicos. Sousa, (2011) já demonstrou em seus estudos que isso é lançar a semente para promover o fim do sentimento de vergonha que existe em alguns, pelo fato de serem negros, seria reabilitar a negritude.

De acordo com Munanga, (2000), é fundamental promover a afirmação e a reabilitação da identidade cultural do povo negro, fugindo desse estereótipo: o negro como objeto, sem alma e apenas com propósito de trabalho. Isso é desenvolver, na prática, a negritude, conseqüentemente promovendo a legitimação dos corpos negros nos espaços sociais, especificamente os espaços de lazer.

O pensamento da valorização do negro por meio da legitima aceitação de sua presença em diferentes espaços sociais e atividades de lazer, é muito importante, pois contribui para a



Ensaaios sobre o Corpo Observado

causa negra, no sentido de mostrar a sua importância, de maneira geral, para a sociedade, visto que durante toda a história do Brasil foi sendo deturpada, apresentando o negro como um objeto de trabalho, sem valor social, sem poder de criação científica, sem ser produtor e reproduzidor de cultura valorizada.

Conseguir propagar a identificação positiva do negro é a maior luta e, conseqüentemente, a mais gloriosa vitória, uma vez que grande parte da sociedade brasileira ainda traz o pensamento racista da época colonial, causando situações perigosas, como o fato de, no Brasil, o jovem negro ter quatro vezes mais chance de ser assassinado do que o indivíduo branco, segundo o IPEA, 2014.

Todavia existe uma enorme batalha simbólica para conseguir dar identidade positiva a essa população negra, que, ao longo da história, foi tão segregada que até para ocupar e vivenciar espaços de lazer, que deveria ser uma prática normal, ainda enfrentava muita resistência e dificuldade

Essa violência que alguns da sociedade fazem questão de propagar como sendo o certo, buscando destruir a positividade da identidade negra e valorizando o egocentrismo branco, de acordo com o que já foi dito por Sousa, (2011), não deveriam ser vistas em nossa sociedade.

Por conta disso, a presença do corpo negro em diferentes espaços de lazer disfrutando das práticas desenvolvidas lá, possuem um significado duplo tem valor afirmativo, social, simbólico e bem mais forte do que o simples ato do lazer é um ato de resistência étnica. É algo quase libertador, pois o ato da legitimação da presença negra nos espaços de lazer, seria a identificação do mesmo como cidadãos no entendimento grego de aquele que possui direitos, como indivíduos pertencentes a um sistema social sem segregações.

Algumas vezes a comunidade negra escolhe passar pelo branqueamento para conseguir ser mais aceito, legitimado nos espaços de lazer. Esse processo é percebido principalmente no alisamento dos cabelos, nos processos de afilamento do nariz (cirúrgico ou não), nas vestimentas. Esse branqueamento extrapola as questões físicas e assume uma dominação psicológica nos comportamentos e posicionamentos sociais, nas conversas informais entre outros que grande parte da sociedade negra se submeteu e ainda hoje o faz, acontece por conta dessa falta de identificação positiva com a figura do negro, onde branquear a pele e as atitudes seria a única forma de assumir a condição de ser humano civilizado e socialmente



Ensaaios sobre o Corpo Observado

importante. Conforme ideias semelhantes já apresentadas por outros autores (SOUSA, 2011; BANDEIRA; BATISTA, 2002).

É importante ter a presença legítima de pessoas negras em diferentes espaços de lazer aderindo a diferentes práticas, pois esse processo de agregar diferentes públicos, pode possibilitar a diminuição de processos discriminatórios e preconceituosos, pois trabalha com multiculturas. (BANDEIRA; BATISTA, 2002; SALES; SILVA, 2008; LOPES *et al*, 2009) já demonstraram que a sociedade só cresce por meio da união dos diferentes, e que padrões pré-estabelecidos como certos possibilitam o aumento de comportamentos discriminatórios, racistas, violentos e segregacionistas.

Infelizmente no Brasil ainda existe práticas racistas de maneira explícita ou não, causando uma marca ruim em toda sociedade e promovendo um sentimento de medo e desconfiança da população negra em aderir a práticas de lazer em espaços diferentes. Por conta desses comportamentos, foi necessário construir uma rede de proteção legal para comunidade negra que se inicia com a criminalização do ato racista e deveria evoluir para ações antirracismo em diferentes espaços sociais (escola, trabalho, família, clubes, praças etc.).

RACISMO: MARCO LEGAL, EDUCAÇÃO E COMBATE

O processo de racismo e discriminação contra a população negra foi cada vez mais potencializado, havendo a necessidade de se criar leis para tentar garantir á essa população, direitos de fato de cidadão livre. A primeira foi criada em 3 de julho de 1951 é a Lei nº 1.390, de autoria do então deputado federal por Minas Gerais, Dr. Afonso Arinos de Melo Franco, contra a discriminação racial. Tipificando o racismo como prática criminoso como infração leve. O racismo no mercado de trabalho sequer constava do projeto de lei.

Somente em 5 de janeiro de 1989 a Lei 7.716 que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, popularmente conhecida como Lei Caó, em homenagem ao seu autor, o Deputado Constituinte Carlos Alberto de Oliveira, negro e ativista militante contra o racismo e a discriminação racial. O artigo [1º](#) dessa Lei foi revogado pela Lei [9.459](#) de 13 de maio de 1997 que recebeu a ter nova redação: Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

O Estatuto da Igualdade Racial é uma Lei específica (Lei 12.288, de 12 de julho de 2010) e tem como objetivo “garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica”. Entre outras palavras, o Estatuto da Igualdade Racial define vários aspectos relacionados à discriminação racial, desigualdade e igualdade racial.

Analisando o processo histórico brasileiro e as leis acima citadas, verificamos que não podemos dissociar o racismo contra o negro da discriminação e intolerância contra as religiões de matriz africana, fato comprovada por inúmeros estudiosos como (GOMES, 2005, p. 57):

[...] uma corrente ideológica que pretende negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil como fruto do racismo, afirmando que existe entre estes dois grupos raciais uma situação de igualdade de oportunidade e de tratamento. [...] Se seguirmos a lógica desse mito [...] poderemos ser levados a pensar que as desiguais posições hierárquicas existentes entre elas devem-se a uma incapacidade inerente aos grupos raciais que estão em desvantagem como os negros e os indígenas. Dessa forma, o mito da democracia racial atua como um campo fértil para a perpetuação de estereótipos sobre os negros, negando o racismo no Brasil, mas, simultaneamente, reforçando as discriminações e desigualdades raciais.

Com o aumento da preocupação em se combater os eventos racistas no Brasil, observamos a necessidade de se ampliar o arcabouço legal para fortalecer o debate dentro da sociedade sobre esse assunto tão perigoso e seus efeitos destruidores.

É nessa perspectiva que a escola entra no debate principal, pois a escola deveria promover a formação não só de elementos formais mais também de aspectos sociais, políticos, religiosos, culturais. É na escola que o indivíduo deverá ter contato com os assuntos formadores de sua cultura pessoal a partir do currículo escolar e essa formação será levada para universidade e para vida fora dos muros acadêmicos de maneira geral.

Sendo assim, a importância de se levantar um diálogo franco entre racismo e educação no cotidiano escolar, aparece no contexto de implementação da Lei 10.639/2003. Pois a mesma cria a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura africanas e afro-brasileiras, algo extremamente importante pois “as diretrizes curriculares trazidas no bojo da Lei 10.639/2003 prometiam, no campo discursivo e jurídico, reconfigurar o currículo tradicional e recompor as suas relações de poder”(BERNARDO E MARCIEL, 2015, p.192).

O estudo da verdadeira história africana poderá trazer luz as terríveis interpretações negativas sobre a figura do ser negro no Brasil, pois não podemos entender a trajetória negra sob o campo eurocêntrico que entende e reduz o negro, como objeto de trabalho muitas vezes



Ensaaios sobre o Corpo Observado

animalizado, erotizados, traduzidos como algo singular exótico e por conta disso descolado da humanidade reconhecida pelo branco colonizador e perpetuada para as futuras gerações.

A escola deveria promover um discurso direto no tocante ao combate ao racismo, assim, se daria na esfera de produção e difusão de valores fundamentais para incidir nos seguintes aspectos: na construção de uma imagem positiva do negro; na inserção da história e da memória negras nos livros didáticos e no currículo tradicional; na oposição ao modelo eurocêntrico que funda o currículo oficial, entre outros.

Infelizmente a real implementação da Lei 10.639/2003 dentro do currículo escolar com debates e discursões diretas e reais, na prática não acontece, dentro do ambiente escolar que na maioria das vezes se resume a projetos étnicos-raciais (geralmente datas comemorativas). Evitando conflitos de ideias no desenrolar do currículo escolar. Não obstante a sua importância política, a sua efetivação conta com um conjunto de ações articuladas, visto que cabe ao poder público.

Uma coisa que precisa ser observada é que o racismo possui um poder mutagênico concreto, havendo a dissimulação entre vítima e agressor levando a banalizações e naturalizações de atos racistas. O que ocasiona e legitima que a vítima e o agressor ocupam uma definição de lugares sociais aceitos na sociedade. A população negra continua tendo invisibilidade no tocante a sua importância social.

a violência é a pedra de toque, o núcleo central do problema abordado. Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro (COSTA, 1986, p. 104)

O fator mais importante da divulgação desse conhecimento diz respeito principalmente ao enfrentamento dos efeitos do racismo na sociedade, tendo em vista, que em nosso país existe práticas de racismo bem organizadas e as vezes veladas o que promove um sentimento de naturalização do erro e do crime.

A ação antirracista deve cada vez mais lutar para impor mudanças em matéria de história, para introduzir a história das vítimas e dos vencidos na narrativa histórica – o que, aliás, pode levantar problemas e suscitar debates importantes, sobretudo sobre a relação entre história e memórias. (WIEVIORKA, 2008, p. 40).

Esse conceito de racismo ser tratado num país miscigenado como o nosso é quase inviável ou pouco aplicado, já que o fenômeno qualifica a existência de uma raça com habilidades grandiosas em detrimento de outro “possibilitando um processo de hierarquização



Ensaio sobre o Corpo Observado

atribuindo qualidades morais, físicas, psicológicas, intelectuais a partir do tom da pele”. O racismo é também referido como sendo um corpo de atitudes, preferências e gostos instruídos pela ideia de raça e superioridade racial, seja no plano moral, estético, físico ou intelectual (GUIMARÃES, 2004, p. 17).

O racismo Brasileiro no seu curso histórico possui uma forma bem peculiar na organização das estruturas sociais, para manter as hierarquias e garantir os privilégios de grupos específicos ditos superiores por conta da raça. Isso reside na construção identitária nos séculos XIX e XX configurando os pilares da organização ideológica racista brasileira.

A ideologia racista desenvolvida no Brasil se solidifica sobre dois pontos principais, o primeiro diz respeito a “formulação de teorias que apregoavam o caráter negativo e degenerativo do mestiço, mobilizando a categoria do embranquecimento como forma de aniquilamento racial”; o segundo a valorização da “mestiçagem (anos 1930) como uma estratégia de construção de uma identidade homogeneizadora das diferenças e como mecanismo de manutenção das estruturas sociais dominantes” (BERNARDO e MARCIEL, 2015, p. 96).

Apesar de toda discussão feita sobre o racismo e o marco legal construído para seu combate, de nada serve, pois infelizmente o que se pode verificar é que o trabalho de alguns docentes tem muitas vezes contribuindo para naturalizar práticas racistas apesar das orientações oficiais transpostas na forma da lei, seja por meio de metodologias de ensino, de discursos ou de atividades pedagógicas voltadas a manutenção dessas situações.

Um exemplo clássico de uma prática racista no ambiente escolar, muitas vezes ignorado entre os alunos e professores é a prática do *Blackface*, ocorre quando com o intuito de interpretar personagens de uma história infantil, os alunos brancos pintam os rostos com tinta preta (TUONO e VAZ, 2017, p.267).

Dentro da escola algumas práticas pedagógicas são feitas com direcionamentos bastante racistas, trazendo alguns clichês clássicos, como a interpretação de personagens negro esta direcionados para classes inferiores de trabalho eminentemente braçal, ou nos jogos a figura do negro está associada ao vigor físico com pouco conteúdo intelectual ou a propaganda de profissões dificilmente se encontrar na escola cartazes com figuras negras representando profissões ditas importantes como médico, advogados, engenheiros.

Torna-se urgente o desafio dos educadores para desfazer os equívocos que deturparam as culturas de origem africana nas áreas onde se desenvolveram relações de trabalho escravo. É notório, que dentro da escola constantemente, ocorrem casos de discriminação, onde na



Ensaaios sobre o Corpo Observado

maioria das vezes, os educadores tentam camuflar a prática do preconceito. Geralmente observa-se frases para chamar a atenção de tais práticas sem muita efetividade: “o que é isso meu filho? respeite o seu colega, ele é igual a você!”. Quando na verdade o que deveria ser feito eram atitudes concretas no sentido de conversar com os alunos e mostrar que fenotipicamente eles são sim diferentes, mas que o seu colega atingido preconceituosamente, tem uma História, uma identidade deixada por seus descendentes que o engrandecem enquanto ser humanos independente de sua cor de pele, situação social, condição de gênero, prática religiosa.

No ambiente escolar é comum a existência de atos e atitudes de preconceito, quer seja entre os próprios alunos quando, trocam insultos tais como: “só sendo preto”, “o preto, quando não suja na entrada, suja na saída”, “serviço mal feito é serviço de preto”. Ou ainda: ‘preguiçoso’, ‘neguinho’, ‘pretinho’, ‘tição’, ‘negão’, ‘crioulo’, ‘macaco’, ‘urubu do ver-o-peso’, ‘café’, ‘mussum’, ‘chocolate’, etc. Frases que são comuns serem ouvidas no ambiente escolar e muitas vezes como sendo naturais e normais.

O ponto mais grave reside quando tais afirmações são proferidas por professores que oralizando o “mito da burrice”, ao dizer que seu aluno é incapaz de absorver qualquer conhecimento, e começam por pré-conceituar o educando de “preguiçoso”, ou “aquele escurinho tem uma enorme dificuldade de aprendizado”. Associando as dificuldades de aprendizado de imediato as condições fenotípicas da cor da pele.

Fica claro que o preconceito de raça possui uma íntima ligação com o modo ser de cada indivíduo, manifestando no convívio diário das pessoas, nas relações interpessoais, trazendo a fuga do estigma da pele negra por meio da utilização de expressões como “pardo”, “moreno” e “preto”, tal adjetivos demonstram como acontecem o escamoteamento do preconceito racial no Brasil que anteriormente já comentamos sobre o colorismo brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a busca por uma legítima aceitação do corpo negro em espaços e práticas de lazer deve ser iniciado pela valorização da figura do negro, algo que foi deslegitimado como figura humana desde o período colonial, herança cruel que foi repassada até os dias atuais. Hoje no Brasil, ser negro é correr risco de vida tendo em vista que a chance de ser morto é de quatro vezes maior do que uma pessoa branca.



Ensaio sobre o Corpo Observado

A população negra deveria receber um tratamento igualitário aos demais não negros, pois foi essa comunidade escravizada que contribuíram para formação das bases econômicas, sociais, culturais desse país. Infelizmente a busca por esse processo de legitimação ainda parece estar longe, o que se faz necessário uma política de afirmação positiva dessa população. Outra questão que poderia ajudar nessa valorização positiva da comunidade negra seria um processo de educação mais completa.

É na escola que deveria haver um processo de educação libertadora, para combater essas condutas discriminatórias, segregativas e racistas que nossa sociedade ainda insiste em reproduzir, porém nesse ambiente ainda presenciamos atitudes equivocadas e muitas vezes sem muita ação efetiva de combate ao racismo. Ficando o Estado obrigado a construir uma rede jurídica de apoio para garantir os direitos da comunidade negra e por conseguinte legitimar sua presença em diferentes espaços sociais inclusive e principalmente em alguns espaços de lazer.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 12.288 de 12 de julho de 2010**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm>. Acesso em: 16 junho 2020.

_____. **Lei 9.459 de 13 de maio de 1997**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm>. Acesso em: 16 junho 2020.

_____. **Lei 7.7716 de 5 de janeiro de 1989**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm>. Acesso em: 16 junho 2020.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 03 ago. 2016.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente** (1990). Disponível em: <http://www.dji.com.br/leis_ordinarias/1990-008069-eca/eca_070_a_073.htm>. Acesso 20 ago. 2016.

_____. **Estatuto do Idoso** (2003). Disponível em: <<http://www.serasaexperian.com.br/guiaidoso/107.htm>>. Acesso 20 de ago. 2016.

BRASIL. **Lazer e cultura popular**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

_____. **Lei 12.288 de 12 de julho de 2010.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm>. Acesso em: 30 maio 2018.

_____. **Lei 7.7716 de 5 de janeiro de 1989.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm>. Acesso em: 30 maio 2018.

_____. **Pessoas Portadoras de Deficiência.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm>. Acesso 07 set. 2015.

_____. **Sistema Único de Saúde (SUS).** Disponível em: <<http://www.guiadeteresina.com/ver.asp?id=334>>. Acesso em: 10 set. 2015.

_____. **Lei 9.459 de 13 de maio de 1997.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm>. Acesso em: 30 maio 2018.

BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Anália Sorai. Preconceito e discriminação como expressões de violência, **Revista estudos femininos**, 2002.

BERNARDO, Teresinha e MACIEL, Regimeire Oliveira. Racismo e educação: um conflito constante, **Contemporânea**, v. 5, n. 1 p. 191-205, Jan.–Jun. 2015.

CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. **O que é lazer.** São Paulo, Brasiliense, coleção primeiros passos, 2003.

CASTRO, Vandacy da Silva e CASTRO, Cleber Augusto Trindade. Revista Brasileira de Estudos do Lazer. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 139-158, set./dez. 2015.

CASTRO, Cleber; FIGUEIREDO, Silvio. Turismo, políticas públicas e espaços públicos urbanos: a Estação das Docas, em Belém, Pará. In.: AZEVEDO, F.; FIGUEIREDO, S.; NÓBREGA, W.; MARANHÃO, C. **Turismo em foco.** Belém: NAEA, 2013. p. 189-201.

COSTA, Jurandir Freire. Da cor ao corpo: a violência do racismo. In: **Violência e psicanálise.** 2 ed. Rio de Janeiro, Graal, 1986.

DEMORO, Luis - Coordenação de Leis de Imigração e Colonização do Brasil, Rio de Janeiro, Departamento de Estudos e Planejamento, Instituto Nacional de Imigração e Colonização, 1960, p. 32.

FALEIROS, Vicente de Paula. **O que é política social.** 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

FIGUEIREDO, Silvio. Espaços de cultura nas cidades: notas sobre o ordenamento, acessibilidade e turistificação. In: FIGUEIREDO, Silvio (Org.). **Turismo, lazer e planejamento urbano e regional.** Belém: NAEA, 2008. p. 79-92.



Ensaio sobre o Corpo Observado

Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)

FERREIRA, Adriana dos Reis. **A Compreensão do lazer no planejamento urbano de Goiânia: aproximações históricas.** Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de São Paulo. Campinas, 2003.

IPEA, **Situação social da população negra por estado** / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. – Brasília. 2014. p. 115.

Lei Federal nº 10.639/03 / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

LOPES, Jose de Sousa Miguel; REIS, Maria das Dores; MACHADO, Maurimar Melo Santos Costa. **O preconceito no contexto educacional**, UnilesteMG.2009.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade.** 3 ed. São Paulo, Hucitec/Unesp, 2003.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução.** 4 ed. Campinas. Autores Associados, 2006.

GOMES, Nilma Lino, Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 / **Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.** – Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Preconceito e discriminação.** São Paulo, Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo/Editora 34, 2004.

MASCARENHAS, Gilmar. **Contribuições da geografia para o estudo do lazer.** Capítulo 08, p.140-51. In: MELO, Victor Andrade de. (Org.). LAZER – olhares multidisciplinares. Campinas: Alínea, 2010.

MALHEIRO, Agostinho Perdigão - **Escravidão no Brasil: ensaio histórico, jurídico, social,** Rio de Janeiro, Ed. Nacional, 1866, p. 81 (nota 335).

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução.** 4 ed. Campinas. Autores Associados, 2006.

MEGUIS, Thiliane; CASTRO, Cleber. *Shopping center* como espaço de lazer: o caso do Pátio Belém. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer.** v. 2, n.2, p. 135-160, 2015

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** In: BRANDÃO, A. A. P. (Org.). **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira.** Niterói, EdUFF, 2000.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

PIAUI. Constituição (1989). **Constituição do Estado do Piauí**. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/interacao/constituicoes/constituicao_piauui.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2015.

SALES, Leila Maria Ferreira; SILVA, Joyce Mary Adam de Paula. Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões. **Cadernos de Educação** | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [30], janeiro/junho 2008. p. 149 – 166.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da; SILVA, Leila Rodrigues da. **Diversão e prazer na idade média** – reflexões acerca das visões sobre o entretenimento na península ibérica. Capítulo 5, p. 69. In: MELO, Victor Andrade de. (Org.). Lazer – olhares multidisciplinares. Campinas: Alínea, 2010.

SOUSA, Patrício Pereira Alves. "RAÇA, ETNIA E NEGRITUDE: aportes teórico-conceituais para debates etnogeográficos." *Ateliê Geográfico* 4.3 2011.

TUONO, Nadiele Elias Faria e VAZ, Marta Rosani Taras. O racismo no contexto escolar e a prática docente, **debates em educação**, Vol. 9, Nº. 18, Mai./Ago. 2017.

WIEVIORKA, Michel. Mutação do racismo. In: BERNARDO, Teresinha; CLEMENTE, Claudelir Corrêa (Org.). **Diásporas, redes e guetos: conceitos e configurações no contexto transnacional**. São Paulo, Logo/Educ, 2008, p. 27-40





Ensaio 8

REFLEXÕES SOBRE O CORPO INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO DA PSICOMOTRICIDADE NA ESCOLA EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID – 19

Marconi Pereira Lima

Secretaria Estadual de Educação do Piauí

Wendell Lima Lacerda

Universidade Estadual do Piauí

Lara Raysa Oliveira

Instituto Superior de Educação Programus

Edvaldo César da Silva Oliveira

Instituto Federal de Educação do Piauí

Regina Célia Vilanova-Campelo

Universidade Estadual do Maranhão

O corpo em suas diferentes abordagens configura elemento de estudo para variados campos das ciências, elaborar estudos sobre o corpo possibilitam diferentes abordagens, variando das questões biológicas passando pelas questões políticas e chegando as questões sociológicas. Aqui especialmente pretendemos trabalhar as questões relacionadas aos aspectos motores e seus desdobramentos e influências na educação de crianças, partindo da análise com base em elementos referentes a psicomotricidade.

Durante do processo desenvolvimento do indivíduo nas suas diferentes idades, a aprendizado motora se configura uma parte necessária para a realização das AVDS (atividades da vida diária) e para construção de uma relação saudável do indivíduo com seu corpo. A parte motora é importante para a melhoria global das capacidades motoras do ser humano e, os aspectos que envolvem a Psicomotricidade que possuem influencia favorável no processo ensino-aprendizagem, tendo em vista, o entendimento sobre educação como algo mais amplo do que a simples transmissão de conhecimentos além de possibilitar uma construção plena de características corporais necessárias para boa interação social.

Em nosso ensaio faremos algumas considerações sobre a importância da psicomotricidade na educação física abordando principalmente a relação com o período de pandemia e como isso afetou o corpo das crianças, pois todos os procedimentos estavam



Ensaaios sobre o Corpo Observado

direcionados ao equilíbrio, o desenvolvimento motor, intelectual e corporal. Nossas considerações serão pautadas em pesquisas bibliográficas e relato de caso.

Trataremos também da importância da psicomotricidade como instrumento do desenvolvimento corporal humano, além de servir como ferramenta para todas as áreas de estudo voltadas para a organização afetiva, motora, social e intelectual do aluno. Pois ela pode contribuir para o processo educativo, promovendo um desenvolvimento psicomotor satisfatório e, ao mesmo tempo, contribuindo para uma evolução psicossocial e o sucesso escolar dos mesmos.

Nessa perspectiva é importante o educador ter conhecimentos sobre a contribuição da psicomotricidade para o crescimento e desenvolvimento psicossocial de cada pessoa, especialmente dos alunos em ambiente escolar formal. Teremos como problema norteador a seguinte indagação: Quais os impactos sociais e motores causados pela pandemia do novo Coronavírus no tocante ao desenvolvimento psicomotor de educandos? Por conta disso, objetivamos analisar a importância da psicomotricidade na infância e como esta poderia auxiliar na aprendizagem e construção da imagem corporal do aluno, frente a pandemia da COVID-19.

PSICOMOTRICIDADE: HISTÓRICO E CONCEITUAÇÃO

No início do século XIX, houve o surgimento do termo psicomotricidade, a princípio por meio do discurso médico neurológico, que enfatizava a existência de problemas motores mesmo sem haver lesão no cérebro. Em meados dos anos de 1870 foi nomeada a palavra psicomotricidade. Henri Wallon trouxe contribuições importantes por meio do seu estudo sobre desenvolvimento neurológico de recém-nascidos e crianças, para ele, existe relação entre a motricidade e a caráter afetivo com que o movimento está sendo construído, além da influência ambiental e hábitos da criança. Wallon foi o responsável pelo nascimento da reeducação psicomotora.

Com o processo de desenvolvimento dos estudos sobre psicomotricidade e sua importância na vida dos indivíduos. Segundo Brito, 2022 a contribuição de Dupré (1909) vincula o movimento, o pensamento e a afetividade. Para alguns autores (JOBIM; ASSIS, 2021; BARBIERI, 2019) Psicomotricidade significa a relação entre o pensamento e a ação, envolvendo a emoção, ou seja, é considerada a ciência que estuda o homem por meio de seu corpo em movimento, funcionando como eixo de sustentação da vida sócio-psico-afetiva do sujeito.



Ensaio sobre o Corpo Observado

*Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)*

A partir desses estudos, outros mais foram sendo desenvolvidos com intuito de explorar cientificamente o assunto, pois comprovou-se a necessidade e a importância da mesma como uma formação de base para o desenvolvimento global da criança. Segundo Rochel (2009), crianças que apresentam desenvolvimento motor normal aos três anos, indica que todas as coordenações neuromotoras essenciais (correr, pular, aprender a falar, expressar através da utilização de jogos e brincadeiras) estão bem desenvolvidas.

A psicomotricidade contribui de maneira expressiva para a formação e estruturação do esquema corporal e tem como objetivo incentivar a prática do movimento em todas as etapas da vida de uma criança tendo finalidade de auxiliar na expansão e equilíbrio da criança e auxiliar na expansão de tal afetividade (BARBIERI,2019).

O desenvolvimento psicomotor por meio da psicomotricidade amplia as possibilidades de entendimento e compreensão dos processos de aprender e não aprender, contribuindo para a prevenção do fracasso escolar na medida em que olha para o sujeito de maneira aprofundada. A Psicomotricidade se dá através de ações educativas de movimentos espontâneos e atitudes corporais da criança (Le Boulch,1992).

Para Chauzaud, (1987) A psicomotricidade é, inicialmente, uma determinada organização funcional da conduta e da ação; correlatamente, é certo tipo de prática da reabilitação gestual. Pensamento corroborado por Fonseca (1988), que apresenta psicomotricidade como a integração superior da motricidade, produto de uma relação inteligível entre a criança e o meio.

Segundo Alves (2003), a psicomotricidade envolve toda a ação realizada pelo indivíduo, que represente suas necessidades e permitem a relação com os demais. É a integração psiquismo-motricidade. Podendo tratar problemas, a fim de conseguir o máximo do potencial dos alunos, não só motor, mas em outros aspectos da personalidade.

De acordo com a literatura apresentada por Almeida (2006), a psicomotricidade é o estudo do homem através do seu corpo em constante movimento em relação ao mundo interno e externo, é a interação que o indivíduo tem de compreender e perceber, atuar e agir/interagir com o outro e com os objetos.

Já para Goretta (2009), psicomotricidade é um dos instrumentos mais poderosos para que o sujeito possa expressar seus conhecimentos, suas ideias, seus sentimentos e suas emoções, assim se constituindo como um sujeito.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

Sendo assim, a psicomotricidade tem apenas um objetivo, fazer com que a criança interaja com os outros e com os objetos possibilitando assim o seu crescimento não só físico como cognitivo, afetivo e corporal. No qual a psicomotricidade deve ser trabalhada em casa e principalmente na escola. Dessa forma, Almeida (2006) aponta que para trabalhar a psicomotricidade no ambiente escolar não é necessário haver recursos caros e nem tecnológicos, e nos sugere que basta somente a escola ter uma junção de fatores, tais como concepção, comportamento, compromisso, materiais e espaços.

As contribuições para a aprendizagem quando se trabalha com a psicomotricidade da criança são notáveis, na melhora da organização, nas respostas de estímulos, na atenção, enriquecimento na expressão simbólica, no desenvolvimento rítmico, na integração com o grupo, formulação de hipóteses e cumprimento de regras. Todo o trabalho promove o ajuste da criança em diversas situações que leva a criança a experimentar o conhecimento a partir do seu corpo (ALMEIDA, 2006, p.43).

Os autores Fonseca e Oliveira (2009), apontam que a psicomotricidade é uma prática que contribui para o pleno desenvolvimento da criança no ensino-aprendizagem, que favorece os aspectos físicos, mental, afetivo-emocional que contribui para a formação da sua personalidade. Incentivar os alunos a descoberta dos movimentos possibilita essas crianças não só ao desenvolvimento cognitivo quanto ao amadurecimento motor que vem a permitir essas crianças a práticas de várias modalidades esportivas com certa eficiência, como também a variabilidade das várias práticas motoras que apareçam em seu dia-a-dia.

Compreendemos que a criança vivencia o seu corpo através de uma motricidade não condicionada, em que os grandes grupos musculares participem e preparem os pequenos músculos. Antes de pegar num lápis, a criança deve ter uma grande utilização da sua mão em contato com inúmeros objetos. Vale ressaltar que o trabalho com a Educação Infantil que cada criança tem seu ritmo e seu tempo, e isso deve ser respeitado, do mesmo modo que sua cultura também deve ser respeitada.

A PANDEMIA E SEUS EFEITOS NA ESCOLA

Em meados de outubro de 2019 surgiu um novo vírus (SARS COV 2) na cidade de *Wuhan* na China, que colocou o país em alerta. A infecção causada por este vírus, conhecida como COVID-19, foi declarada como uma emergência mundial em janeiro de 2020 pela Organização Mundial de Saúde - OMS, e em março do mesmo ano já havia se espalhado por mais de 190 países, tendo como foco primeiro os países da Europa e depois se espalhando por todo o



Ensaio sobre o Corpo Observado

planeta, obrigando muitos países a fecharem suas fronteiras, e instituírem o isolamento social como forma de conter o avanço do vírus.

Com a decretação de Emergência da Saúde Pública de importância internacional, decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 30 de janeiro de 2020, em razão da doença causada pelo vírus COVID-19 todas as atividades comerciais paralisaram, exceto farmácias, hospitais e supermercados, por serem considerados como serviços essenciais para humanidade. As escolas e universidades públicas e privadas também tiveram que paralisar suas atividades pelo grande risco de propagação do vírus mortal e que até então não havia controle/cura.

No decorrer de dois anos de pandemia muita coisa mudou e o mundo teve que passar por inúmeras adaptações para retornar suas atividades no cotidiano. Destacamos que no Brasil, as escolas e universidades foram se adaptando ao formato de ensino híbrido ou estudo remoto emergencial para melhor atender as exigências da OMS. Todavia, é imperativo afirmar que o desenvolvimento psicomotor advindo das atividades de educação física nas instituições escolares de educação básica apresentaram dificuldades de distintas ordens, pois as dificuldades e limitações das práticas de atividades físicas surgiram com características peculiares causadas, devido a não prática da motricidade fina e grossa.

Os impactos negativos da pandemia da COVID-19 se manifestam não apenas em um problema epidemiológico para 190 países atingidos, mas antes geram um efeito cascata em uma série de atividades humanas frente às respostas de isolamento social vertical e horizontal implementadas pelos diferentes países. (JHU, 2020 apud SENHORAS, 2020).

Muitos são os efeitos produzidos pela pandemia, o vírus SARS-CoV-2 ou Novo Coronavírus (COVID-19), afeta a população não só em aspectos de ordem biomédica e epidemiológica em escala global, como causa um enorme e histórico impacto econômico, político, social e cultural.

A exposição da população, o grande número de mortos e infectados causa um grande impacto sobre o sistema de saúde, atingindo diretamente o sistema financeiro do nosso país e do mundo, sem contar com os efeitos que o confinamento pode trazer a vida das pessoas, dentre eles a saúde mental, a falta de bens essenciais como medicamentos, alimentos, transporte dentre vários outros.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

A pandemia trouxe a urgente necessidade de adaptações de todos os setores da sociedade, as incertezas mudam os hábitos de vida, de consumo, mobilidades, de estudo, mudando a realidade de todos, por este motivo, todos tiveram que se adaptarem a essa nova realidade, encontrando alternativas de continuarem suas vidas.

As pessoas confinadas são impedidas de circular normalmente, sua rotina é interrompida, famílias se resguardam em suas casas, longe de tudo aquilo que fazem no seu dia-a-dia, o trabalho passa a ser realizado de casa, muitas vezes sem estrutura, em um espaço que passa a ser dividido com outras pessoas e outras atividades.

Assim, a pandemia trouxe reflexos negativos para a educação, o que causou uma grande preocupação tanto no aprendizado, nas vivências sociais e no desenvolvimento cognitivo e motor por falta de aulas presenciais nas escolas.

Apesar da educação ser direito constitucional, segundo o artigo 205 da Constituição Federal de 1988, “a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família, com a participação e colaboração da sociedade, visando o desenvolvimento pleno, o preparo do sujeito para exercer a cidadania e para o mercado de trabalho”, a situação de isolamento social imposta pelo vírus promove uma quebra concreta no desenvolvimento desses educandos (BRASIL, 1988).

As medidas restritivas impostas às escolas mexeu diretamente com a vida dos estudantes, que tiveram que se adaptarem em assistir aulas remotas emergenciais e realizar todas as atividades escolares e curriculares adaptadas a essa nova realidade, sendo que de alguma forma essas limitações trouxeram prejuízos ao aprendizado.

Segundo o estudo, realizado com apoio de UNICEF e Itaú Social, que ouviu 2 entre cada 3 redes municipais de educação do país. O documento detalha desafios de 2020 e como está o retorno às aulas em 2021. A pesquisa demonstra que redes municipais de educação apontam a internet e a falta de infraestrutura como maiores dificuldades enfrentadas em 2020. (UNDIME, 2020).

Para entender como foi o ano letivo de 2020 o estudo ouviu 3.672 municípios a fim de saber quais foram as estratégias de ensino não presenciais foram adotadas. Esses resultados servem de base para as estratégias a serem adotadas em 2021, bem como identificar as principais dificuldades enfrentadas pelas secretarias municipais de educação neste momento.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

A pesquisa mostra que quase 70% das redes declararam ter concluído o ano letivo de 2020 até dezembro, e muitas foram as dificuldades enfrentadas pelos estudantes, cerca de 78,6% das redes respondentes afirmam que o maior desafio foi com o acesso de estudantes à internet, identificaram um grau de dificuldade de médio a alto nesse quesito, o que levou a mais de 5,5 milhões de estudantes no Brasil não ter acesso as atividades escolares e muitos tiveram acesso limitado a elas. Outras dificuldades foram encontradas como a falta de estrutura das escolas, planejamento pedagógico, professores e trabalhadores sem internet e sem formação. Mesmo os brasileiros que têm algum acesso à internet enfrentam diversas outras dificuldades, o que muitas vezes torna as aulas digitais inviáveis (AGÊNCIA BRASIL, 2020b).

Nesse momento de isolamento a maioria das escolas estão fazendo uso do sistema online, as aulas acontecem de forma virtual o que por vários motivos não atende à todos os estudantes, seja pelo fato de que nem todos tem um sistema de internet eficiente, um computador ou aparelho de celular, o que faz com que muitos não assistam as aulas, outro fator de um possível desinteresse seria a falta de estímulo já que a falta do contato físico deixa a aula mais monótona.

Zajac (2020) afirma que a vertente de ensino remoto é uma alternativa para manter a concentração dos alunos para os estudos, manter o estímulo cognitivo ativado, promover debates e informações para além dos componentes curriculares, mas não para prosseguir com o ano letivo, como se estivéssemos em uma situação de normalidade.

Embora as tecnologias possam ser uma ferramenta explorada pelos professores, os desafios ainda são grandes para transformar, por exemplo, o celular em ferramenta para estudo. Além das dificuldades de acesso às plataformas de ensino e do grande número de brasileiros sem acesso à internet, acrescentam-se os brasileiros que têm acesso precário à internet, subindo para 70 milhões (SOPRANA, 2020).

A tecnologia é um importante aliado para a aprendizagem nesse momento, porém a presença ativa do professor de forma constante e competente é indispensável. Os professores e os alunos tem se desdobrado para se adequarem a esse novo formato de ensino, a aprendizagem é um processo coletivo, as vivências e interações faz parte do dia-a-dia das crianças e professores no momento de ensinar e aprender.



EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR NO PERÍODO PANDEMICO

O desenvolvimento psicomotor inicia-se a partir da sua relação maternal acontece inicialmente dentro do útero materno. Mesmo após o nascimento, a criança continuará explorando seu corpo com o mundo que a rodeia e, desta forma, tomando consciência de que possui um corpo e que poderá utilizá-lo ao longo desses processos psicomotores (MORA, 2007).

É imprescindível o reconhecimento na imagem do corpo num duplo aspecto e encará-lo como conteúdo e como estrutura. A formação estrutural da educação psicomotora é fundamental para o processo intelecto motor de aprendizagem, pois o desenvolvimento da mesma sempre evolui do geral para o específico e muitas crianças encontram dificuldades na vida escolar pelo simples fato de não ter desenvolvido suas habilidades em nível do desenvolvimento psicomotor (LE BOULCH, 1988).

A criança descobre o mundo e se auto descobre através da Psicomotricidade e dos órgãos dos sentidos. A educação psicomotora é considerada como uma educação de base nos anos iniciais, pois a mesma condiciona todos os aprendizados pré-escolares, levando a criança se conscientizar de seu corpo e como o mesmo situa-se no espaço, podendo dominar seu tempo, adquirir habilmente a coordenação de seus gestos e movimentos. Segundo Le Boulch (1984, p. 36), “a educação psicomotora deve ser praticada desde a mais tenra idade; conduzida com perseverança, permite prevenir inadequações difíceis de corrigir quando já estruturadas, ficando a escola o campo ideal para esse desenvolvimento psicomotor por meio das aulas/atividades realizadas na Educação Física.

Com a chegada da pandemia, as escolas tiveram que criar alternativas para continuar a ofertar o ensino, ficando o formato virtual a única alternativa, algumas disciplinas tem mais oportunidade nesse formato de ensino que outras. A Educação Física Escolar, por suas características também precisou se reinventar, buscando garantir o bem-estar físico e mental das crianças e adolescentes.

A Educação Física é reafirmada na BNCC como constituinte da Área das Linguagens, em articulação com Língua Portuguesa, Arte e Língua Inglesa. Nessa perspectiva, “tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história” (BRASIL, 2018, p. 213).



Ensaaios sobre o Corpo Observado

A disciplina Educação Física escolar é composta por aulas práticas e teóricas, nesse momento virtual as aulas teóricas foram a única opção em detrimento das aulas práticas, isso porque as aulas práticas de educação física são realizadas de forma dinâmica, expressivas e divertida, e em casa muitas vezes os alunos não tem espaço ou companhia para realizar as atividades o que acaba dificultando ou não sendo realizada.

Mesmo em casa é muito importante que os alunos participem das aulas de Educação Física, pois as mesmas promovem a sensação de bem-estar, nesse momento de pandemia e quarentena ajudam a deixar as crianças e adolescentes menos estressados e ansiosos apesar das dificuldades.

As aulas de Educação Física são importantes para os alunos em diferentes aspectos, pois os alunos podem conseguir um desenvolvimento integral, seja na vida saudável, na socialização, no desenvolvimento das qualidades físicas e motoras, na prática do esporte, no espírito de equipe, na relação positiva com o corpo assim, promovendo independência, liberdade cognitiva e emocional dos estudantes para a aprendizagem. Destacando que a BNCC propõe que a Educação Física trabalhe o desenvolvimento de práticas corporais que são compostas por três elementos: os movimentos corporais, a organização interna do indivíduo e o produto cultural.

A criança no seu “desenvolvimento deve ter o domínio das habilidades motoras fundamentais. As experiências motoras, em geral, fornecem múltiplas informações sobre a percepção que as crianças têm de si mesmas e do mundo que as cerca”. (GALLAHUE & OZMUN, 2001, p. 258). Essas habilidades e competências contribuem de maneira expressiva para a formação, estruturação e descoberta do esquema corporal da criança, podendo contribuir para uma interação positiva entre corpo e sociedade, de maneira que a criança passa a se perceber no ambiente em que vive de maneira mais integralizada.

Ao ingressar na escola, a criança que até então tem vivenciado suas experiências no mundo concreto, iniciará suas experiências cognitivas no mundo abstrato, simbólico. Segundo Le Boulch (2004, p. 58) “As experiências vivenciadas nas aulas de Educação Física possibilitam os ajustes psicomotores e tem como objetivo incentiva a prática do movimento em todas as etapas da vida”, deve-se levar em conta que cada criança tem seu ritmo, seu tempo, e sua cultura que devem ser respeitados.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

Compreende-se que é na escola que a criança aprende a ter domínio de suas funções motoras, suas interações sociais e construções psicossociais sobre sua corporeidade através das atividades lúdicas desenvolvidas nas aulas de educação física que auxiliam no desenvolvimento das mesmas. Na motricidade são explorados diferentes aspectos do corpo da criança, todos importantes para sua formação corporal futura e suas interações sociais, variando de complexidade de acordo com a idade e maturação biológica.

Nessa perspectiva temos o desenvolvimento da motricidade fina, que relaciona-se com os movimentos que exigem maior precisão. É a maneira como usamos os nossos braços, mãos e dedos de forma precisa, de acordo com a exigência da atividade, a função de escrever, desenhar, pintar, colar, recortar e fazer traçados em folhas são apenas algumas atividades que podem ser feitas graças à coordenação motora fina. Na continuidade a criança trabalha a motricidade grossa, que relaciona-se com o controlo corporal no seu todo (postura, equilíbrio estático e dinâmico, deslocamentos e balanços).

Aspecto do desenvolvimento motor de grande importância, pois diz respeito a geração da força para a criança brincar, pular, correr, dançar, caminhar ou quais quer outra atividade que seja responsável pelo impulsionamento físico. Existe também a coordenação motora ampla que corresponde ao trabalho que vai apurar os movimentos dos membros inferiores e superiores, a percepção musical que se relaciona ao desenvolvendo uma melhor apuração auditiva para o reconhecimento e a prática da fala.

Compreende-se que a música é mais um ponto de contribuição para o desenvolvimento da criança, trabalhando vários tipos de sons e músicas. O desenvolvimento da percepção corporal responsável pelo aprendizado das sensações como prazer, dor, alegria, tristeza, sempre irão acontecer com todos, entretanto, a intensidade de cada um destes aspectos dependerá de questões orgânicas, sociais e emocionais pelas quais todos nós constituímos.

É função principal do professor oferecer atividades para que a criança faça suas próprias descobertas e tome consciência de seu próprio corpo, levando em consideração que cada criança desenvolve num determinado tempo e de forma diferenciada. Todos esses aspectos do desenvolvimento infantil precisam ser trabalhados por meio de exercícios/atividades estimulantes exigindo uma aplicação progressiva, respeitando a idade da criança, obedecendo uma lógica do mais simples para o mais complexo.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos a Educação Infantil como a primeira etapa da educação básica, e também a mais importante, pois, marca o início de uma trajetória que perdura por toda a vida, a trajetória da busca do conhecimento.

Na educação infantil a criança é estimulada a desenvolver aspectos que são a base para as futuras aprendizagens, tudo aquilo que será expresso em uma folha de papel ou lido, é primeiro representado, vivenciado no corpo, nas emoções e interações.

A educação psicomotora torna-se essencial na prática da educação infantil, o conhecimento desta vertente da psicomotricidade, auxilia o docente a exercer uma prática mais consciente, sabendo que as atividades realizadas desenvolvem diversas habilidades nas crianças.

A brincadeira, para muitos é considerada perda de tempo, porém compreendemos que a mesma assume um papel primordial, uma vez que é brincando que a criança se desenvolve física, emocional, intelectual e socialmente.

Dessa forma, concluímos que a psicomotricidade quando envolvida com aprendizagem, traz resultados positivos, pois são através das atividades de movimentos que a criança terá a oportunidade de desenvolver cognitivamente. O corpo é o veículo para a ação, para o conhecimento e para socialização. As experiências corporais modificam o intelecto, a vida afetiva e as ações motoras dos indivíduos.

Toda a educação psicomotora deve ser realizada levando-se em conta as necessidades reais do indivíduo. Sem dúvida uma criança que não conhece a si mesmo e suas potencialidades não conseguirá também relacionar com si mesmo e com os outros, vivendo em mundo isolado e distante, assim cabe a escola e a família estimular o movimento através de brincadeiras e jogos, proporcionado uma vivencia corporal ampla capaz de desenvolver capacidades física, afetivas e motoras.

O trabalho da educação psicomotora com as crianças deve prever a formação de base indispensável em seu desenvolvimento motor, afetivo e psicológico, dando oportunidade para que por meio de jogos, de atividades lúdicas/recreativas, se conscientize sobre seu corpo. Para que a criança desenvolva o controle mental de sua expressão motora, a recreação deve realizar atividades considerando seus níveis de maturação biológica. A recreação dirigida proporciona



Ensaio sobre o Corpo Observado

*Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)*

a aprendizagem das crianças em várias atividades esportivas que ajudam na conservação da saúde física, mental e no equilíbrio sócio afetivo.

A partir dessa compreensão observou-se o modo como a Educação Física Escolar se adequou às aulas remotas em tempos de distanciamento social frente à pandemia de Covid-19 e que a Educação Física seguiu o formato das demais atividades das escolas. Muitas foram as dificuldades enfrentadas nessa relação educação física e aula remota, pois compreende-se que nas aulas virtuais valoriza os saberes conceituais, ficando em prejuízo os saberes atitudinais, em função da falta de interação entre professor aluno. Assim, o trabalho em grupo, com uma orientação de um profissional especializado faz toda a diferença, enfatizando a importância das trocas de experiências vivenciadas em sala de aula nesse momento de aprendizado e descoberta das crianças, através dos jogos e brincadeiras em coletividade, pois estes resultam maior desenvolvimento cognitivo e motor pela complexidade de se trabalhar em equipe em determinadas situações que abrangem a psicomotricidade.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASIL (BRASIL). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. 2020b. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/celular-e-o-principal-meio-de-acesso-internet-no-pais> Acesso em: 29 abr. 2020.
- ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Teoria e prática em psicomotricidade: jogos atividades lúdicas, expressão corporal e brincadeiras infantis**. Rio de Janeiro: Wak 2006.160p.
- ALVES, F. **Psicomotricidade: corpo, ação e emoção**. Rio de Janeiro: Walk, 2003.
- BARBIERI, Fernanda. **Psicomotricidade na educação infantil**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 03, Vol. 11, pp. 05-27. Março de 2019. ISSN: 2448-0959.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. 2018.
- BRASIL. Constituição Federal de 1988. Brasília, 1988.
- BRITO, Viviane Faria Alcântara. **Psicomotricidade**. Disponível em: <http://pessoal.educacional.com.br/up/4380001/1946284/t203.asp> Acesso em: 8 mar. 2022.
- CHAUZAUD, J. **Introdução à psicomotricidade**. São Paulo: Manole, 1987.
- FONSECA, V. da. **Manual de Observações Psicomotoras: Significação Psiconeurológica dos Fatores Psicomotores**. Porto Alegre: Artes médicas, 1988.
- FONSECA, Vitor. OLIVEIRA, Joana. **Aptidões psicomotoras de aprendizagem: estudo comparativo e correlativo com base na Escala de McCarthy**. Lisboa: Âncora, 2009.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

*Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)*

GALLAHUE, D. & OZMUN, John C. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor**: Bebês, Crianças, Adolescentes e Adultos. São Paulo: Phorte, 2001.

GORETTI, Amanda Cabral. **“A Psicomotricidade”**. Disponível em: http://www.cepagia.com.br/textos/a_psicomotricidade_amanda_cabral.doc, cessou em: 04 dez. 2009.

JOBIM, A. P.; ASSIS, A. E. S. **Psicomotricidade: Histórico e Conceitos**. Disponível em <<http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2008/artigos/edfis/358.pdf>> acesso em julho/2021.

JOHNS Hopkins University. Coronavirus COVID-19 Global Cases by Johns Hopkins CSSE [Internet]. Johns Hopkins University; 2020 [acessado em 6 mar. 2020]. Disponível em: Disponível em: <https://gisanddata.maps.arcgis.com/apps/opsdashboard/index.html#/bda7594740fd40299423467b48e9ecf6>

LE BOULCH, J. O Desenvolvimento Psicomotor: do Nascimento aos 6 anos. 2004. Porto Alegre: Artes Médicas.

LE BOULCH, J. **O desenvolvimento psicomotor**. Porto Alegre: Artmed, 1992.

LE BOULCH, Jean. A educação pelo movimento: a psicocinética na idade escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

LÊ BOULCH, Jean. O desenvolvimento psicomotor: do nascimento aos 6 anos. Tradução de A. G. Brizolara. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

MEUR, A.; STAES, L.; **Psicomotricidade Educação e Reeducação**. Editora Manole, 1984, São Paulo, 1984.

MORA, E. **Psicopedagogia infanto-adolescente**. São Paulo: Grupo Cultural, 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). Q&A on coronaviruses (COVID- 19).2020. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/question-and-answers-hub/q-a-detail/q-a-coronaviruses#:~:text=protect>. Acesso em: 25 maio 2020.

Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia / organizado por Gustavo Corrêa Matta, et al. – Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021.

REVISTA SAÚDE EM REDES (ISSN 2446-4813), v. 6, Supl. 2 (2020). O território CONVIDa a reexistir: ensaios e narrativas sobre respostas à pandemia nos pontos de atenção nos territórios onde a vida acontece DOI: 10.18310/2446-48132020v6n2Suplem.3298g565

ROCHAEL, L. A Importância da Psicomotricidade no Processo da Aprendizagem. Belo Horizonte (2009).

SENHORAS, Eloi Martins. Coronavírus e educação: análise dos impactos assimétricos. Boletim de conjuntura (BOCA), ano II, v. 2, n. 5, 2020.

SÍTIOS:

SOPRANA, Paula. Brasil tem cerca de 70 milhões de pessoas com acesso de internet precário ou inexistente. Folha de S. Paulo, São Paulo: FSP, 2020. Disponível em: Disponível em:



Ensaaios sobre o Corpo Observado

*Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)*

<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/05/cerca-de-70-milhoes-no-brasil-tem-acesso-precario-a-internet-na-pandemia.shtml>. Acesso em: 19 mai. 2020.

WALLON, H. A evolução psicológica da criança São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZAJAC, D. Ensino remoto na Educação Básica e COVID-19: um agravamento ao Direito à Educação e outros impasses. Escola Preparatória da Universidade Federal do ABC - EPUFABC. Disponível em: <http://proec.ufabc.edu.br/epufabc/ensino-remoto-naeducacao-basica/>. Acesso em: Set./2020.

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/guia_pratico_temas_contemporaneos.pdf

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/celular-e-o-principal-meio-de-acesso-internet-no-pais>.

<https://blog.institutoalicerceedu.org.br/universo-instituto-alicerce/cenario-educacional/as-principais-consequencias-da-pandemia-na-educacao>.

<https://undime.org.br/noticia/10-03-2021-13-17-redes-municipais-de-educacao-apontam-internet-e-infraestrutura-como-maiores-dificuldades-enfrentadas-em-2020-mostra-pesquisa-da-undime>

<https://www.futura.org.br/a-educacao-fisica-escolar-no-ensino-remoto/>

<https://www.migalhas.com.br/depeso/343771/a-criese-da-pandemia-como-fator-para-a-adaptacao-do-plano-diretor>

<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/05/cerca-de-70-milhoes-no-brasil-tem-acesso-precario-a-internet-na-pandemia.shtml>





Ensaio 9

A CONSTRUÇÃO DO CORPO INFANTIL

UM ENSAIO SOBRE SUAS CONCEPÇÕES HISTÓRICAS E ASPECTOS DO SEU DESENVOLVIMENTO HUMANO

Thanandra Priscila de Sousa Rocha Ferreira

Centro Universitário Maurício de Nassau

Fábio Soares da Costa

Universidade Federal do Piauí

Sempre fomos afeitos a tentar compreender e estabelecer conexões entre o corpo infantil e os discursos construídos sobre, a partir e para ele. Todavia, também entendemos que esse é um exercício complexo e que prescinde estar fundamentado em várias argumentações e possibilidades de compreender esse fenômeno. Por isso, esse ensaio foi materializado no sentido de oportunizar o leitor a explorar uma das tantas formas de pensar o corpo infantil para além dos discursos estabelecidos sobre ele.

Para a conexão discursiva sobre corpo e criança, é preciso traçar linhas de discussão. Inicialmente, trataremos o corpo da criança por um prisma que envolve o processo de Desenvolvimento Humano (DH). De acordo com Sousa (2014, p. 12) “[...] o desenvolvimento humano se caracteriza por estudar as dimensões físicas motoras, afetiva emocional, cognitiva e sócio moral, focando o ser humano de forma absoluta”. Posteriormente, iremos situar o contexto histórico e social que se estende à construção do corpo da criança no Instagram.

Alguns teóricos, especialmente nas áreas de Psicologia e Educação, contribuíram significativamente para modelos discursivos sobre o processo do DH, no qual a criança é inserida. Suas pesquisas possuíam focos e posicionamentos específicos, porém a compreensão delas nos dará um norte para entender a criança e suas características.

Iniciaremos por Sigmund Freud (1865 – 1939), psiquiatra austríaco (MOURA, 2008), que desenvolveu a teoria psicanalítica psicosssexual com base nos “impulsos da consciência” e foco na personalidade e o funcionamento anormal do ser humano. Sua teoria para o desenvolvimento humano se dá através da construção de fases na qual a criança teria seu desenvolvimento ligado ao prazer, com áreas específicas para cada período de idade.

A primeira fase corresponde ao prazer oral (0 a 12 meses), no qual o prazer está localizado na boca, dado pelo prazer em se alimentar; a segunda fase (12 meses a 3 anos)



Ensaaios sobre o Corpo Observado

relacionada ao prazer anal, na gratificação de controlar e expelir as fezes; seguida pela fase chamada fálica (3 a 6 anos) marcada pela relação com a descoberta da genitália; para na sequência entrar em uma fase de latência (6 anos a puberdade) com um adormecimento dos impulsos sexuais; para finalizar na fase de ressurgimento dos impulsos sexuais, denominado fase genital (puberdade a idade adulta). Esta teoria coloca a criança em um lugar de descobertas do corpo, onde o desenvolvimento é dado de forma individual, e impacta por remover a criança de um lugar assexuado (GALLAHUE *et al*, 2013; SOUSA, 2014).

Seguido por Erik Erikson (1902 – 1994), psicanalista alemão, naturalizado norte-americano (GIRÃO, 2009) e sua teoria psicanalítica psicossocial. Neste autor, o DH é discutido dando ênfase à formação do indivíduo através de suas experiências e influências sociais. Considerado o psicanalista da identidade, Erikson deu grande enfoque ao período da adolescência e seus 8 estágios possuem pontos positivos e negativos no DH, o que pode ser percebida por uma série de conflitos psicossociais, levando a formação da identidade aliando o ambiente e as experiências. Os estágios apresentam-se em faixas etárias e “crises” específicas.

O primeiro estágio é denominado confiança versus desconfiança (0 a 1 ano) em que a criança é dependente de cuidados de outros e para se desenvolver será necessário confiar nas pessoas e no mundo ao seu redor. O segundo estágio chama-se autonomia versus vergonha e dúvida (2 a 3 anos) onde a criança precisa lidar com as críticas já que começa a desenvolver o controle de algumas ações (GALLAHUE *et al*, 2013; SOUSA, 2014).

O terceiro estágio denominado iniciativa versus culpa (4 a 5 anos) coloca a criança a partir da percepção das diferenças sexuais e papéis sociais, e a forma como ela será repreendida ou incentivada a entender estes conceitos. Na sequência o quarto estágio, chamado de construtividade versus inferioridade (6 anos a puberdade), destaca o processo de alfabetização, coloca a criança em cheque quanto às suas habilidades e sentimentos de incompetência na execução de tarefas.

No quinto estágio, identidade versus confusão de identidade (puberdade ao jovem adulto) ocorre “[...] uma determinação do sentido pessoal de identidade (quem eu sou?) ou sentir confusão sobre os papéis” (SOUSA, 2014. p.15), especialmente nessa fase o impacto do ambiente e das experiências pessoais podem levar a grandes mudanças no comportamento deste adolescente que impactarão o sexto estágio, denominado intimidade versus isolamento



Ensaaios sobre o Corpo Observado

(idade adulta jovem), pois nesse momento acredita-se na construção de relações pessoais profundas ou decepções duradouras que promoverão um isolamento (GALLAHUE *et al*, 2013; SOUSA, 2014).

O sétimo estágio, que ocorre na idade adulta até a meia idade, é chamado geratividade versus estagnação, onde aqui o adulto precisa lidar suas decisões, pessoais, sociais e profissionais. É seguido pelo oitavo e último estágio, denominado integridade versus desespero (idade adulta tardia) que leva o idoso ou alcançar “a aceitação da própria vida” ou desesperar-se “pela incapacidade de reviver a vida”, fechando, assim, os ciclos do DH na perspectiva de Erikson.

É possível observar a relação dinâmica e tênue entre os polos positivos e negativos da vida, e como a criança em suas etapas carregam sempre esses polos (positivo/negativo) para as etapas seguintes tanto no aspecto motor quanto no aspecto cognitivo e principalmente no aspecto social (GALLAHUE *et al*, 2013; SOUSA, 2014). Colocar essa teoria na pauta de discussão sobre a infância nos faz refletir sobre a importância e o impacto dos pais e responsáveis no comportamento e nas “crises” do DH.

O próximo teórico em discussão é Jean Piaget (1896 – 1980), biólogo suíço (MENESES, 2012). Ele desenvolveu a teoria cognitiva para o DH com base no desenvolvimento físico e cognitivo, colocando o componente social em segundo plano. Seu objetivo era compreender a construção do conhecimento lógico-abstrato através da acomodação assimilação e de novas informações. Esta teoria é muito comum entre os educadores e há um destaque aqui para a execução de movimento e compreensão do meio especialmente na primeira infância e na educação infantil.

Sousa (2014, p. 14) assevera que “Piaget observou que as crianças que tinham a mesma idade, dividiam conceitos errôneos parecidos, fato que sugeriu uma sequência de crescimento intelectual”. Esta teoria possui quatro estágios: sensório-motor (0 a 2 anos), pré-operatório (2 a 7 anos, operações concretas (7 a 11 anos) operações formais (11 anos a toda a idade adulta).

O primeiro estágio é caracterizado pela capacidade gradual do bebê de “organizar atividades em relação ao ambiente” seguido pelo segundo estágio onde a criança “desenvolve um sistema representacional e utiliza símbolos para representar pessoas, lugares e eventos”, fase esta onde as atividades e brincadeiras imaginativas devem ser estimuladas. Acompanhado pelo terceiro estágio onde a criança “pode resolver problemas logicamente quando enfoca o



Ensaaios sobre o Corpo Observado

aqui e o agora”, neste momento diferente da fase anterior é possível que a criança possa pensar em termos abstratos (GALLAHUE *et al.*, 2013; SOUSA, 2014).

Por fim, o quarto teórico, Havingushrst (1900 – 1991), americano, físico, químico e educador (SOUSA, 2014), que criou a teoria desenvolvimentista. Seus postulados procuram guiar este processo de formação a partir da expressão, vivendo e aprendendo, sendo importante teórico para os educadores, pois descreve para o corpo e mente as tarefas que devem ser introduzidas em cada fase do ensino. Para este teórico esse processo se dava na execução de tarefas, quando bem executadas elas induzem “à felicidade e ao êxito em tarefas posteriores, enquanto o fracasso leva à infelicidade, à desaprovação social e à dificuldade em tarefas futuras” (GALLAHUE *et al.*, 2013; SOUSA, 2014, p. 15).

A partir deste contexto teórico, seus postulados tinham como alicerce exigências sociais em três níveis, a primeira com base na maturação e no movimento humano (falar, caminhar, interagir com crianças da mesma idade), seguida do segundo momento, com referência a pressões sociais em aprender a ler, escrever e ser um cidadão responsável. No terceiro momento, já adulto, deveria executar tarefas relacionadas aos valores individuais.

Essas três etapas estão divididas em períodos etários específicos, “período neonatal e primeira infância (0 os 5 anos); média infância (6 aos 12 anos); adolescência (13 aos 18 anos); início da idade adulta (19 a 29 anos); média idade adulta (de 30 a 60 anos); e maturidade posterior (mais de 60 anos)” (SOUSA, 2014, p. 16).

De todas as teorias apresentadas até aqui esta é a que utiliza os valores sociais e morais com maior ênfase e impacto no desenvolvimento da criança. Algumas dificuldades são localizadas nesta teoria, pois a cultura e os próprios valores sociais vão modificando conforme o tempo. Para além, essa generalização de valores morais e sociais a partir da origem da teoria não se aplica em sua totalidade ao século XXI. É como Sousa (2014, p. 15) acrescenta: o “[...] leitor necessita ser flexível na interpretação das mesmas em relação à idade, pois essas características apresentadas são aproximações e não devem ser consideradas de forma rígida”.

Embora haja mais teóricos do desenvolvimento humano, os que aqui foram apresentados representam uma visão geral de como diferentes tipos de percepções acerca da criança geram caminhos diversos na maturação e desenvolvimento da mesma. Entender estes processos, compreender como essas teorias se relacionam e se aplicam permite entender a dimensão e profundidade que o corpo da criança passa durante seu processo de formação



Ensaaios sobre o Corpo Observado

física, motora e social. É nesse prisma que o corpo das crianças se insere, em meio a diferentes realidades, pontos de vistas e abordagens científicas.

Arroyo e Da Silva (2012, p. 19) fazem um acréscimo importante sobre pesquisas envolvendo o corpo da criança, afirmando que:

[...] os corpos dos sujeitos investigados nos revelam que a história de sua emancipação não depende só das crianças por mais que se afirme em sujeitos ativos. Depende da relação dialética imbricada entre criança e família, criança e adulto, no que se refere às lutas e conquistas de seus direitos individuais e coletivos. Porque o próprio esforço por se afirmar sujeito de si mesmos e de sua história, de construir uma outra história, não é uma empreitada só deles. Enredam-se na trama de relações sociais, étnico-raciais, de gênero, em contextos econômicos, políticos, culturais e pedagógicos a partir de pares dialéticos contraditórios tais como: conformismo e resistência, consenso e conflito, em suma, pobreza e riqueza do cotidiano.

A partir desta reflexão, entendemos ser necessário construir um resumo sobre a construção do corpo ao longo do tempo. Geralmente, a literatura aborda o corpo adulto na construção histórica do corpo, mas, nesse emaranhado de informações, existe a tentativa de identificar vestígio do corpo infantil no decorrer dos tempos para que possamos identificar o corpo em sua atual estrutura e observarmos o corpo da criança em posterior análise.

A princípio, surge a dificuldade em conceituar o corpo através de uma única perspectiva, pois:

o uso do termo plenitude na referência de corpo se deve à necessidade de caracterizá-lo de forma a dar a ideia da completude percebida em suas várias dimensões: a física (materialidade do corpo em si e por si mesmo); a fisiológica (a inter-relação de sistemas e funcionamento); a social (lôcus das interações interpessoais); a histórica (a relação de espaço-tempo da existência do corpo); a energética (a sua força motriz) e a cultural (orientações quanto ao modo como o corpo vive, como atua e reage). Em outras palavras, seria buscar descobrir os atributos que libertam o corpo de sua reclusa condição material, para tanto, o desafio está em unificar tais conceitos em uma única concepção de corpo (COSTA, 2015. p. 247).

Portanto, estudar o corpo, suas dimensões e contextos, necessita perceber que ele é mutável e acompanha a história das sociedades, mesmo que Hall (2006) afirme que as sociedades modernas mudam constante, rápido e permanentemente, Silva e Pangiano (2013) acrescentam que os discursos sobre o corpo são comuns desde as civilizações antigas, onde o corpo é tomado como objeto moral, digno de atenção e zelo.

Se traçarmos uma discussão sobre o corpo através de uma evolução antropológica a partir do homem primitivo, encontraremos uma relação do corpo de maneira utilitarista, como mecanismo de sobrevivência, caçando, correndo e sobrevivendo. Ao que Costa (2015. p. 248)



Ensaaios sobre o Corpo Observado

afirma ser uma “[...] sintonia e intimidade com o ambiente, com a satisfação das necessidades e a solução dos problemas imediatos do cotidiano, o corpo, em si, era o instrumento de mediação do homem com o mundo”, sendo parte integrante de sociedades consideradas simples, ou para outros pesquisadores, primitivas, o corpo ancestral fica gravado para além do tempo em pedras, cavernas e artefatos seu corpo e sua história.

Nesse período não foi possível encontrar registros discursivos sobre o corpo da criança, não obstante, Costa (2015. p. 248) revela que “[...] da pré-história para a antiguidade, ocorre um enorme salto temporal para encontrar a cultura asiática, uma entre as mais antigas do mundo a conceber o corpo em duas dimensões que se fundem”. Aqui estamos nos referindo a uma relação do corpo com a espiritualidade e a política. Quando colocamos lado a lado o pensamento oriental e o pensamento ocidental mesmo atualmente é perceptível a forma como o corpo é abordado.

Na antiguidade o cuidado e o conhecimento com o corpo fazia parte de quase todos os rituais e cerimônias, em especial as de vida e morte, não somente a matéria (corpo), mas a percepção de que tudo estava conectado (corpo, alma, espírito, mente). Por exemplo, “Os egípcios mumificavam os corpos para que estes servissem de moradia da alma, na eternidade, enquanto os indianos cremam o corpo para liberar o espírito da matéria e alcançar a vida eterna, embalado pela fumaça que sobe aos céus” (COSTA, 2015. p. 249).

Seguindo para o Ocidente, na antiguidade clássica, exaltado por sua força e vigor físico, homens e mulheres nas diferentes culturas da antiguidade possuíam rituais de cuidado com o corpo, que conserva propósitos utilitaristas voltados para o campo, para a casa, para o papel social e político ou para as guerras (DE FILLIPIS; SILVA JÚNIOR, 2017).

Costa (2015. p. 251) destaca que:

A cultura grega, em geral, deixa pistas da concepção diferenciada de corpo. Em Esparta, o perfil de homem era o da virilidade, força e coragem, atributos essenciais para guerras. Em Atenas o perfil se definia pela formação do jovem, hábil nos jogos individuais e coletivos, versado nas artes na literatura, na oratória e na filosofia, atributos do homem culto.

Esta descrição que Costa (2015) faz, reforça os interesses sociais e culturais a partir molde corporal, seja ele masculino ou feminino, os comportamentos e os cuidados com corpo deste período tinham seus propósitos e interesses, havendo em especial a diferenciação entre gêneros, uma vez que o corpo masculino possuía maior interesse social, desde garotos



Ensaaios sobre o Corpo Observado

selecionados e recrutados para servirem a propósitos maiores, delegando às meninas o cuidado com o corpo para a procriação (DE FILLIPIS; SILVA JÚNIOR, 2017).

Através deste olhar o corpo está historicamente atrelado a sua função social, permanecendo ativo para as funções que lhe fossem designadas, de crianças a adultos, sob esta perspectiva Soares, (2011. p. 14) afirma que “Os corpos que se desviam dos padrões de uma normalidade utilitária não interessam. Desde a infância, ou melhor, sobretudo nela, deve incidir uma educação que privilegie a retidão corporal, que mantenha os corpos apurados, retos”.

A percepção que temos, até o momento, é de escassez de informações e descrições sobre o cuidado, a descrição ou a forma como o corpo da criança é abordado na história do corpo. Os dados sobre o corpo da criança têm se tornado uma sobra do corpo adulto ou, simplesmente, as discussões e registros sobre eles são negadas, pois o que percebemos é que quando o corpo da criança é mencionado, esse registro tem o sentido de mantê-las sob controle, disciplinando-as, limitando e controlando os movimentos para que sejam aprendidos e replicados quando forem socialmente ou culturalmente convenientes.

Com a chegada da Idade Média (século V ao século XV), especialmente no continente europeu o corpo sofreu influências religiosas com o predomínio da religião sobre a política, se anteriormente o corpo era exaltado, neste período o corpo passou a ser, punido, mutilado, ofensivo, considerado como uma abominável vestimenta da alma, como acrescenta De Fillipis e Silva Júnior (2017, p. 17): “A alma deveria governar e manter vigilância constante sobre o corpo e seus sentidos para que estes não impedissem que se conhecesse a verdade divina e somente a alma pudesse salvar o corpo, colocado no caminho da divindade”.

Com o estigma de Idade das Trevas a idade média passou por ciclos de repreensões e violências com o corpo, liderados pelos dogmas cristãos que utilizavam instrumentos para reforçar suas crenças como no caso das disciplinas (chicotes) e dos cilícios (cintos de arames). Entretanto, há autores que veem algum aspecto positivo no período medieval, como Costa (2015. p. 251) quando afirma que “[...] graças à coragem de muitos, o conhecimento foi produzido, mesmo que sob o obscurantismo da luz das velas, devido às ameaças da Santa da Inquisição europeia”.

A autora se refere ao uso do corpo como objeto de estudo, em especial para o estudo anatômico e biológico do corpo que foi realizado quase à exaustão, mesmo utilizando-se dos



Ensaaios sobre o Corpo Observado

*Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)*

mecanismos de torturas do período, submetendo os estudos em corpos mortos e vivos. Sobre estas práticas com fins científicos, Rodrigues (1999, p. 59) acrescenta.

Foi preciso o aparecimento do dualismo cartesiano, distinguindo o corpo e a alma, para que disseções e olhares objetificantes pudessem ser suportados. Para que o olhar do anatomista passasse a ser tolerado sem suspeitas e para que se superasse a dificuldade de encontrar cadáveres anatomizáveis, foi necessário desencantar o corpo, despojando-o de sua condição de microcosmos. Tais meios, para Descartes, eram suficientemente justificados pelo fim de melhor compreender a ‘máquina do corpo’.

Esta visão ocidental segmentada de corpo e mente estendeu-se para o período renascentista, liderados pelos pensamentos de René Descartes (1596 – 1650) filósofo francês, físico e matemático (DE FILLIPIS; SILVA JÚNIOR, 2017) no qual o método científico por ele elaborado e desenvolvido (paradigma cartesiano) seria a luz para a resolução dos conflitos corporais, uma vez que a mente, a razão, o pensamento e a ciência seriam os pilares para a sociedade e o corpo objeto–máquina.

De Fillipis e Silva Júnior (2017, p. 18) explicam que “Descartes estabelece a subjetividade entre o que ele chama de coisa/pensamento – o sujeito – em oposição radical ao corpo/objeto, separando assim o sujeito do objeto, o espírito da matéria, estabelecendo a oposição entre o homem e a natureza”, conferindo um posicionamento cartesiano onde a mente exerceria domínio sobre o corpo. Neste período, também, não há uma descrição do corpo da criança neste período, a não ser os já mencionados em momento anterior.

Outro filósofo que discutia sobre o corpo e possuía um pensamento contrário ao apresentado era Friedrich Nietzsche (1844-1900) filósofo alemão (DE FILLIPIS; SILVA JÚNIOR, 2017), que acreditava que o corpo seria uma extensão do meio social, encarava o corpo vivo, oposto de como o corpo era retratado na perspectiva cartesiana que vestia a razão para manipular, mutilar, experimentar, testar, dissecar o corpo com o viés científico objetificando o mesmo uma vez que sem a alma, o corpo seria por si, mero recipiente. A partir da discussão dada ao corpo como vivo e reagente ao meio Nietzsche “[...] reconhece que é necessário interpretar o que o corpo faz, decifrando a linguagem que ele transmite, pois é por meio do corpo que se conhece a alma, e não o inverso” (DE FILLIPIS; SILVA JÚNIOR, 2017, p. 21).

Somente a partir só final do século XXI o corpo teve seu olhar voltado para as discussões principais entre os teóricos da sociologia; foi com Karl Marx (1818-1883) filósofo, sociólogo, historiador alemão, junto com Friedrich Engels (1820 – 1895) empresário industrial alemão



Ensaaios sobre o Corpo Observado

produziu o Manifesto Comunista – 1998 (DE FILLIPIS; SILVA JÚNIOR, 2017) que o corpo começou a ser pensado através de sua relação com o trabalho. Corpo este, explorado pelo trabalho que necessitava manter o ritmo de esforço nas grandes indústrias. Discussões eram desenvolvidas com Engels, sobre o corpo maltratado e usado precocemente, colocando as mulheres e crianças nas discussões sociais onde “[...] as sociedades capitalistas dependem da reprodução contínua de corpos através dos tempos, sendo eles tanto meio como objeto de trabalho humano” (CUNHA, 2014. p. 21).

Assim, o trabalho explorado em condições precárias pelas indústrias muitas vezes deformava e mutilava os corpos no caso específico das crianças, eram usados precocemente manipulando objetos que se ajustavam a seus tamanhos e funções. Não existia o cuidado e a infantilização da criança e do seu corpo nas classes operárias, diferentemente das crianças burguesas, o trabalho infantil era massivamente utilizado como estratégia de utilizar o corpo da criança para funções que suas medidas e capacidades lhes permitiam para manterem as famílias sobrevivendo e as indústrias faturando.

O que pudemos identificar com nossos estudos foi o desenvolvimento histórico de uma criança como produto do meio, por muitas vezes, aquém de expor suas reais necessidades ou desejos. Desta forma “Não há imagem produzida sobre a criança e a infância, ou pela criança, que não seja, de algum modo, produto de um contexto sociocultural e histórico específico” (COHN, 2010, p. 29). Nestes casos, narradas através do olhar adulto.

Ainda, neste período, a ciência biológica conduzia de forma predominante o pensamento sobre o corpo, em uma tentativa de romper as barreiras desta sociologia corporal pautada nas ciências biológicas, David Èmile Durkheim (1858 – 1917) sociólogo, antropólogo, cientista político, psicólogo social e filósofo francês (DE FILLIPIS; SILVA JÚNIOR, 2017), busca explorar uma vertente baseada na moralidade, colocando o corpo como profano resgatando o pensamento cartesiano e acrescentando a relação entre moral e instintos, inserindo como elemento o conflito entre o certo e errado sobre o corpo para a sociedade.

Essa disputa, situada entre os saberes biológicos e sociais que seguiram até o início no século XX, quando o corpo passou a ser pensado através dos modos de vida das classes sociais, através de Maurice Halbwachs (1877 – 1945, aluno de Durkheim) sociólogo francês (CUNHA, 2014) sobre as técnicas de controle corporais, no qual o corpo é um instrumento natural do homem, que se utiliza do mesmo para funções como andar, nadar, correr, etc. E este corpo,



Ensaaios sobre o Corpo Observado

executando estas funções, podem ter seus conhecimentos (de controle do corpo) transmitido por gerações e aprimorados com treino. “Um conceito fundamental para Mauss era ainda o de *habitus* – ou seja, a existência de uma relação sociocultural entre o corpo e seus movimentos, que resulta no facto de que tudo o que se faz é aprendido” (CUNHA, 2014, p. 24).

O modo como Mauss descreve as práticas corporais assemelha-se ao formato de treinamento e condicionamento do corpo dado aos treinamentos chamados funcionais muito utilizados neste século, pois a base deste filósofo se dá a partir de três características, a primeira é “serem técnicas constituídas por uma série de movimentos”, a segunda é “serem tradicionais, na medida em que são aprendidas ou adquiridas pelo treino” e por fim “serem eficientes, uma vez que servem a um dado propósito, função ou objetivo”. Esta descrição é acentuada pela narrativa de Daolio, Rigoni e Roble (2012, p. 181) quando afirma que “Mauss tinha a intenção de demonstrar como nossas técnicas corporais são tradicionais e nossos gestos nada têm de naturais, mas são produzidos por ‘normas coletivas’”.

Daolio, Rigoni e Roble (2012, p. 186) acrescenta que Merleau-Ponty compreendendo que “O corpo é pleno de subjetividade, reconhece a intersubjetividade marcada numa ‘condição corpórea’ que se dá entre ações individuais e coletivas”, pois para o filósofo as relações sociais impactam significativamente as relações corpóreas, sejam elas íntimas e pessoais ou coletivas. O mesmo autor ainda relata que “[...] se, para Mauss, técnica e tradição são termos mais significativos, para Merleau-Ponty, a noção de carne se sobrepõe. Os sentidos localizados na carne apontam para o gesto” (DAOLIO; RIGONI; ROBLE, 2012, p. 186), representados aqui pelas interações do indivíduo com o meio, da qual a corporeidade é conceituada, pois “[...] para Merleau-Ponty o corpo é justamente o que encarna o sujeito no mundo, que mediatiza a relação do sujeito com ele” (DAOLIO; RIGONI; ROBLE, 2012, p. 188). Exemplificamos esta relação na forma como nos vestimos, como nos comportamos entre familiares e amigos, na forma como construímos os gestos do cotidiano que compõem nossa cartela de habilidades motoras pessoais e intransferíveis.

Quando avançamos nessa abordagem do corpo neste século, Costa (2015, p. 252) é pontual em dizer que “A contemporaneidade não seria a mesma sem Michel Foucault, tão pouco as concepções de corpo do passado, porque o seu pensamento as iluminou e, com propriedade, as sintetizou em uma intenção geral sobre a preocupação com o corpo”. O filósofo trouxe para nosso tempo a contribuição das relações entre o corpo e o poder que ele



Ensaaios sobre o Corpo Observado

representa em diferentes esferas, não excluindo o indivíduo do meio mas, ressignificando suas relações, pois “não é o consenso que faz surgir o corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos” (FOUCAULT, 1993, p. 82). O filósofo destaca que:

[...] nada é mais material, nada é mais físico, mais corporal que o exercício do poder. Qual é o tipo de investimento do corpo que é necessário e suficiente ao funcionamento de uma sociedade capitalista como a nossa? Eu penso que, do século XVII ao início do século XX, acreditou-se que o investimento do corpo pelo poder deveria ser denso, rígido, constante, metucioso. E depois, a partir dos anos sessenta, percebeu-se que este poder tão rígido não era assim tão indispensável quanto se acreditava, resta estudar de que corpo necessita a sociedade atual (FOUCAULT, 1993, p. 84).

Portanto cabe, a partir das provocações levantadas por Foucault buscar compreender as dimensões do poder exercidas pelos corpos nas relações construídas especialmente nestas reflexões, através das redes sociais e os sentimentos de boa forma produzidos, algo que “[...] na concepção de Foucault, o poder não só disciplina o corpo no sentido ‘negativo’ da repressão, mas, também, no sentido ‘positivo’ da manipulação/estimulação” (BRACHT, 2005. p. 47).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso teórico, sobre o desenvolvimento humano, e histórico sobre a construção do corpo, desenvolvido neste ensaio apresentou contextos que contribuiram para refletirmos sobre a forma com o corpo da criança esteve imbricado nesse processo. Não obstante, com as diversas possibilidades do corpo assumiu na atualidade, por meio dos diferentes modos de exibição e relação social no século XXI e, de forma mais pontual, a partir da sua segunda década, identificamos um crescimento nos modos de cuidados com o corpo (manipulação/estimulação) que na perspectiva de saúde e boa forma apresentam linguagens e comportamentos específicos.

Mesmo se tratando do universo infantil, percebemos que nas formas de lidar com o corpo, o condicionamento físico não deixou de ser enfatizado, porém, é trabalhado em perspectivas mais amplas visando à qualidade de vida e bem-estar (mental, social, emocional, espiritual e física). Diretamente relacionado ao bem-estar e qualidade de vida, o corpo contemporâneo, inclusive o infantil, vem sendo vinculado a comportamentos que visam os benefícios da prática de exercícios físicos de maneira mais assertiva e positiva, todavia, do outro lado da moeda, a hiperexposição infantil, a espetacularizando de seus corpos, sobretudo para



Ensaaios sobre o Corpo Observado

o atendimento a uma demanda comercial, trouxe uma visibilidade do corpo infantil que é disciplinadora e que está sempre transitando entre a construção histórica dos corpos e as exigências de visibilidades e produtividade da atualidade.

Pensar sobre essas questões é o que justificou essa escrita, pois a formas, o comportamento, a funcionalidade e a visibilidade do corpo infantil nesta contemporaneidade precisa ser compreendida a partir de aspectos relativos ao seu desenvolvimento humano e ao seu percurso histórico, com todas as nuances que envolvem o seu consumo, sua experiência, sua provisoriedade e sua condição de existência.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G.; DA SILVA, Maurício Roberto (Ed.). **Corpo-infância**: Exercícios tensos de ser criança-Por outras pedagogias dos corpos. Editora Vozes Limitada, 2012.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. (Coleção educação física) 3ª ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. 2ª Edição, Zahar, 2010.

COSTA, Vani Maria Melo. Corpo e história. **Revista Ecos**, v. 10, n. 1, 2015.

CUNHA, Maria João. **Corpo e imagem na sociedade de consumo**. Lisboa: Editora Clássica, 2014.

DAOLIO, Jocimar; RIGONI, Ana Carolina Capellini; ROBLE, Odilon José. Corporeidade: o legado de Marcel Mauss e Maurice Merleau-Ponty. **Pro-Posições**, v. 23, n. 3 (69), p. 179-193, set./dez. 2012.

DE FILLIPIS, André; SILVA JUNIOR, Gil Oliveira da.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder** (trad. Roberto machado). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1993.

GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C.; GOODWAY, Jackie D. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. AMGH Editora, 2013.

GIRÃO, Maria Aparecida Melo. Teoria Psicossocial do Desenvolvimento em Erik Erikson. **Psicologado**, [S.l.]. 2009. Disponível em <https://psicologado.com.br/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/teoria-psicossocial-do-desenvolvimento-em-erik-erikson>. Acesso em 22 dez 2019.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. São Paulo: DP&A, 2006.



*Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)*

Ensaaios sobre o Corpo Observado

MOURA, Joviane Aparecida de. Sigmund Freud: Biografia. **Psicologado**, [S.l.]. 2008. Disponível em <https://psicologado.com.br/abordagens/psicanalise/sigmund-freud-biografia>. Acesso em 22 dez 2019.

RODRIGUES, José Carlos. **O corpo na história**. Editora Fiocruz, 1999.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da educação no corpo**. Campinas: Editores Associados, 2011.

SILVA, C. S.; PANIAGO, M. de L. F. dos S. **O corpo disciplinado pela mídia**: o corpo que malha. Anais do Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão – CONPEEX, 2013.

SOUSA. Berenilde Valéria de Oliveira. **Crescimento e Desenvolvimento Humano**. Montes Claros, MG: Editora UNIMONTES, 2014.

SOUZA, Gabriella Maria de; NOVAIS, Maria Eduarda Souza Valois de. **O poder do Instagram**. 2019.





Ensaio 10

AUTOIMAGEM, AUTOESTIMA E SUAS RELAÇÕES COM O CORPO HIPEREXPOSTO NO INSTAGRAM

UM ESTUDO DE CASO DO PERFIL “@eu.carolineac”

João Pedro Abreu Damasceno

Universidade Federal do Piauí

Fábio Soares da Costa

Universidade Federal do Piauí

Historicamente, o corpo tem passado por grandes transformações. Ele próprio, tem se transformado de forma acelerada nesta contemporaneidade. Na Grécia antiga, com o estudo das obras de Homero, percebemos que o corpo era visto como objeto de admiração. A partir dele, a saúde estava associada e era expressada da mesma forma, entretanto, não somente por meio do aspecto físico, como também, pelas características intelectuais do homem (CASTRO; FERNANDES, 2011).

Na Idade Média, a intervenção religiosa forjou a criação e disseminação de muitos tabus em torno desse corpo, fazendo da relação corpo – alma, já fragmentada, também, desarmônica e oposicional (ROIZ; 2010). Do Renascimento até esta contemporaneidade o corpo passa a ser observado, estudado e compreendido pelo método científico, sobremaneira pelos discursos e práticas desenvolvidas no período iluminista e durante a revolução industrial. Assim, percebemos que o corpo passou por períodos de metamorfose, ora oprimido e sujeitada a uma mente e um espírito superiores, ora liberto, insurgente, belo por natureza (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011).

Do século XX aos dias atuais houve um significativo desenvolvimento na área científica, principalmente nas tecnologias, que permitiram a melhoria da qualidade de vida do ser humano. Neste mesmo itinerário temporal, se teve também um sensível desenvolvimento dos estudos antropológicos, assim abrindo novos caminhos para o estudo da sociedade, do corpo e das relações entre eles. Essas mudanças tecnológicas não são isoladas e sua multifatorialidade se apresenta, também, no comportamento humano. Ademais, percebemos que muitas emoções positivas têm sido veiculadas nos meios de comunicação de sociabilidades, como a felicidade e a alegria, contudo, muitas delas sendo negativas, como a raiva, o medo e a ansiedade, também tem se aflorado, trazendo consigo comportamentos como o preconceito e a discriminação (LOPES; WENDLAND; JORGE, 2021).

Estas mudanças históricas que envolveram a ciência e o estudo da sociedade também podem ser observadas quanto à comunicação. Conforme isso, o desenvolvimento da comunicação e das tecnologias de informação permitiu a criação de inúmeras formas de se manifestar/informar/comunicar, seja por meio de plataformas diversas, transmissão e tratamento de dados, como também



Ensaio sobre o Corpo Observado

Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)

pelas mídias digitais, muitas agora, mídias sociais. Esse crescimento comunicacional facilitou o acesso às informações e o compartilhamento de ideias, modificando nossas relações sociais e a nossa relação com os dispositivos de comunicação.

Um exemplo claro dessas mudanças foi a utilização do computador para fins laborais, para o lazer e o entretenimento, e para conectar as pessoas, sociabilizar-se virtualmente. Entretanto, isso também já se modificou. O que já havia se tornado ágil, fácil de compartilhar e de se armazenar pelo computador, agora ficou mais acessível com a possibilidade de fazê-lo usando dispositivos móveis. Essas transições produziram um aumento exponencial de usuários desses dispositivos, das mídias e funcionalidades ligadas a eles, gerando um empoderamento das mídias digitais sobre nossas vidas, nossos comportamentos e padrões sociais.

Na esteira dessas transformações, o corpo humano também tem se transformado, sobretudo pela necessidade de adaptação a este novo contexto. Compreendemos que o corpo humano é um abstrato que decodifica a sociedade, sendo que cada cultura imposta atua diretamente sobre o corpo e assim cria-se padrões sociais, como exemplo, os padrões de beleza, de saúde, de comportamento, de sexualidade, entre outros. Seguindo essa linha de pensamento, Oliveira *et al* (2020) entende que as emoções e os comportamentos são componentes do processo educativo de nossas vidas, fundamentando atitudes e a construção de representações simbólicas sobre si e o outro, como também atuando sobre os nossos corpos. Essas representações são construídas em diversos espaços, todavia, o que nos interessa é o espaço virtual.

Este estudo foi motivado por nossa percepção sobre as mudanças geradas pelas redes sociais. A partir do novo contexto em que o corpo e as tecnologias interagem, na qual os aspectos comunicacionais precisam ser visualizados e repensados para uma abordagem mais crítica dos educadores em geral. Seguindo a visão de empoderamento e potência midiática, passamos a identificar a força e a influência da rede social Instagram no cotidiano do ser humano: em casa, no trabalho, na escola e nas aulas de educação física, sendo possível observar que a população está cada vez mais consumindo e adquirindo valores transmitidos e impostos pelos meios de comunicação de massa, principalmente nas redes sociais.

O Instagram é uma das plataformas com o maior número de usuários no mundo, tornando-se de grande influência ao manifestar de forma impactante a cultura exposta por essa mídia, assim, refletindo na sociedade mundial a idealização de um padrão de imagem corporal. Trata-se de uma rede social acessível para as pessoas de todas as faixas etárias, sendo necessário apenas possuir acesso à internet, todavia, é possível notá-la como uma grande potência midiática e influenciadora.

No Instagram, cada usuário possui um perfil pessoal em que administra e é responsável pelos conteúdos ali compartilhados com o público ou com um grupo de amigos/seguidores. Muitos conteúdos



Ensaio sobre o Corpo Observado

produzidos e compartilhados nessa plataforma geram entretenimento, são socializados detalhes da vida das pessoas, do seu cotidiano e do seu trabalho, momentos de lazer ou algo que lhes interesse ou que perceba interessante aos seus interlocutores/ seguidores.

Constantemente, o Instagram passa por diversas atualizações para manter-se no topo entre as plataformas mais utilizadas no mundo. Quanto às suas funcionalidades, seus usuários navegam em um leque de ferramentas que facilita a produção de conteúdo para atrair o público-alvo e construir o que chamamos de engajamento, ou seja, a relação entre um perfil e seus seguidores ou uma empresa e seus colaboradores.

A rede social tem apresentado muitos perfis que objetivam a construção discursiva de imagens corporais modalizadas, padronizadas e ideais. Pensamos que por se tratar de um assunto que está em expansão por conta da insatisfação corporal de milhões de pessoas, e também pelo desejo de mudança e atingimento desses padrões por vários usuários, esta rede social tem sido uma das maiores plataformas mercadológicas para o desenvolvimento propagandas, publicidade de famosos e influenciadores digitais, e divulgação de bens e serviços que operam a conquista de padrões de saúde e beleza corporal, constituindo-se como *locus* do compartilhamento das estéticas da perfeição.

Dessa forma, como estudante da Licenciatura em Educação Física da UFPI, percebemos que as discussões, construções e representações simbólicas sobre o corpo humano não estão sujeitos apenas ao ambiente acadêmico que constitui o campo científico da Educação Física. A atuação pedagógica sobre a educação corporal ultrapassa os muros da universidade e encontram nas redes sociais um local frutífero e de fácil acesso para uma pretensão (des)educação corporal, seja com foco nos ideais de saúde, seja nos ideais estéticos.

Há consenso que nesse contexto contemporâneo de transformações tecnológicas, sociais e culturais, sobre o corpo muitas expectativas são depositadas. O corpo passou a ser o oráculo em imagem. Por isso, nestes tempos são observados novos padrões sociais, forjados em discursos de alcance, a qualquer sacrifício, da “beleza”, da “saúde” e da “estética” do corpo belo. E é na velocidade a acesso fácil das informações, que muitos (profissionais e leigos) tem encontrado terreno fértil para “ensinar” como se constrói um corpo ideal, ou seja, beleza e saúde passam a ser um produto mercantilizado pela mídia, pois a ideia de corpo ideal vista por essa referência tem uma maior demanda social (RIBEIRO; MEZARROBA, 2019).

Com a percepção de que a mídia atua de forma educativa, surgiu nosso interesse em correlacionar as observações de um perfil do Instagram, especificamente de uma estudante do curso de Educação Física da UFPI, com o que ela pensa sobre sua hiperexposição nesta rede social, assim como seus níveis de autoimagem e de autoestima mensurados por um protocolo de validade, confiabilidade e fidedignidade já estabelecido em coletivo de pensamento científico.



Ensaio sobre o Corpo Observado

Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)

A justificativa do presente estudo se estabelece na necessidade de compreender as repercussões pessoais, sociais e psicológicas da hiperexposição corporal nas redes sociais virtuais vigentes em nossa sociedade. Como benefícios, a pesquisa produziu resultados que relacionaram a autoimagem e autoestima de uma universitária que transita, em tempos de formação ainda, profissionalmente nas redes sociais, já influenciando outros usuários, já construindo ideários e formas de ser, fazer e estar socialmente.

É por meio dessa perspectiva de compreensão dessas relações que precisamos estudar e pensar sobre o corpo atualmente. Percebemos que o corpo tem sido considerado, cada vez mais, um “objeto” de mercado, a serviço da produção de bens e serviços que o tem como fundamento de mercado. Não obstante, como o corpo e a sociedade estão constantemente se modificando e se adaptando às relações que o tem como fundamento. Por isso este ensaio apresenta a análise da autoimagem e a autoestima da estudante do curso de Licenciatura em Educação Física da UFPI, Caroline Araújo Carvalho, hiperexposta na rede social Instagram, assim como os conteúdos discursivos imagéticos e textuais de seu perfil nessa rede social.

Este estudo, quanti-qualitativo, descritivo e analítico, utilizou o questionário de autoimagem e autoestima (STOBÄUS, 1983) para análise das características necessárias a essa compreensão. O *locus* de realização deste estudo foi a rede social Instagram e a amostra de sujeitos foi composta pelo perfil da aluna do curso de Licenciatura em Educação Física da UFPI, Caroline Araújo Carvalho, devidamente matriculada e com perfil ativo e aberto no Instagram.

A análise foi fundamentada pela observação sistemática da produção de conteúdo enunciativo do perfil “@eu.carolineac” por um período de 90 dias, entre os meses de janeiro e março de 2022, considerando o título das postagens, a quantificação de seguidores, visualizações, curtidas e comentários, a descrição da imagem e cena desses conteúdos e a descrição da apresentação corporal, sendo o alicerce para a compreensão da construção do corpo e de si.

Ao analisar o questionário de autoimagem e autoestima, identificamos que Caroline Araújo somou um *score* geral de 177 pontos. Se considerarmos que a pontuação desse protocolo pode variar entre 50 e 250 pontos e que sua média é de 150 pontos, podemos inferir que a estudante investigada apresentou uma pontuação acima da média, indicando uma percepção positiva do conjunto de sua autoimagem e autoestima.

Quanto a autoestima, a estudante obteve os mesmos 69 pontos que marcam a média para a avaliação estratificada deste aspecto. Assim, sua autoestima apresenta pontos positivos e negativos que compuseram esse *score* mediano. Nestes termos, o exercício que faremos a seguir é o de apresentar nossa compreensão sobre os resultados alcançados pela estudante na sua relação com os quatro



Ensaaios sobre o Corpo Observado

Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)

aspectos que compõem a avaliação de autoimagem e autoestima de Stobäus (1983), que são os aspectos sociais, intelectuais, emocionais e orgânicos.

Os resultados de positividade da autoimagem da estudante investigada, assim como da percepção mediana sobre sua autoestima podem ser melhor compreendidos por meio da análise dos aspectos que construíram esses resultados. Observamos que os aspectos intelectuais, emocionais e sociais se apresentam com positividade (3,80, 3,54 e 3,33, respectivamente, no intervalo de 1 a 5 pontos). Já os aspectos orgânicos (3,0) apresentaram-se na média possível.

Todavia, compreendemos que a positividade inequívoca na percepção da autoimagem da estudante é resultado da forma como ela percebe suas condições de família (5,0). Quanto a isso, na entrevista, Caroline Araújo revela que se sente bem com seus familiares e que os mesmos transmitem harmonia entre si. Também, o que ela pensa sobre sua escolaridade (4,0), seu bem-estar pessoal (3,86) e sua realização estudantil e profissional (3,75) contribuíram significativamente para esses resultados positivos.

Ao relacionar os resultados do protocolo com narrativas desenvolvidas pela estudante identificamos falas que reforçam esses resultados, a exemplo de que entende que possui embasamento intelectual que, alicerçado por sua *práxis*, torna possível a realização de suas atividades cotidianas. Ela se diz feliz e satisfeita com a vida que tem e mostra que suas vivências permitem atuar com segurança no seu estudo e trabalho.

De forma análoga aos aspectos que possibilitaram inferir uma positividade na autoimagem de Caroline Araújo, também identificamos os aspectos que justificam os *scores* medianos percebidos quanto a sua autoestima. A pontuação média dos aspectos de status socioeconômico (1,67), sucesso profissional (3,0) e dos aspectos orgânicos (3,0) nos levam a compreender que sua atual condição financeira não é a desejável pela estudante e esse aspecto é o mais interferiu em seu nível de autoestima. Como Caroline Araújo ainda é estudante e alterna momentos de estudo com o de estágios obrigatórios do curso e os não obrigatórios (remunerados), sua percepção sucesso profissional ainda é muito incipiente, pois ainda pensa de maneira projetada, de como seria seu futuro profissional, pois na entrevista ela revela preza pela busca da perfeição em sua atuação profissional.

Por último, quanto aos aspectos orgânicos (3,0), Caroline Araújo, durante a pesquisa, se mostrou insatisfeita com sua compleição corporal. Apesar de entendermos que ao levar em consideração os indicadores de níveis de saúde, qualidade de vida e adesão estética corporal circulante em nossa sociedade, e assim, caracteriza-la como pessoa saudável e com uma estética corporal valorizada em seu meio profissional, acadêmico e social, notadamente, há uma distorção de autoimagem da estudante investigada. Por isso, esse aspecto também contribuiu para que o nível de autoestima dela fosse classificado como mediano.



A midiaticização do corpo no Instagram e suas relações com o cotidiano

O presente estudo realizou-se objetivando compreender como a hiperexposição em redes sociais podem influenciar, positiva e/ou negativamente a percepção de autoimagem e autoestima de universitários do curso de Educação Física da UFPI. Neste contexto, além do procedimento de verificação dos níveis de autoimagem e autoestima da estudante investigada, também realizamos uma análise do perfil no Instagram de Caroline Araújo Carvalho (@eu.carolineac) procurando entender como a hiperexposição, a interatividade, o *feedback* ofertado com o número de seguidores, os comentários e as curtidas se relacionam com a autopercepção de autoimagem e autoestima da estudante.

Neste contexto analítico, as reflexões desenvolvidas a partir de agora também se fundamentam em narrativas da estudante durante entrevista realizada em 31 de março de 2022, na busca por relações entre sua hiperexposição na rede social e sua influência na construção dos seus níveis de autoimagem e autoestima.

Para Bourdieu (1987), um corpo “natural” que se contradiz ao mesmo tempo se constrói para adentrar-se em uma cultura, também, em construção. Seguindo esse pressuposto, o filósofo acredita que o corpo, através da ciência, tem o conhecimento e as condições para manter-se longo. Não obstante, também enfrenta uma longa estrada em que pontos de parada são impostos, os padrões modulares sociais. Para ele, estes padrões podem enaltecer o corpo, trazendo pontos positivos, mas, ao mesmo tempo, ludibriar, criando uma falsa necessidade e fazendo esse corpo se contradizer.

Os padrões de estética, beleza e saúde interferem na autoimagem pessoal. Quando ela é positiva, o indivíduo tem uma boa percepção de si e sabe distinguir o ilusório do real. Todavia, esta autoimagem também pode ser negativa e, assim, cria disparidades na sua autopercepção em relação a submissão a esses padrões, favorecendo a manifestação de distúrbios emocionais ou a construção de um ego narcisista que estimula uma elevada autoestima e ocasiona a entrada em um mercado modelador que adiciona ao corpo diversas extensões. O corpo torna-se publicitário e aos corpos são adicionados objetos e ações que prometem melhorar sua autoimagem e aumentar sua autoestima.

A rede social Instagram é uma plataforma digital que permite interação por meio da publicação de fotos e vídeos. Nele, o usuário constrói um perfil, sendo possível “curtir” e comentar imagens e vídeos dos demais usuários. Ao explorar o perfil “@eu.carolineac” pudemos observar a publicação de mais de 300 *posts* e que o perfil tem mais de 16 mil seguidores. Em sua biografia (Figura 1), a estudante se auto intitula como criadora de conteúdo digital e as palavras chaves: *fitness, healthy e empower* indicam o núcleo discursivo dos conteúdos que foram o seu perfil nesta rede. A estudante possui um canal na plataforma Youtube e anuncia sua formação acadêmica em Educação Física, a adoção da forma *on line* para o compartilhamento de treinos (práticas corporais).



Ensaaios sobre o Corpo Observado

Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)

Caroline Araújo apresentou um resultado positivo no questionário de Stobäus (1983) em relação à sua autoimagem. Ao realizarmos o cotejamento desse resultado às suas respostas enunciadas na entrevista, percebemos que a estudante tem uma percepção positiva de si, baseia-se na ciência para sua auto definição e incorpora que as mídias sociais podem oferecer melhor qualidade de vida para si.

Em sua biografia encontramos a palavra-chave *empower* que, traduzida para o português brasileiro, significa empoderamento, ou seja, ela utiliza as redes sociais para transmitir que sua autoimagem é positiva e, através de suas publicações, expõe seu preceito de que a mídia oferece melhor qualidade de vida motivando seu público-alvo ao desenvolvimento de suas mesmas práticas sociais e pessoais, influenciando-os em seus processos de construção e reconstrução de autoimagem corporal.

No perfil estudado observamos que a estudante publica um conjunto enunciativo que contém a seguinte frase: “NÃO É AJUSTAR PRA CABER, É NÃO TER MEDO DO QUE LHE CABE SER” e, de forma complementar à discursividade da imagem, insere a seguinte legenda: “Sempre em frente, no progresso, enfrente.. ninguém melhor do que você mesm@ pra saber do que és capaz. Use todas suas habilidades, não tenha medo de arriscar, uma hora pode ser sim que sua mira acerte o alvo certo.”

Diante dessas enunciações, percebemos uma expressão textual de motivação direcionada aos seguidores. É uma estratégia de comunicar sua positividade pessoal com a expectativa de que isso influencie na tomada de decisão daqueles que interagem com ela a construir essa forma de pensar para si, contribuindo para a melhoria da autoimagem dos seus seguidores.

Inicialmente, é possível notar que a estudante se hiperexpõe corporalmente. Aspectos físicos são valorizados (anatomia desnuda, alto nível de flexibilidade e equilíbrio) e inferências discursivas podem ser acionadas. Em tese, há a projeção de uma pessoa saudável, com um nível de consciência corporal elevado e que valoriza a relação com a natureza (o ambiente natural da cena é sugestivo a essa aproximação). Todavia, toda essa construção é justificado com a legenda do seu *post*: "Meu bem se tem uma coisa que a gente tem que aprender é não se perder tão facilmente no universo alheio não se encantar por uma mera estrela que brilhe mais forte no céu do outro quando se tem galáxias inteiras dentro do próprio peito."

A análise de possibilidades que a textualidade apresentada traz, nos remete ao amor próprio necessário a todos nós. É uma inciativa de indução de seus seguidores a se amar mais, valorizando o empoderamento de si. A autoestima é uma qualidade humana constituída no indivíduo no decorrer da vida e a partir do olhar que esse indivíduo emite e recebe dos espelhos, assim estimulando a capacidade de refletir sobre si próprio, descrevendo, julgando e medindo a pessoa que é (ASSIS; AVANCI, 2004). Consequentemente, em analogia, é como em um julgamento que a autoestima se institui. Já a autoimagem – é a vítima – e o indivíduo é o juiz, que junto da sua reflexão tende a penalizar ou não a autoimagem de acordo com cada situação vivida.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

*Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)*

No exercício de cotejar a pontuação de autoimagem obtida por Caroline Araújo no questionário de Stobäus (1983) com as suas narrativas durante a entrevista, observamos que a estudante obteve uma classificação positiva sobre este aspecto e que, na entrevista, encontramos pistas para a compreensão desse resultado. Ao ser inquirida sobre se ao postar a própria imagem e depois se ver, ela ficaria satisfeita, Caroline Araújo respondeu:

Nem sempre, mas a maioria das vezes sim.

Logo após esta resposta perguntamos: Você usa aplicativos de manipulação de imagens? Para quê? Por que?

As vezes uso, gosto de exaltar a extra realidade, gosta de transformar a fotografia em uma obra de arte para impactar, mas não é sempre que uso, também gosto de mostrar o natural.

Tendo em vista os resultados positivos obtidos no questionário quanto a sua autoimagem, compreendemos que sua resposta na entrevista indica satisfação com sua própria imagem. Essa condição fortalece a ação de publicar suas fotos nessa rede social e que possíveis dúvidas sobre o declínio desta ação são suplantadas pela segurança que possui consigo mesmo.

O fato de utilizar aplicativos para manipular suas imagens é um ponto importante para entendermos a positividade sobre sua autoimagem, mas, também, o resultado médio sobre sua autoestima, pois a modificação da imagem para “impactar”, pode trazer consigo uma insatisfação qualquer, seja com sua imagem, seja com seu corpo, o ambiente, o ângulo de onde foi registrada a imagem, a iluminação, etc...

Na entrevista, perguntamos à Caroline Araújo sobre seus planos para o futuro. Sua resposta foi no sentido de continuar incentivando várias pessoas a ter uma vida com melhor qualidade, a se sentirem bem consigo mesmo. O conteúdo produzido e publicado por ela é caracterizado pela motivação das pessoas a ter uma vida melhor.

Desse modo, através dos seus conceitos e publicações, busca através do seu corpo e do seu estilo de vida saudável a visibilidade para alcançar seus objetivos. Assim, ela utiliza essas ferramentas para impactar, mantendo seu perfil interessante e construindo mais possibilidades para o sucesso profissional.

Quanto a esta questão – o sucesso profissional, percebemos ser um ponto negativo do aspecto intelectual avaliado pelo protocolo de Stobäus (1983) de Caroline, todavia, os aspectos sociais se sobressaíram positivamente em sua avaliação, ou seja, podemos inferir que ela atua de forma profissional quando atua pedagogicamente na exposição do seu corpo, das suas ações e suas ideias para a sociedade, mas a cobrança que faz sobre si desencadeia uma obsessão pelo aperfeiçoamento



Ensaaios sobre o Corpo Observado

profissional em sua área de atuação. Em momentos da entrevista ela se diz incapaz de diversas coisas, contudo busca sempre melhorar profissionalmente.

Publicações do perfil “@eu.carolineac” apontam para uma condição de valorização do *self* corporal com intenções motivacionais, contudo podem oferecer um efeito contrário a este. Vejamos parte da legenda desta figura que diz: “Então não se trata de mera vaidade ou egoísmo, é justo estar em equilíbrio entre ambas qualidades, o Eu deve sim ser contemplado”. Essa afirmação traz consigo um problema que pode afetar seu sucesso profissional, a valoração da vaidade e do egoísmo como qualidades.

Também, observamos que a estudante publica registro que induzem o leitor/seguidor compreender que seu estilo de vida deve ser seguido. Contudo, as atividades propostas não podem ser realizadas pelo cidadão comum, pois exigem prévia aptidão física para o seu desenvolvimento. Assim, muitos seguidores não conseguem se enquadrar nesse padrão de exercícios e podem se sentir frustrados, o que pode, também, afetar sua autoestima, negativamente.

O perfil “@eu.carolineac” é aberto, mas nem todos podem se enquadrar no estilo de vida e perfil performático que a palavra-chave “*healthy*” (saudável) induz. Assim, apenas parte do seu público (aqueles que já circulam nesse meio *fitness* ou quem tem competência para realizar seus exercícios), é contemplado com o ideário de conjunto de práticas corporais orientadas pela estudante.

Compreendemos que a autoimagem de Caroline Araújo, junto com o padrão de estética e beleza incorporam os principais conceitos enunciativos do seu perfil. Sendo assim, seu posicionamento quanto ao equilíbrio é transmitido junto com a frustração de um corpo inalcançável por seu público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestes tempos, as apresentações do cotidiano e do trabalho são influenciadas por inúmeros fatores, contudo, as redes sociais têm ocupado um espaço da cada vez maior na construção da realidade das pessoas. Considerando a influência midiática no desenvolvimento de uma sociedade que tem se rendido a padrões de beleza e uma estética das performances, criando, assim, cenários de aparência é que esta pesquisa foi desenvolvida, sobretudo para que pudéssemos refletir sobre essas questões quando relacionadas com o corpo – o corpo discursivo.

Com base nos estudos do perfil do Instagram “@eu.carolineac” em que o corpo da estudante de Educação Física da UFPI, Caroline Araújo Carvalho é hiperexposto, concluímos que a construção enunciativa desse perfil tem objetivos claros de alcançar cada vez mais visualizações e uma repercussão positiva para os seguidores, assim como o de divulgação do trabalho de orientação para a saúde que a estudante desenvolve.



Ensaio sobre o Corpo Observado

*Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)*

Esta investigação trouxe como ponto positivo a possibilidade de discutir o corpo a partir de um cenário discursivo como é o Instagram. Um cenário em que é possível identificar uma construção coletiva do indivíduo, pois as visualidades construídas neste campo de relações visuais, digitais e virtuais, é sempre voltada para a perspectiva do olhar do outro. Um olhar para o espelho que é decodificado através da autoimagem e autoestima das pessoas obtidas no reflexo.

Neste contexto, concluímos que a estudante do curso de Licenciatura em Educação Física da UFPI, Caroline Araújo Carvalho, possui um nível de autoimagem positivo com destaque para os aspectos sociais de condições de família e realização estudantil e profissional, assim como os aspectos intelectuais de escolaridade e emocionais de bem-estar pessoal, que foram bem avaliados e responsáveis por uma percepção de sua imagem positiva para si.

Também concluímos que a investigada apresentou um nível mediano de autoestima, sobretudo porque entende que precisa melhorar seus aspectos orgânicos (físico), seu aspecto social de status socioeconômico e o aspecto intelectual relacionado ao sucesso profissional. Ainda, a análise de conteúdo do seu perfil no Instagram apresentou como principal elemento influenciador da rede social de Caroline Araújo, a construção da sua imagem corporal como modelo e instrumento motivador e de empoderamento da mulher.

Por fim, concluímos que a atual sociedade midiaticizada atua na construção de indivíduos que se veem na perspectiva do olhar do outro. Um olhar para o espelho que se decodifica através da autoimagem e autoestima fruto das informações obtidas no reflexo. Acreditamos que o alicerce da construção corporal dos dias atuais está cada vez mais sujeito a uma ditadura midiática. Assim, esperamos que futuras análises sejam realizadas com o intuito de entender melhor os impactos gerados por essa comunicação complexa do corpo.

Contudo, o corpo exposto e modelado pela mídia não pode ser abandonado pela Educação Física, a partir do momento que todos temos o direito à liberdade, cabe ao Professor ou Profissional de Educação Física construir horizontes para olhar o corpo de um outro lugar, o lugar das singularidades, da diferença e da individualidade, sem adesão padrões, sejam eles quais forem. Acreditamos que o alicerce da construção corporal humana não pode ficar sujeito a uma ditadura midiática, pois essa construção precisa ser democrática, plural e integral. Assim, esperamos que futuras análises sejam realizadas com o intuito de entender melhor os impactos gerados por essas condições comunicação do, pelo e para o corpo que é um corpo além do biológico, é um corpo discursivo.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Simone Gonçalves; AVANCI, Joviana Quintes. Labirinto de espelhos: formação da autoestima na infância e adolescência. Rio de Janeiro: **Fiocruz**, 2004.



Ensaaios sobre o Corpo Observado

BARROS, Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. **SciELO**, História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 12, n. 2, p. 547-54, maio/ago. 2007.

BOURDIEU, P. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: **Perspectiva**, 1987.

CASTRO; FERNADEZ. Alma, corpo e a antiga civilização grega: as primeiras observações do funcionamento cerebral e das atividades mentais. **SciELO**, p. 798-809 2012.

RIBEIRO; MEZARROBA, Mídia, corpo e mercado: (im) possibilidades formativas diante do poder simbólico. **Perspectiva**, v. 37, n. 1, p. 160-183, jan/mar. 2019.

LOPES, G. F. E.; WENDLAND, C. S.; JORGE, C. C. Análise do comportamento e a felicidade: contribuições da terapia de aceitação e compromisso para o manejo clínico do comportamento privado. **Akrópolis**, Umuarama, v. 29, n. 1, p. 17-27, jan./jun. 2021.

OLIVEIRA, W. F. *et al.* Metodologias facilitadoras na educação física: objetivando o desenvolvimento social e o autodomínio emocional. **Educación Física y Ciencia**, v. 22, n. 2, 2020.

THOMAS J.R, NELSON. J.K & SILVERMAN.S.J. Introdução á pesquisa em atividade física. **Artmed**, V 6. 2012.

DANTAS, Jurema Barros. Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 11, n. 3, p. 898-912, dez. 2011 .

ROIZ. "O Corpo No Ocidente Medieval." **Estudos Feministas**, vol. 18, no. 2, 2010, pp. 610–14, <http://www.jstor.org/stable/24328178>. Accessed 24 Apr. 2022.





SOBRE OS ORGANIZADORES

Fábio Soares da Costa

Professor Adjunto do DMTE/CCE da Universidade Federal do Piauí - UFPI. Pós-doutorando em Educação pela Escola de Humanidades da PUCRS. Doutor em Educação pela PUCRS. Mestre em Comunicação pelo PPGCOM/UFPI. Especialista em Supervisão Escolar pela UFRJ. Licenciado em Educação Física pela UFPI. Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Questões Sociais na Escola - PUCRS. Líder do Grupo de Estudos de Pesquisas OBCORPO - Observatório do Corpo: mídia, educação e movimento. Tem experiência na área de Educação Física Escolar, imagem corporal, corporeidade, saúde, qualidade de vida, juventudes, educação, educação física, gênero, representações simbólicas e educação física escolar somática.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7829369714568555>

E-mail: fabiocosta@ufpi.edu.br



Edvaldo Cesar da Silva Oliveira

Formado em História e Educação Física, com Especialização em Docência Superior com ênfase em Currículo. Mestre e Doutor em Educação Física e Saúde com ênfase em lazer, espaços de lazer, comunidades em vulnerabilidade social e negritude. Professor do Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia do Piauí, atuando no campus Angical do Piauí.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0097595277903070>

E-mail: edvaldooliveira32@hotmail.com



Regina Célia Vilanova-Campelo

Professora Adjunta e Diretora do Curso em Educação Física Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Campus São João dos Patos. Docente Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional (PPGE-UEMA). Doutora em Ciências, programa Saúde Coletiva, Faculdade de Medicina Universidade de São Paulo (FMUSP). Mestre em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Especialista em Educação Física Escolar - Universidade Estadual do Piauí UESPI. Graduação em Educação Física (UESPI). Presidente da Federação de Ginástica do Piauí (FEGINPI), trabalho voluntário. Líder do Grupo de Pesquisa SAFE: Saúde, Atividade Física e Epidemiologia (SAFE/UEMA/CNPq) e Membro do Observatório do Corpo (OBCORPO/UFPI/CNPq).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3577397196124251>

E-mail: reginacampelo@professor.uema.br





Ensaaios sobre o Corpo Observado

Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)

SOBRE OS AUTORES

Artenilde Soares da Silva

Possui mestrado em Educação (2021) pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), especialização em Educação, Cultura e Identidade Afrodescendente pela a Universidade Federal do Piauí (2013) e graduação em Licenciatura Plena em Educação artística pela Universidade Federal do Piauí (2006). Faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero, Educação e Afrodescendência - Roda Griô: GEAfro na UFPI, é membro fundadora do grupo de Cultura Afro Afoxá (GruCAA), atualmente é professora e coordenadora da área de danças afro-brasileiras na Escola estadual de Dança Lenir Argente (EEDLA) em Teresina-Piauí. Tem experiência com ensino (teoria e prática) de dança afro-brasileira e dramaturgias, tem experiência na área Educação, Políticas públicas, Gênero e Afrodescendência, estágio supervisionado, e ensino fundamental na área de educação artística.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8687035004532577>

E-mail: artenildesilva@yahoo.com.br



Beatriz Lima de Araújo

Graduanda em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Piauí. Discente pesquisadora do Grupo de Estudos de Pesquisas OBCORPO - Observatório do Corpo: mídia, educação e movimento. Principal área de experiência profissional: esportes. Atualmente trabalha como professora de natação; embaixadora do Mini-Handebol no estado do Piauí; ex-atleta de handebol e árbitra nacional da modalidade. Ainda que muito envolvida na área esportiva, enxerga o esporte muito além do cunho profissional e técnico, mas como uma porta para o desenvolvimento humano e social de quem o pratica. Voltada às pesquisas ligadas à prática docente, gênero, juventude, corpo e movimento, seguindo sempre aberta às possibilidades da diversidade da pesquisa científica. Pernambucana que descobriu no Piauí um lugar de realizações e que vê a necessidade de mais protagonismo da juventude brasileira para mudança e melhoria do país.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1484591985283496>

E-mail: beatrizla98@gmail.com



Caroline Araújo Carvalho

Profissional de Licenciatura em Educação Física desde o ano de 2022, atuante na área de Professora escolar nível ensino fundamental completo mais instrutora de musculação e aulas de ginástica coletiva em academias. Coparticipante do grupo de estudo em extensão OBCOPO. Com certificação em Motricidade para Autistas, Treino Funcional e Dança em Saúde. Com posse do artigo científico intitulado em: Papel do Treino Funcional na Redução de Medidas Antropométricas de Mulheres Acima do Peso.

Email: carolinecarv@outlook.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1606387277085035>





Ensaaios sobre o Corpo Observado

*Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)*

Bruna Gabriela Marques

Mestra e Doutora em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Envelhecimento da Universidade São Judas Tadeu.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3792359187685445>

E-mail: bruna.marques@saojudas.br



Francisco Elismar da Silva Junior

Licenciado em Educação Física (UFPI-2018) e Especialista em Educação Física Escolar (UFPI-2021) e Mestrando em Sociedade e Cultura (PPGSC-UESPI). É pesquisador do corpo e tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Dança, atuando principalmente nos temas de afrodescendência, ensino médio, educação e corporeidade. É Integrante do Grupo de Cultura Afro Afoxá (Teresina-PI), onde atua como bailarino e coreógrafo e membro do Observatório do Corpo (OBCORPO-UFPI).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7541401892113044>

E-mail: elismarjuniorsil@gmail.com



Gabriela Graziane Terto e Sousa

Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Piauí (2005). Professora e atleta de judô. Atualmente é professor de Educação Física do Colégio CEV. Tem experiência na área de Educação Física com ênfase em Educação Física.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0720728252130845>

E-mail: gabrielagraziane@hotmail.com



Henrique Sandro Ibiapina Gomes

Possui graduação em Educação Física. É atleta e professor de handebol. Atualmente é professor de Educação Física do Colégio CEV. Tem experiência na área de Educação Física com ênfase em Educação Física.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1826607612957806>

E-mail: gabrielagraziane@hotmail.com





Ensaaios sobre o Corpo Observado

*Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)*

Janete de Páscoa Rodrigues

Possui graduação em Licenciatura plena em Educação Física pela Universidade Federal do Piauí (1992), mestrado em Ciências da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2001) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS (2006). Atualmente é professora Associada da Universidade Federal do Piauí. Tem experiência nas áreas de Educação Física e da Comunicação (processos midiáticos), com ênfase em Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: Produção e recepção de sentidos midiáticos, dança escolar, ginástica escolar e desenvolve pesquisas na área da Educação Física escolar.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3105000182702070>

E-mail: janetepascoa@ufpi.edu.br



João Pedro Abreu Damasceno

Monitor da disciplina de Anatomia Geral para Educação Física (2018); Monitor do projeto de extensão UFPI em Movimento (2019); Professor estagiário em atividades recreativas da Escola Municipal Planalto Ininga-PI (2019); Membro do grupo de estudos e pesquisa OBCORPO (2022); Curso de Atualização em Educação Física Escolar (2021); Graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Piauí (2022).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8017924258555357>

E-mail: joao2pedro2@hotmail.com



Lara Raysa Oliveira

Graduada em Educação Física pelo Instituto de Ensino Superior Múltiplo - IESM; Especialista em Desporto Escolar pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFPI; Especialista em Lesão no Esporte e Prescrição do Exercício Físico pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI; Técnica em dança pela Escola Técnica Estadual de Teatro Professor José Gomes Campos. Atualmente é professora de educação física e professora de dança do COLÉGIO CPI. Professora de educação física e professora de dança do COLÉGIO CEV. Professora de dança da Escola Técnica Estadual de Teatro JOSÉ GOMES CAMPOS. Atuou no COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS - CSCJ, como professora de educação física e balé clássico. Atuou no colégio Dom Bosco como professora de dança. Atuou na Fundação Barão de Itararé como professora de dança. Atuou na UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI, como professora do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, PARFOR. Atuou como professora do Instituto Superior de Educação Programus - ISEPRO. Experiência na área de educação física com ênfase em dança.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0778240764296682>

E-mail: lararaysa@hotmail.com





Ensaaios sobre o Corpo Observado

*Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)*

Marconi Pereira Lima

Graduado em Licenciatura Plena em Educação Física, pela Universidade Estadual do Piauí (2006). Pós-Graduação Lato Sensu em Docência do Ensino Superior pelo Instituto Superior de Educação São Judas Tadeu. Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Física Escolar pela faculdade FAEPI e Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Física e Atividade Física em Saúde pela FAEPI. Professor substituto da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Floriano - PI - Brasil. Professor de Educação Física do Grupo Educacional CEV. Professor e Coordenador do Curso Técnico de Dança do Estado Do Piauí - SEDUC. Técnico em dança pela Escola Técnica Estadual de Teatro Professor José Gomes Campos. Participante do grupo de pesquisa OBCORPO. Atuou na Universidade Federal do Piauí - UFPI, como professor do PARFOR. Atuou como professora do Instituto Superior de Educação Programus - ISEPRO. Experiência na área de educação física com ênfase em dança.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8800972799210008>

E-mail: marconi_2013@hotmail.com



Mesaque Silva Correia

Licenciado pleno em Educação Física (CEAP); Especialista em Educação Física Escolar (IBAESP); Mestre em Educação Física com área de concentração: "Atividade Física, Esporte e Saúde" (USJT); Doutor em Educação Física com área de concentração: Escola, Esporte, Atividade Física e Saúde (USJT). Possui ainda graduação em Pedagogia (IESAP) e Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais (UNIFAP). É doutorando em Educação pela Universidade Federal do Pará - UFPA, vinculado a linha de pesquisa "Educação, Cultura e Sociedade. Atua como professor adjunto da Universidade Federal do Piauí (UFPI), lotado no Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE). Como pesquisador propõe intervenções e projetos de investigação na área de formação e atuação de professores, assim como proponho o desenvolvimento de práticas corporais por meio de uma Pedagogia do Corpo Oprimido. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Educação Física Escolar (GEPEEFE/UFPI/CNPq); é membro do Observatório do Corpo (OBCORPO/UFPI/CNPq) e estudioso do legado de Paulo Freire e Antonio Gramsci.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9238847912776777>

E-mail: mesaquesilvacorreia@ufpi.edu.br





Ensaaios sobre o Corpo Observado

*Fábio Soares da Costa
Edvaldo Cesar da Silva Oliveira
Regina Célia Vilanova-Campelo
(Organizadores)*

Thanandra Priscila de Sousa Rocha Ferreira

Possui graduação em Licenciatura/Bacharelado em Educação Física pela Universidade Estadual do Piauí e Especialização em Fisiologia do Exercícios e Grupos Especiais pela mesma IES e Especialização em Dança - Arte na Educação pela FAEPI. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí na linha de pesquisa Mídia e Produção de Subjetividades. Bailarina clássica pela Escola de Dança do Estado do Piauí - Lenir Argento. Titular da D e T Consultoria Esportiva. Professora Assistente e Coordenadora do curso Educação Física do Centro Universitário Uninassau. Professora Substituta do Curso Técnico de Dança da Escola Técnica de Teatro José Gomes Campos. Professora Auxiliar do curso Educação Física da AESPI. Professora responsável pelo Projeto de Extensão Uni DUni Tê - (re)aprendendo o movimento. Possui experiência na área de Educação Física, com ênfase nas discussões sobre o corpo, atuando principalmente nas seguintes áreas: Corporeidade e Mídia. Atualmente é membro do OBCORPO – mídia, corpo e movimento.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9896777103545937>

E-mail: thanandra.prof@gmail.com



Wendell Lima Lacerda

Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica. Especialista em Docência do Ensino Superior. Especialista em Gestão e Supervisão Educacional. Graduado em Pedagogia. Coordenou o Curso de Pedagogia - UESPI - 2016.2 a 2017.1. Atuou como professor na Universidade Estadual do Piauí - UESPI. Atuou como professor de AEE na APAE Atuou como professor do Instituto Superior de Educação São Judas Tadeu - ISESJT. Atuou como professor PARFOR pela UESPI e UFPI. Tem experiência na área de Educação desde 2010.1. ÁREA DE ATUAÇÃO EM ESPECIALIZAÇÃO: Prática Específica I - Estudo de Casos Institucionais: trabalho multidisciplinar; Prática Pedagógica Específica II: Estudos de Casos Institucionais com trabalhos de AEE; Filosofia da Educação; Trabalho de Conclusão de Curso; O Papel do Psicopedagogo, TCC e orientação de artigos, AEE, Educação Inclusiva, Estágio Clínico e Institucional em Psicopedagogia.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0701539590983568>

E-mail: wendellimalacerda@gmail.com



Observatório do Corpo
mídia, educação e movimento

OBCORPO



@obcorpo



obcorpos@gmail.com